



NÚMERO: 224/2014

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

MARA ALINE RIBEIRO

**“ENTRE OS CICLOS DE CHEIA E VAZANTE A GENTE DO PANTANAL PRODUZ E
REVELA GEOGRAFIAS”**

ORIENTADOR: PROF. DR. EDVALDO CÉSAR MORETTI

**TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS DA UNICAMP PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
DOUTORA EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO ANÁLISE
AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA MARA ALINE RIBEIRO E ORIENTADA
PELO PROF. DR. EDVALDO CÉSAR MORETTI**

CAMPINAS

2014

Nesta página será inserida a **ficha catalográfica** confeccionada pela Biblioteca do IG.
Todas as páginas deverão, obrigatoriamente, ser numeradas.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL

AUTORA: Mara Aline Ribeiro

“Entre os ciclos de cheia e vazante a gente do Pantanal produz e revela Geografias”

ORIENTADOR: Prof. Dr. Edvaldo César Moretti

Aprovada em: **25/04/14**

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Edvaldo César Moretti _____ - Presidente

Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior _____

Prof^ª. Dr^ª. Arlete Moysés Rodrigues _____

Prof^ª. Dr^ª. Icléia Albuquerque de Vargas _____

Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos Alves _____

Campinas, 25 de abril de 2014

Para Caíque, Luiza e Fernandinho:

*filhos e crias, pois bicho pantaneiro também sou...bicho-mulher, bicho-mãe ao pressentir a Bela luz da **Luiza** iluminando os corixos por onde passa Tranquilamente o **Caíque**, menino-homem, meio índio e, portanto, sábio. Ambos seguidos pela infância do **Fernandinho**, nascido para Renovar a vida, em toda sua exuberância, como as cheias em um Pantanal dentro e fora de mim.*

Se um dia, já homem feito e respeitado, sentires que a terra cede a teus pés, que tuas obras se desmoronaram, que não há ninguém à tua volta para te estender a mão, esquece a tua maturidade, passa pela tua mocidade, volta à tua infância e balbúcia, entre lágrimas e esperanças, as últimas palavras que sempre te restarão na alma: Meu pai, minha mãe... Ruy Barbosa

Maria Luiza e Teodoro
por me presentear com a vida.

AGRADECIMENTOS

Às pessoas e instituições importantes na construção da tese:

Primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Edvaldo César Moretti, sempre presente, sem respostas prontas, porém conduzindo-me com dedicação ao entendimento e fazendo-me refletir sobre as questões teóricas.

Ao Prof. Dr. Zoran Roca, meu supervisor de doutoramento em Lisboa, por ter me proporcionado produtivas discussões a respeito da Geografia.

Ao colega português, Luís Costa, pela acolhida no Centro de Estudos do Território, Cultura e Desenvolvimento – TERCUD, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa/Portugal.

Aos portugueses, Prof^a Dr^a Maria Nazaré Roca – (Universidade Nova de Lisboa, Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional), Prof^a Dr^a Ana Firmino – (Universidade Nova de Lisboa), Dr^o Alexandre Leitão - (Universidade Técnica de Lisboa), Gila Letras, Virginia Pinhão, Joana Kouprianoff, Jaquelina Ouakini e outros que, com carinho, me receberam em terras lusitanas: realmente, vocês são grandes conquistadores.

Aos professores doutores, Maria Teresa Paes Duarte, Rita de Cássia Cruz e Douglas Santos, pelas contribuições no campo científico e por nortearem os primeiros e importantes passos a caminho da tese.

Aos professores doutores, Vicente L. Alves e Arlete M. Rodrigues, pela relevante participação e direcionamento teórico quando da minha qualificação.

À Valdirene Pinotti, secretária do Programa de Pós-Graduação do IG/UNICAMP, pela dedicação a esta aluna do Mato Grosso do Sul.

À CAPES pela concessão da bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduiche no Exterior - PDSE durante o estágio de doutoramento na Europa.

À Profª Drª Icléia Albuquerque de Vargas, pelas discussões teóricas sobre a Geografia durante a construção da tese.

Aos colegas/irmãos da Geografia professores doutores Cleonice Gardin, Cleonice Le Boulegard, Ana Paula Araújo, Edgar Costa, Roberto Paixão, Nelson Cesário e Vivina Sol.

Aos professores doutores, Albana Nogueira, Eron Brum e Marcelo Cancio, pelas discussões sobre o Pantanal.

Ao Prof. Dr. Álvaro Banducci, Luciana Scanoni e à pequena Anahi, pela acolhida em Campinas.

Agradeço o apoio de todos os colegas do Curso de Ciências Sociais da UFMS, representados aqui no nome da Olívia Gonçalves de Almeida.

À Profª Drª Silvana L. Moretti, pelo incentivo e ajuda na preparação para o estágio de doutoramento na Europa.

Aos pantaneiros e pesquisadores, pela gentileza e dedicação de parte do seu tempo para as entrevistas usadas na tese.

Às pessoas que gentilmente me cederam as fotografias para inserção na tese: Prof. Dr. Rudi Laps, Profª Drª Andréa C. de Araújo, Prof. Dr. Eron Brum, Profª Me. Rosa Maria S. Fernandes, Prof. Me. Fábio Ayres, Prof. Esp. Lamartine Ribeiro, Gabriela Cernic, Erdina Viana, Felipe Proença, Elton de Souza, Luiz Fernando dos Santos, Adir dos Santos e Célio Silva,.

Às pessoas que, sem saber, participaram do início dessa jornada: Reinaldo Fagundes, Marco José S. Silva, Augusto C. Malheiros, Celso Smaniotto e Rosemary T. Sodrê.

À Eloá Gonçalves Miranda, pelo cuidado com minha casa e meus filhos enquanto eu construía a tese.

Aos amigos e amigas responsáveis pelos agradáveis momentos de descontração, necessários para as ideias fluírem melhor, Andréa Flores, Ângela Zanon, Suzete Wiziack, Milton Wiziack, Ana Gomes, Edson Mamori e Helder Andrade.

À querida gente pantaneira, simples, hospitaleira, amiga, por compartilhar comigo do melhor lugar do mundo – o Pantanal.

À minha querida Icléia - irmã do coração - pelos trinta anos de companheirismo.

Ao meu irmão Lamartine Ribeiro, pela crença depositada em mim, da qual nem sei se sou merecedora.

À minha querida Manuela Flores Ribeiro, pelo seu sorriso encantador.

Aos meus filhos, Caíque, Luiza e Fernandinho, aos quais também ofereço esta tese, ao mesmo tempo peço-lhes desculpas pela minha ausência física.

*Finalmente, ao grande pesquisador e conhecedor da “pantanabilidade”, **Fernando Paiva**, que durante a construção desta tese foi motorista nos trabalhos de campo no Pantanal, professor, doutor, revisor, ouvidor, discutidor, cuidador de filhos e companheiro de vida.*



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**ENTRE OS CICLOS DE CHEIA E VAZANTE A GENTE DO PANTANAL PRODUZ E
REVELA GEOGRAFIAS**

RESUMO

Tese de Doutorado

Mara Aline Ribeiro

Os primeiros registros de ocupação e produção no Pantanal pelo mundo moderno, contam de aproximadamente duzentos anos, período em que assume as características sociais, culturais e econômicas valorizadas na atualidade como promotoras da inserção de seus produtos e serviços no mercado internacional, atendendo a uma demanda mundial tanto de produtos advindos da pecuária modernizada, quanto do turismo. A economia global imprime os novos caminhos para a produção espacial, introduz novos sujeitos, reorganiza o modo de vida dos habitantes e modifica as relações com a natureza. As transformações pelas quais a gente pantaneira e o Pantanal estão passando nas últimas décadas inseriram outros elementos ao cotidiano pantaneiro, alteraram os já construídos e promoveram um processo de ressignificação da geografia do Pantanal. A geografia como reveladora do movimento da sociedade está se transformando no Pantanal, desde o final do século passado, alicerçada na mercantilização da natureza e nas novas relações econômicas e socioculturais em construção. Para entender o processo de transformação no Pantanal, o referencial teórico da Geografia aliado a outros saberes, subsidiou a compreensão científica da dinâmica pantaneira.

Palavras-chave: Geografia; Turismo; Transformações espaciais; Pantanal.



UNIVERSITY OF CAMPINAS
INSTITUTE OF GEOSCIENCE

**BETWEEN FLOOD AND EBB CYCLES, THE PEOPLE FROM PANTANAL
PRODUCES AND UNVEILS GEOGRAPHIES**

ABSTRACT

PhD Thesis

Mara Aline Ribeiro

The first evidences of settlement and production by the modern world in the Pantanal, are from approximately two hundred years ago. During this period it assumes the social, cultural and economic characteristics regarded as proponents of the integration of its products and services in the international market, meeting a global demand for products derived from modernized livestock farming, as well as tourism. The global economy new paths for spatial production, introduce new agents, reorganize the way of life of the inhabitants and modifies the relationship with. The transformations by which the Pantanal and its people have been going through in recent decades have introduced new elements to the Pantanal routine, modified previously formulated ones and promoted a process of redefinition of the Pantanal's Geography. Since the end of last century, Geography has become a contributing factor for the evolving society of Pantanal, based on the commercialization of the natural environment and on the development of new economic and socio-cultural relationships. The theoretical framework of Geography has contributed with the scientific comprehension of the Pantanal's dynamics for a better to understanding of the transformation process in the Pantanal, the theoretical framework of Geography combined with other knowledges, contributed to the scientific understanding of the Pantanal's dynamics.

Keyword: Geography; Tourism; Spatial transformations; Pantanal.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	vii
AGRADECIMENTOS	xi
RESUMO	xv
ABSTRACT.....	xviii
LISTA DE FIGURAS.....	xxiii
LISTA DE SIGLAS.....	xxvii

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

CAPÍTULO I

DESVENDANDO O PANTANAL/MS: AS GENTES PANTANEIRAS E A CONSTRUÇÃO DE GEOGRAFIAS.....	15
---	-----------

1.1 Os proprietários de terras: pequena contextualização histórica	20
--	----

1.2 O mundo do trabalho na produção pecuária do Pantanal: os trabalhadores das fazendas	29
--	----

1.3 Proprietários de empreendimentos turísticos: construtores das novas formas de produção no Pantanal.....	39
--	----

1.4 Novas gentes pantaneiras: os trabalhadores do turismo.....	46
--	----

CAPÍTULO II

A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA NO MUNDO MODERNO: A PRODUÇÃO DO PANTANAL E O COTIDIANO DAS SUAS GENTES	59
---	-----------

2.1 A urbanização do campo e a interferência na relação com a natureza.....	64
2.2 Os problemas sociais urbanos e os impactos nas gentes pantaneiras: o caso das bebidas alcoólicas.....	722
2.3 As novas relações com a natureza: das ervas medicinais aos medicamentos industrializados	75
2.4 As crianças cresceram: o retorno dos jovens ao Pantanal.....	79
2.5 A espetacularização da natureza: entre a hostilidade e a geração de renda	83
2.6 Conhecimento popular aliado à tecnologia: o caso das queimadas.....	94

III CAPÍTULO

O MUNDO NO PANTANAL: GLOBALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E

DESENVOLVIMENTO	99
------------------------------	-----------

3.1 A ciência, a tecnologia e o Pantanal.....	104
3.2 As interferências da globalização no modo de vida das “gentes pantaneiras” ...	111
3.3 Pantanal: a caminho da modernização e do desenvolvimento?.....	122

IV CAPÍTULO

MEMÓRIAS DAS GENTES PANTANEIRAS: A CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA DO PANTANAL.....

127

4.1 Imagens do passado: o uso da memória coletiva para a construção da Geografia do Pantanal.....	131
---	-----

4.2 Memórias do trabalho na pecuária e no turismo: construções e conflitos no Pantanal.....	147
4.3 Lembranças do passado: novos significados das águas no Pantanal	161
V CAPÍTULO	
TURISMO NO PANTANAL: ENTRE O EXISTENTE E A CONSTRUÇÃO PARA O MERCADO	1711
5.1 O produto turístico Pantanal: as imagens dos <i>websites</i> das pousadas pantaneiras nos Pantanaís do Abobral e do Aquidauana.....	175
5.2 O turismo no Pantanal: Quanto vale e quanto custa.	184
5.3 O momento atual: está na moda ser pantaneiro?.....	191
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	205
ANEXOS.....	221

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Delimitação espacial da tese, Pantanal do Abobral e Pantanal do Aquidauana.	4
Figura 1.2: Delimitação espacial da tese, Pantanal do Abobral e Pantanal do Aquidauana.	5
Figura 1.3: Aviões monomotores estacionados no pátio de uma fazenda no Pantanal.	233
Figura 1.4: Transporte de gado em comitiva.....	244
Figura 1.5: Sala de radioamador de uma fazenda.	255
Figura 1.6: Animais dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo mercado.....	277
Figura 1.7: Triciclo utilizado para o trabalho no campo.....	28
Figura 1.8: O trabalho artesanal de um peão no galão da fazenda.	30
Figura 1.9: Núcleo Escolar Cyriaco da Costa Rondon - Fazenda Tupanciretã.....	36
Figura 1.10: Sala de aula do Núcleo Escolar Santana - Fazenda Santana.	37
Figura 1.11: Barco - transporte escolar utilizado pelas crianças pantaneiras.....	38
Figura 1.12: Mesa do café da manhã para os turistas em uma pousada pantaneira, composta de produtos perecíveis.	41
Figura 1.13: Micro-ônibus utilizado para transporte de turistas no Pantanal.	42
Figura 1.14: Avião monomotor estacionado no pátio de uma pousada no Pantanal para transporte de turistas.	42
Figura 1.15: Ponte quebrada no KM 23 da Estrada Parque Pantanal.....	44
Figura 1.16: Ponte quebrada no KM 19 da Estrada Parque Pantanal.....	45
Figura 1.17: Estrada privada de acesso às pousadas e às fazendas no Pantanal.	45

Figura 1.18: Vestimentas dos profissionais do turismo, <i>jeans</i> , camiseta, boné e chapéu.....	52
Figura 2.1: Apartamento de uma pousada no Pantanal.....	66
Figura 2.2: Casas de um vilarejo ribeirinho pantaneiro com rede de energia elétrica, antenas parabólicas e para telefonia celular.....	70
Figura 2.3: Chalanas ancoradas no Rio Miranda, com rede de energia elétrica, antenas parabólicas e para celular.	71
Figura 2.4: Peão pantaneiro - 22 anos.....	81
Figura 2.5: Habilidade dos monitores ambientais com os animais para apreciação dos turistas.....	89
Figura 2.6: Arara domesticada no balcão da lanchonete de uma pousada no Pantanal.	86
Figura 2.7: Cateta domesticada se alimenta de farelo de milho no pátio de uma pousada no Pantanal.	87
Figura 2.8: Animal atacado por onça	88
Figura 2.9: Os filhotes dos animais são atrações turísticas para as crianças no....	92
Figura 2.10: A arara domesticada é uma das atrações para os turistas.....	178
Figura 2.11: Modelo de cartaz de campanha publicitária.....	94
Figura 3.1: Animais com dieta suplementada garantem qualidade e rentabilidade ao rebanho.	106
Figura 3.2: Placa indicativa do título de Patrimônio Natural da Humanidade, concedido ao Pantanal pela UNESCO.....	109
Figura 3.3: Página de rede social do monitor ambiental pantaneiro.....	113
Figura 3.4: Página de rede social utilizada para divulgação de oportunidade de emprego em pousada no Pantanal	113
Figura 3.5: Panfleto de propaganda. Destaque para a forma de pagamento	1166

Figura 3.6: Tabela referente aos salários dos empregados rurais.....	118
Figura 3.7: A figura traduz uma sátira da influência da televisão sobre o telespectador.....	120
Figura 3.8: Trabalhador pantaneiro utiliza telefone celular na função rádio.	125
Figura 3.9: Contraste entre a antena parabólica e o casebre.....	126
Figura 4.1: Chegada dos convidados para festividade em fazenda do Pantanal	1333
Figura 4.2: O tradicional churrasco de buraco ou churrasco	134
Figura 4.3: Festa de batizado de uma criança no Pantanal.....	135
Figura 4.4: Casamento em uma fazenda no Pantanal.....	136
Figura 4.5: Time de futebol representante de uma fazenda pantaneira	137
Figura 4.6: Jogo de futebol – uma das diversões para as crianças pantaneiras ..	137
Figura 4.7: Pouso de helicóptero no Pantanal durante a 20ª Festa do Laço.....	138
Figura 4.8: Crianças no Porto da Manga - Pantanal/MS.....	140
Figura 4.9: Ponte de concreto sobre o Rio Miranda, inaugurada em Abril de 2012, ao lado, a antiga ponte de madeira.....	141
Figura 4.10: Em destaque, a Estrada Parque Pantanal em período de cheia e uma placa indicativa de acesso para duas pousadas pantaneiras.....	142
Figura 4.11: Estrada Parque Pantanal em período de cheia.....	143
Figura 4.12: Estrada Parque Pantanal em período de seca	144
Figura 4.13: Fogão à lenha ainda utilizado nas fazendas do Pantanal.....	146
Figura 4.14: Peões pantaneiros com vestimentas para o trabalho no campo	152
Figura 4.15: Peões com vestimentas inadequadas para o trabalho no campo	154
Figura 4.16: Peão com vestimentas e equipamentos apropriados para o trabalho no campo.....	154

Figura 4.17: Pecuarista pantaneiro sentado com os filhos ao redor. As setas indicam os empregados junto ao patrão e a família.....	152
Figura 4.18: Pecuarista pantaneiro reunido com as crianças da fazenda, filhos dos empregados e do patrão.	153
Figura 4.19: O trabalho dos peões durante a retirada do gado das áreas baixas do Pantanal no período das cheias.....	162
Figura 4.20: Gerente de fazenda acompanha, no barco, a retirada do gado para áreas altas do Pantanal durante as cheias.	162
Figura 4.21: Casas pantaneiras construídas sobre palafitas.	162
Figura 4.22: As crianças brincavam às margens de um rio no Pantanal, 1962.	165
Figura 4.23: Criança com aproximadamente três anos brincava no barco às margens de um rio no Pantanal (1962).....	17866
Figura 5.1: Galpão de fazenda, utilizado para guardar os equipamentos dos pões, para descanso e roda de conversa com turista.	177
Figura 5.2: Imagem da onça pintada, coletada no <i>site</i> de uma pousada.....	178
Figura 5.3: Site de divulgação de uma pousada pantaneira.	178
Figura 5.4: Turistas em atividade de manejo do gado	180
Figura 5.5: Imagem coletada no <i>site</i> da pousada pantaneira P03/07/13.....	1822
Figura 5.6: Logo do Projeto Arara Azul, vinculado à pousada P05-07/13.	184
Figura 5.7: Tabela adaptada pela autora com informações de diversos sites.....	186
Figura 5.8: “MS quer você” - campanha de divulgação do turismo no estado de Mato Grosso do Sul em rede social <i>Instagram</i>	19191

LISTA DE SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos
ABIH	Associação Brasileira da Indústria de Hotelaria
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CONTEL	Conselho de Telecomunicações
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
FETAGRI	Federação dos Trabalhadores na Agricultura
FETEMS	Federação da Agricultura e da Pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul
FUNRURAL	Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
ONG	Organização Não Governamental
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRORURAL	Programa de Assistência ao Trabalhador Rural

PREVFOGO	Unidade do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMAC	Secretaria do Estado de Mato Grosso do Sul de Estado do Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SISFOGO	Sistema Nacional de Informações sobre Fogo
TERCUD	Laboratório do Centro de Estudos do Território, Cultura e Desenvolvimento, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, em Lisboa.
TV	Televisão
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Autor: RIBEIRO, L.

*Ser pantaneiro é sentir
o cheiro da fruta
Nadar em águas barrentas
Remar em águas correntes
Ser pantaneiro é a fuga da morte
É a busca da vida
LACERDA, C.; LACERDA,
M.; BARRETO V.*

INTRODUÇÃO

*Eu conto ao senhor o que eu sei
e o senhor não sabe; mas
principalmente quero contar é o
que eu não sei se sei, e que pode
ser que o senhor saiba.*
ROSA, G.

Os registros de ocupação do Pantanal¹ contam desde o século XVII, indígenas, portugueses, espanhóis, paraguaios, bandeirantes paulistas, bolivianos, entre outros, construíram e reconstruíram o território pantaneiro ao longo do tempo.

Considerando o caráter topográfico e topológico dos estudos em Geografia, necessários para entender a lógica da transformação das ideias e dos produtos determinantes do perfil geográfico da investigação científica, optou-se por realizar esta pesquisa na parte do Pantanal, localizada ao norte do estado de Mato Grosso do Sul, com área de 89.318 quilômetros quadrados (SILVA & ABDON, 1998), mais especificamente, o Pantanal do Abobral, com área de 2.833 quilômetros quadrados (SILVA & ABDON, 1998), e o Pantanal do Aquidauana, com área de 5.008 quilômetros quadrados (SILVA & ABDON, 1998).

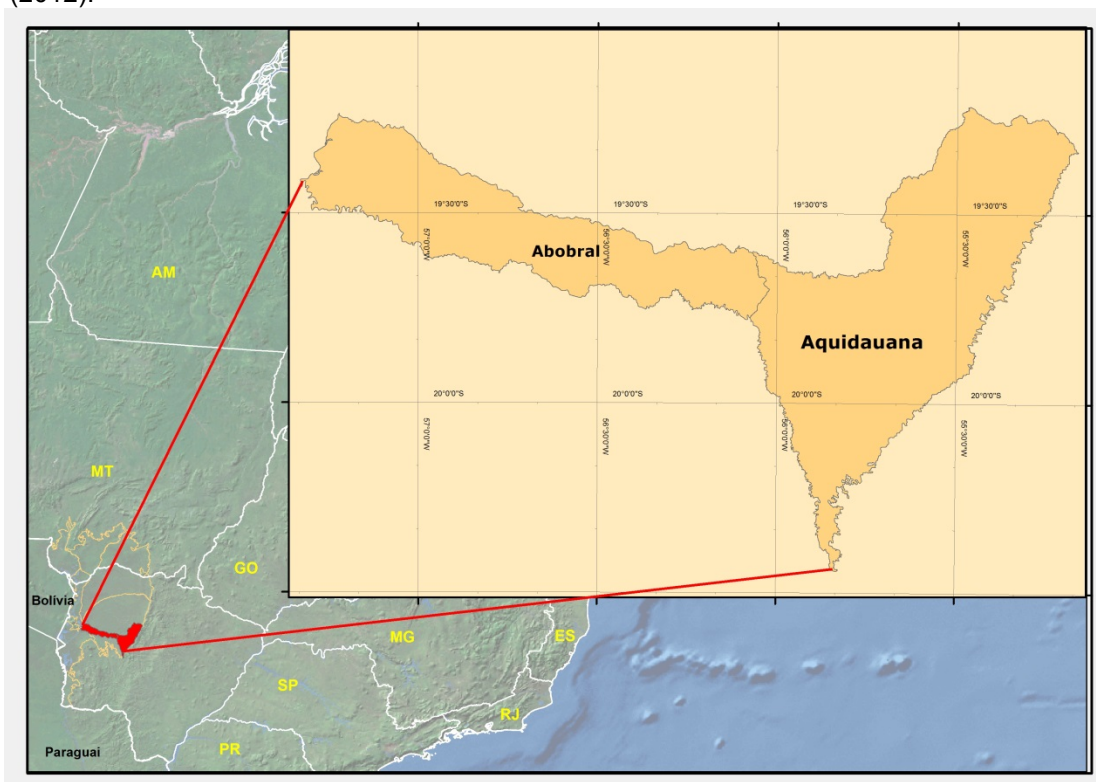
¹ Nesta tese considera-se como Pantanal uma área de 138.183 quilômetros quadrados no Brasil. As diversidades culturais e ambientais permitem a identificação de onze sub-regiões: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho (SILVA & ABDON, 1998), entre os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estendendo-se para a Bolívia e o Paraguai.

Figura 1.1: Delimitação espacial da tese, Pantanal do Abobral e Pantanal do Aquidauana (2012).



Autor: AYRES, F. M.

Figura 1.2: Delimitação espacial da tese, Pantanal do Abobral e Pantanal do Aquidauana (2012).



Autor: AYRES, F. M.

A opção se justifica pelo fato de o Pantanal do Abobral, assim como o do Aquidauana serem regiões com cerca de duzentos anos de tradição pecuária e expressarem as transformações ocorridas no Pantanal no decorrer do tempo. São regiões organizadas em propriedades rurais, conhecidas como fazendas, nas quais, até meados do século passado, se desenvolvia, quase exclusivamente, a atividade pecuária.

A construção histórica do Pantanal foi permeada por acontecimentos promotores de mudanças, de ordem política, social e econômica, significativas em sua Geografia, dentre elas a divisão do Estado de Mato Grosso uno e a criação de uma nova Unidade da Federação - o Estado de Mato Grosso do Sul, caracterizou-se como um marco na constituição do Pantanal moderno.

No novo Estado, alguns eventos foram marcantes, como, por exemplo, a implantação da Estrada-parque Pantanal², a pavimentação asfáltica da BR 262, e, principalmente, a promoção da separação do chamado bioma pantaneiro em dois entes federativos, os quais apresentam formas de ocupação, às vezes, diferenciadas e conflitantes. Esses e outros episódios colaboraram no processo de modificação do espaço pantaneiro e conduziram ao recorte temporal proposto: da década de 1970.

O Pantanal está dividido em fazendas, nas quais, até meados do século XX, se praticava, em sua maioria, unicamente a pecuária extensiva de corte. O período reconhecido como a “crise da atividade pecuária” (entre 1980 e 1990), levou os fazendeiros a vislumbrarem formas alternativas de complementação dos lucros, entre elas, a atividade turística se destaca.

Atualmente, a reorganização espacial desses Pantanaís abrangem imóveis rurais, com funções especificamente pecuárias ou turísticas, assim como aqueles onde o espaço é compartilhado com o turismo e a pecuária em um mesmo local.

No final da década de 1970, iniciou-se no Pantanal um período de grandes mudanças que culminaram, no início do século XXI, com a ascensão de outras modalidades econômicas, com o avanço das comunicações e das tecnologias, impondo ao Pantanal novas relações socioeconômicas e novas pessoas. Esse reordenamento interferiu diretamente no território, na territorialidade, na produção do espaço pantaneiro e no modo de vida da população pantaneira.

A alteração espacial calcada na ordem mundial está ressignificando a Geografia do Pantanal - objeto de estudo da presente tese, caracterizada por diferentes relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza.

² O Decreto MS no. 7.122/93 instituiu a Estrada Parque Pantanal (SORIANO, 2006, p. 57), até então denominada de Estrada Transpantaneira.

As gentes pantaneiras vivenciam e constroem as novas relações com a natureza na produção do espaço. Ao longo dos escritos será usada a expressão “gentes pantaneiras” como referência aos moradores/produtores do Pantanal, aos vários grupos, à multiculturalidade, à diversidade e às diferentes classes sociais formadoras da cultura pantaneira. São homens, mulheres e crianças envolvidos diariamente na construção, reconstrução e ressignificação da Geografia do Pantanal.

A nova dinâmica organizacional pantaneira provoca um movimento de reestruturação da geografia na delimitação espacial de abrangência da tese e instiga alguns questionamentos: Quais instituições/organismos interferiram e ainda interferem nas modificações do lugar? Quais acontecimentos participam do processo de produção do Pantanal no mundo da mercadoria? Como as gentes pantaneiras se relacionavam com a natureza? Qual o tipo de relação as gentes do Pantanal estão construindo com a natureza e qual o significado da transformação nas relações sociais e com a natureza? Quem são os novos sujeitos sociais que atuam na produção da geografia do Pantanal? Como foi e a quem privilegiou a inserção de novas atividades econômicas no Pantanal? Como a reestruturação econômica do Pantanal interfere no modo de viver dos pantaneiros?

A partir destas indagações, gêneses do projeto de pesquisa, a discussão proposta se baliza na seguinte questão: “As novas relações em construção entre a gente pantaneira e a natureza, promovidas pelas transformações na produção do espaço do Pantanal a partir da década de 1970”.

O objetivo da tese é: Compreender o processo de transformação da Geografia do Pantanal e as novas relações das gentes pantaneiras com a natureza, a partir das mudanças na forma e na função das propriedades rurais pantaneiras, considerando os aspectos socioambientais - visíveis e invisíveis - na produção do espaço pantaneiro.

Para interpretar as novas relações em construção entre a gente pantaneira e a natureza, desencadeadas pela reconfiguração na produção do espaço do Pantanal, é preciso entender as diferentes concepções de natureza e

de sociedade. No desenvolvimento de uma pesquisa em Geografia, a visão qualitativa da realidade assume papel relevante na condução da investigação científica.

O método de aplicação de uma pesquisa em Geografia, nesta tese, iniciou-se com minuciosa revisão bibliográfica, partiu do princípio da observação e do levantamento de dados, por meio de registros fotográficos, e de setenta e três entrevistas estruturadas com os sujeitos da pesquisa, coletados diretamente em campo e analisados qualitativamente à luz da Geografia.

O referencial teórico da Geografia aliado a outros saberes, subsidiou a compreensão científica ao problema apresentado, a partir das ideias de: Bauman (1999), Bosi (2001), Canclini (1998), Candido (1977), Castoriadis (1987), Debord (2003), Giddens (1999), Haesbaert (2009 e 2006), Halbwachs (2003), Harvey (2005), Lefebvre (1973), Porto Gonçalves (1990 e 2006), Raffestin (1993), Rodrigues (1998), Santos (2008, 2010), Smith (1998), Souza Santos (2004 e 2010), Thomas (2010), entre outros.

As análises das especificidades pantaneiras se apoiarão em estudiosos como: Banducci Jr. (2007), Brum (2004), Moretti (1999 e 2006), Nogueira (2002) e Vargas (2010).

A tese tem bases teóricas combinadas com outras ciências sob o olhar das ciências geográficas, responsáveis por conduzir à compreensão do processo de transformação na forma de produção do espaço pantaneiro, promovida pelo capitalismo em suas diferentes vertentes. A Geografia, de referência na dialética, possibilitará: a construção das respostas às indagações da tese e o entendimento das mudanças no processo produtivo e nas relações sociais, culturais e ambientais do Pantanal.

Os elementos científicos propostos, aliados à experiência de um estágio de doutoramento, realizado com apoio da CAPES, no Laboratório do Centro de Estudos do Território, Cultura e Desenvolvimento - TERCUD, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, em Lisboa - Portugal, sob a orientação do diretor do TERCUD, o geógrafo Prof. Dr. Zoran Rocca, ofereceu

subsídios para a formação científica, a partir de um olhar da Geografia produzida na Europa.

Neste trabalho, a experiência pessoal da autora, que desenvolve estudos e pesquisas na área delimitada desde 1993, permitiu vivenciar o cotidiano pantaneiro e assim manter-se o mais próxima, possível, da realidade local, para estruturar a análise do objeto de estudo, também, como observadora participante, apoiada na afirmação de Bosi (2001):

Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida (BOSI, 2001, p. 38)

A tese foi estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta os sujeitos da pesquisa, denominados de gentes pantaneiras, e faz uma análise da evolução histórica, social e cultural desses homens, mulheres e crianças. Para tanto se elencaram quatro categorias de gentes pantaneiras: os proprietários de terras, os empregados das fazendas, os proprietários dos empreendimentos turísticos e os trabalhadores do turismo.

As gentes pantaneiras proprietárias de terras, receberam as terras como herança de família ou as adquiriram no decorrer do tempo. Em um universo de conquistas, de dificuldades, de poder, de modernização e acúmulo de riqueza, o território Pantanal se consolidou como um dos maiores criatórios de gado do país, amparado por profissionais experientes e qualificados para a lida com o gado, os empregados das fazendas.

As gentes pantaneiras empregadas de fazendas tinham como características hábitos simples e poucas relações sociais. O cotidiano dos trabalhadores das fazendas sempre esteve relacionado à lida dos animais. Com o início da atividade turística no Pantanal, essa categoria de gente pantaneira passou por um processo de duplicidade de função – pecuária e turismo.

Assim, novos grupos passaram a fazer parte da chamada gentes pantaneiras: os proprietários dos empreendimentos turísticos e os trabalhadores do turismo.

Os proprietários de empreendimentos turísticos são responsáveis pelos investimentos na construção, manutenção e administração das pousadas, ranchos de pesca, barcos de pesca e *camping*.

A última categoria elencada são os trabalhadores do turismo, nas funções de monitores ambientais, guias de turismo, motoristas, pilotos, barqueiros, camareiras, limpeza e conservação, gerência, garçons e cozinheiras nas pousadas.

Nesse universo de diversidades produtivas e culturais, surgem conflitos, desafios e interações entre ambiente, população e produção.

O segundo capítulo se detém nas transformações, visíveis e invisíveis, ocorridas no Pantanal, sobretudo nos últimos quarenta anos, e as novas relações construídas entre as gentes pantaneiras e a natureza sob o olhar da Geografia, ou seja, como os habitantes do Pantanal usam a natureza, participam do ciclo produtivo do espaço, administram a urbanidade, adaptam-se às novas tecnologias, conduzem os problemas sociais, identificam a relevância dos fatos como modelo implantado pelo mundo global e reorganizam o território.

O reencantamento pela natureza nos modelos atuais alterou a compreensão de natureza e de conservação ambiental construída pelo pantaneiro, onde, até a segunda metade do século passado a ideia de natureza compartilhada e o valor mercantil dado a ela diferenciava do momento histórico atual, no qual a natureza passou a ser comercializada como um produto, uma mercadoria.

A problemática ambiental no Pantanal emerge da questão cultural, no sentido da transformação na relação entre a gente pantaneira e a natureza.

A discussão proposta no terceiro capítulo se baliza nos efeitos da ciência e da tecnologia na condução do mundo globalizado, responsáveis por alterar o modo de vida da gente pantaneira e imprimir aos produtos, qualidades competitivas para rápida comercialização e retorno financeiro.

O acesso a diferentes técnicas e tecnologias, principalmente de comunicação, (televisão, celular, computador), insere a população local na modernidade tecnológica, mas pode mantê-la à parte do processo de desenvolvimento. Logo, a modernização pode, mas não necessariamente, conduzir o ser humano ao desenvolvimento, objetivo esse alcançado através da aplicabilidade da técnica, a qual possibilitará aumentar a renda e nortear outras conquistas, como, por exemplo, alimentação, saúde, infraestrutura.

No quarto capítulo, as memórias coletivas das gentes pantaneiras dos Pantanaís do Abobral e do Aquidauana, entrevistadas, analisadas à luz da Geografia, traçaram um contraponto entre o viver pantaneiro do passado e do presente, utilizando como elementos comparativos as celebrações festivas, o trabalho, a educação, a família, o sistema de comunicação, o transporte, a infraestrutura, a promulgação das leis, a chegada do turismo, a relação com as águas, a reorganização do território e a adaptação aos novos modelos de produção impostos no Pantanal. Essas recordações auxiliaram na compreensão da Geografia construída no Pantanal, especialmente, com a modernização da pecuária e o desenvolvimento da atividade turística na delimitação da área de pesquisa.

O quinto e último capítulo faz um contraponto entre o real, ou seja, a verdade ambiental e social, nas entrelinhas do oculto, da imagem gerada para comercialização do produto Pantanal, a partir da consolidação do turismo, com suas formas e contradições promovidas pela mercantilização cênica do Pantanal ao mostrar uma “ideia” do lugar.

Os *websites* das pousadas pantaneiras serviram como elementos para a análise da realidade local e do idílico comercializado pelos promotores do turismo. E, por fim, a apreciação dos depoimentos e relatos, calcada no referencial teórico, possibilitou discutir a adaptação das gentes pantaneiras ao novo ordenamento territorial, e se, realmente, “está na moda ser pantaneiro ou pantaneira”, em atendimento ao conclames do mercado global.

A produção do chamado Pantanal a partir de um jogo de relações sociais conflitantes e contraditórias, travadas no interior do modo de produção capitalista, constitui a essência do problema da tese: “As transformações nas formas utilizadas pelo capitalismo para a valorização e produção do Pantanal, a partir da década de 70 do século XX, promove mudanças culturais, sociais e ambientais fundamentais nas gentes pantaneiras”.

Nos meandros desse jogo, a Geografia se mostra como uma “renda nhanduti³” montada pelo cruzamento de fios presos por nós. Nesse trabalho, os fios representam o referencial teórico e as falas das gentes pantaneiras, e, as interpretações da autora buscam amarrar o sentido geográfico ao trabalho. Assim, foi possível construir a tese: “O Pantanal, enquanto uma área valorizada mercadologicamente, é fruto das transformações nas formas de produção. A pecuária modernizada e o turismo geram novas relações entre os seres humanos e destes com a natureza. Esses processos ressignificam o território pantaneiro dando origem a outras geografias no Pantanal”.

As transformações econômicas, visíveis e invisíveis, pelas quais o Pantanal está passando desde a década de 1970, com a inserção da atividade turística e a modernização da pecuária, reestruturam as relações sociais, culturais e com a natureza, revelando “outras Geografias” com o reordenamento territorial.

O curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia – IG, da Universidade de Campinas – UNICAMP, iniciado em Agosto de 2010 é consequência de uma escolha pessoal pelo magistério. Como docente da

³ Nhanduti é uma tecelagem e na linguagem indígena significa teia de aranha. Essa renda é conhecida em todo o mundo, mas é possível que tenha nascido na Espanha por volta do século dezesseis e daí trazida para as Américas através das Ilhas Canárias, porto de trânsito para os navegadores espanhóis. No Brasil, a renda surgiu logo após a guerra do Paraguai, quando soldados brasileiros voltaram ao nosso país acompanhados de mulheres paraguaias conhecedoras dessa técnica. A renda é tecida com fios, agulhas e nós, os cruzamentos darão formatos geométricos ao trabalho. Disponível em: <http://www.tearderetalhos.com>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, a pós-graduação tornou-se uma demanda importante a ser cumprida na consolidação da carreira acadêmica, assegurando qualidade às atividades de ensino, pesquisa e extensão e fortalecendo as propostas de pós-graduação da Instituição.

Esta tese está referenciada por uma trajetória como pesquisadora do viver pantaneiro desde 1993 e fruto das discussões com o orientador, Prof. Dr. Edvaldo Moretti.

Os vinte anos de experiência no Pantanal foram alicerçados desde minha infância, entre as cidades de Aquidauana - de onde sou natural, Miranda e Corumbá. No meu pertencer pantaneiro, as lembranças permeiam os sabores das frutas (manga, goiaba, caju), o cheiro do peixe, o paratidal florido, o som dos pássaros, as picadas dos mosquitos, o sol escaldante, o banho de rio e a pescaria. Nessa história existem paraguaios, bolivianos, indígenas, portugueses e assombrações. Assim, o Pantanal continuará fazendo parte da construção de meus saberes.

CAPÍTULO I

DESVENDANDO O PANTANAL/MS: AS GENTES PANTANEIRAS E A CONSTRUÇÃO DE GEOGRAFIAS

*A quinze metros do arco íris o sol é cheiroso.
A ciência ainda não pode provar o contrário.*
BARROS, M.

Os primeiros registros de apropriação por não-índios no Pantanal datam de pelo menos duzentos anos, (Proença 1997; Barros, 1998; Moretti, 2006; Nogueira, 2006; Banducci Jr., 2007).

Nos dias atuais, o Pantanal, em quase sua totalidade, encontra-se dividido em grandes propriedades privadas, em porções territoriais conhecidas por fazendas. Em suas terras, até meados do século XX, era praticada, sobretudo, a pecuária extensiva de corte, em consonância com pequenas produções artesanais e de subsistência.

Conforme relato em comunicação pessoal de E30-01/12, do boi abatido aproveitava-se quase tudo: do couro eram produzidas as “traias” de arreo⁴, os laços, o tirador⁵; do sebo, era fabricado o sabão⁶; parte da carne se transformava em charque; da produção de leite derivava o queijo caipira, queijo nicola⁷,

⁴ Itens que compõem a “traia” de arreo: Baixeiro (lona que vai por baixo e o trançado de lã), arreo, cabresto ou cabo, freio, barrigueira, pelego, peitoral de argolas, laço de couro trançado, maneador (tira de couro para amarrar o animal), capa de chuva, alforge (sacola para roupas).

⁵ Tirador: avental de couro preso à cintura do peão, utilizado na lida do gado.

⁶ Sabão de soda: produzido com o sebo extraído do gado abatido.

⁷ Queijo nicola ou nicolinha: com aparência de aboborinha, é cozido e exige técnica própria de produção (Comunicação pessoal de NOGUEIRA, A. X., Janeiro de 2012).

requeijão, doces, etc. Dos engenhos de cana, comuns em algumas fazendas, eram extraídos o açúcar, a rapadura e o melado. Também era praticada a criação de porcos, galinhas, patos; plantação de mandioca, laranja, abóbora, pequena horta. Ainda hoje, algumas fazendas os produzem em pequena escala, para o consumo caseiro e para venda nas cidades próximas.

Os avanços tecnológicos, sobretudo de comunicação, inseriram o Pantanal no mercado internacional, atendendo a um apelo por áreas naturais. Concomitantemente habitantes dos países, principalmente do hemisfério norte, estavam em processo de reencantamento⁸ pela natureza e, localidades com atrativos turísticos em ambientes naturais, como o Pantanal, atraíam visitantes e começou a ser valorizado pela apropriação do mercado turístico.

Nesse contexto, a atividade turística começou a despontar como uma alternativa de renda no Pantanal, acompanhando a demanda mundial pelo turismo desde os anos de 1960. Segundo o sociólogo Just Krippendorf (2000):

A partir dos anos 60, o turismo se desenvolveu num passo desenfreado, com euforia geral. Um crescente número de países, de regiões e de empresas tentava apoderar-se de um filão dessa suposta mina de ouro. Para todos, a empresa turística representava a grande oportunidade, o meio bem merecido de compensar todos os anos de guerra e de crise, a possibilidade tão esperada de iniciar, enfim, o desenvolvimento econômico e obter vantagens com o estímulo que significavam as divisas estrangeiras (KRIPPENDORF, 2000, p. 95-96).

No Pantanal, a procura dos turistas, foi, inicialmente, para a prática do turismo de pesca, em grande escala, e do turismo de aventura⁹. Nos anos 80 do século passado, oitenta por cento dos fazendeiros entrevistados destinavam,

⁸ A natureza assume um caráter de encantamento capaz de resolver os problemas urbanos magicamente.

⁹ Turismo de aventura, praticado por turistas que buscam emoções radicais. Estão nesse grupo os que viajam longas distâncias. São atividades praticadas em locais inóspitos que, por esse fato, tornam-se mais atraentes e emocionantes. Para descer rios com corredeiras. (OLIVEIRA, 2000, p. 70).

parte de suas propriedades para a prática do turismo contemplativo¹⁰ e atualmente trabalham com a pecuária e o turismo.

A prática turística no Pantanal, ditada pela ordem mundial, despontou como uma possibilidade de expansão da capacidade produtiva e aumento dos lucros para os fazendeiros, os quais transformavam, parte de suas terras (de mil a duas mil hectares¹¹), em produto turístico. Segundo Smith (1998): “No capitalismo a apropriação da natureza e sua transformação nos meios de produção ocorre, em princípio, em escala mundial” (SMITH, 1998, p. 88). Assim, a atividade turística é uma das responsáveis pelas alterações nas formas de produção do espaço pantaneiro.

As novas configurações espaciais no território pantaneiro estão vinculadas às mudanças na produção e no consumo do Pantanal impostas pelo capital, ditadas pela economia mundial a partir do processo de globalização, conforme aponta Milton Santos (2010):

Os últimos anos do século XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da Terra. O mundo torna-se unificado – em virtude das novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada (SANTOS, 2010, p. 37).

Este capítulo, referenciado por autores como Smith (1998), Santos (2010), Proença, (1997), Barros (1998), Moretti (2006), Nogueira (2006), Banducci Jr. (2007), tem por objetivo descrever as diferentes gentes pantaneiras e entender o processo de transformação pelo qual estão passando desde a segunda metade do século XX. Para tanto, assumindo o limite deste trabalho, e considerando o ordenamento analítico, foram elencadas quatro categorias de gentes pantaneiras: os proprietários de terras¹², os trabalhadores das fazendas, os proprietários dos

¹⁰ Turismo de contemplação: É um ramo do ecoturismo que tem como um de seus instrumentos a interpretação ambiental. Esta envolve a satisfação, o interesse e compreensão do meio ambiente, assim como a permissão humana de viver e sentir a essência da natureza (MAMEDE, 2001), usufruindo-se de seus recursos de forma harmônica e sustentável. Inúmeros podem ser os elementos de contemplação na natureza, tais como paisagens, sons, cores, formas, grupos vegetais e os mais diversos grupos animais.

¹¹ Hectare: unidade de área correspondente a dez mil metros quadrados.

¹² Proprietários de terras privadas: identificados na tese, também, como fazendeiros.

empreendimentos turísticos e os trabalhadores do turismo, que, independentes da origem, vivem e produzem no Pantanal.

1.1 Os proprietários de terras: pequena contextualização histórica

Os atuais fazendeiros receberam as terras como herança de família ou as ocuparam no decorrer do tempo. Pode-se inserir nessa categoria os proprietários de terras participantes do processo de construção do território pantaneiro (há pelo menos duzentos anos) e os que adentraram as terras pantaneiras desde as últimas décadas do século passado.

Autores como Barros (1998), Moretti (2006), Banducci (2007) e Araújo (2012) apontam a decadência da extração do ouro no norte do estado de Mato Grosso, a imensidão de campos no Pantanal Sul, a doação de terras pelo regime sesmarias, além da necessidade da posse de terras herdadas, como atrativo aos primeiros colonizadores do Pantanal vindos, principalmente, de Cuiabá, Cáceres, Poconé e Santana do Livramento.

Por essa condição, seus descendentes se consideram os legítimos pantaneiros, natos, orgulhosos de suas origens, do “nome da família”, desbravadores de grandes extensões de terras, demarcadas à custa de trabalho e lutas constantes com a natureza ainda não dominada, além do enfrentamento com os habitantes do Pantanal - os indígenas - que muitas vezes não aceitavam a dominação.

Abílio de Barros (1998), em seu livro de crônicas escreve sobre a coragem e a determinação da gente pantaneira ao enfrentar o meio ambiente considerado hostil:

O Pantanal é uma área agressiva, difícil, exigindo de seus ocupantes, particularmente no passado, estóica aceitação. Multidões de insetos, além de répteis e outros agressores, em certas épocas do ano, fazem a vida insuportável, ainda hoje, aos que não têm o hábito da convivência. Some-se o calor de 40 graus. Somem-se, nos primeiros tempos, a solidão e o isolamento. Essa agressividade do meio ambiente exigiu dos pioneiros algumas qualidades além do desejo de posse. Entre elas eu lembraria a coragem, determinação e ousadia. Por isso foram poucos. Não eram pessoas comuns (BARROS, 1998, p. 109-110).

Para Barros (1998) a conquista das terras pantaneiras aconteceu de forma passiva, sem conflitos armados ou guerras. Os escritos de Banducci Jr. (2007) contradizem as relações harmônicas e amistosas, citadas por Barros, entre desbravadores e indígenas, citadas por Barros (1998):

Obrigados pelos conquistadores a sobreviverem desde séculos em territórios cada vez mais restritos e estéreis, os índios buscavam nas investidas contra os latifúndios suprir a carência de alimentos a que a presença do branco os havia submetido. Seus ataques, muitas vezes violentos, lançados a propriedades com o fim de obter carne de gado, ferramentas e outros produtos, tinham resposta imediata dos fazendeiros, vindas sob a forma de “expedições punitivas” ou de perseguições sistemáticas que nada deviam em violência aos ataques dos nativos (BANDUCCI JR., 2007, p. 30).

Na segunda metade do século XX, empresários de outras regiões do país e do exterior começaram a adquirir terras no Pantanal, atraídos pela qualidade da pastagem, pelos baixos custos no manejo do rebanho bovino e pelo valor da terra.

Os novos proprietários de terras pantaneiras estão reconstruindo o espaço pantaneiro com diferentes perspectivas advindas de sua formação sociocultural e profissional em grandes centros, são administradores, médicos, advogados, engenheiros, agrônomos entre outros. Esse grupo moderniza a pecuária, investe no turismo e está imprimindo outras relações com as gentes pantaneiras e com a natureza, apenas com um valor de troca presente na propriedade da terra.

Nesse universo de conquistas, conflitos, modernização e acúmulo de riqueza o Pantanal se consolidou como um dos maiores criatórios de gado do país.

A pecuária extensiva se desenvolveu em função da estrutura fundiária do Pantanal, no início da atividade pastoril os fazendeiros utilizavam técnicas simples de manejo, vegetação nativa para alimentação do rebanho e pouca mão de obra. Nesse sistema apenas dois homens, experientes no serviço de campo, eram suficientes para trabalhar com cerca de mil cabeças de gado. Assim, o rebanho pantaneiro foi conquistando altos preços no mercado por mais de um

século. Barros (1998) reproduziu a citação de José de Barros Maciel, presidente da Sociedade Agropecuária de Mato Grosso, no 3º Congresso Brasileiro de Pecuária e Agricultura, no Rio de Janeiro em 1922, sobre a qualidade do rebanho no Pantanal:

Devido à excelência das pastagens a criação aqui é espontânea, o gado é quase sempre gordo, corpulento e bonito. O sal das salinas auxilia grandemente a criação. A vaca raramente deixa de dar cria e nota-se nas novilhas uma precocidade não conhecida em nenhuma outra parte criadora. A parição, quando o tempo corre normal, chega a atingir coeficiente de oitenta por cento (BARROS, 1998, p.97-98).

No Pantanal o fazendeiro era responsável por toda operacionalização da fazenda, da gerência financeira da propriedade e da família à comercialização do gado e aquisição dos mantimentos na cidade. Os agregados¹³ também confiavam a administração dos seus próprios recursos, provenientes dos serviços prestados, ao patrão. Dessa forma, o proprietário da terra detinha o controle de todo o ciclo produtivo e administrativo da fazenda.

Normalmente os fazendeiros moravam, com a família, na sede da fazenda, pelo menos até os filhos atingirem a idade escolar. Por volta dos sete ou oito anos de idade as crianças iniciavam os estudos regulares em centros urbanos, residindo com parentes ou com as mães. A transferência da família não eximia o patrão de permanecer no Pantanal, onde trabalhava e mantinha uma periodicidade de visitas aos filhos.

No início do século passado o deslocamento da comunidade pantaneira era feito por tração animal ou barcos, em função da malha hidroviária, com rios, corixos e lagoas. Por volta dos anos de 1960 os veículos movidos a diesel, resistentes e com tração nas quatro rodas, adentraram ao Pantanal para enfrentar caminhos de difícil acesso e longas distâncias entre as fazendas e as cidades. Assim, criam-se novas necessidades e novas mercadorias são inseridas na produção do Pantanal.

¹³ Uma das referências aos trabalhadores das fazendas.

Segundo relato em comunicação pessoal de Barros "(...) as primeiras informações a respeito das aeronaves de pequeno porte no Pantanal, para uso dos fazendeiros, datam da segunda metade do século XX, com o intuito de diminuir o tempo de viagem e o incômodo do trajeto". Em casos excepcionais, transportavam os empregados com doenças graves, acidentados ou mulheres com dificuldades no parto. No período das cheias, os aviões eram o único meio de transporte para chegar às propriedades isoladas pelas águas, a Figura 1.3 mostra uma aeronave no pátio de uma fazenda.

Figura 1.3: Aviões monomotores estacionados no pátio de uma fazenda no Pantanal (s/d).



Autor: PROENÇA. F.

O controle sobre a comunicação e o transporte era realizado pelos proprietários, por estes e outros meios se construía as relações de poder local.

O escoamento da produção pantaneira para comercialização era feito pelas comitivas pantaneiras¹⁴ (Figura 1.4), pelos vagões gaiolas dos trens da

¹⁴ Comitiva pantaneira: Formada por um grupo de peões responsáveis pelo transporte do gado no Pantanal.

Rede Ferroviária Federal S/A, conhecida como Noroeste do Brasil, ou em barcos adaptados para o transporte de animais.

Figura 1.4: Transporte de gado em comitiva (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Até os anos de 1980, a forma de comunicação entre as gentes pantaneiras e as cidades se dava pelas ondas do rádio a pilha, tornando-se uma das formas mais populares de comunicação no Pantanal. Pelo rádio, em programação e horários específicos, os moradores das cidades e do Pantanal marcavam encontros, trocavam-se notícias entre parentes, patrões e empregados.

Posteriormente o radioamador passou a fazer parte do cotidiano pantaneiro, proporcionando contato direto entre os moradores das cidades e das fazendas, com mais rapidez e eficiência. Nesse universo, os recados, sobretudo orais, eram muito usados entre a gente pantaneira.

Figura 1.5: Sala de radioamador de uma fazenda (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

A dificuldade de transporte e de comunicação não impedia as reuniões esporádicas entre eles para festejos religiosos, aniversários, casamentos ou batizados. Em relato pessoal NOGUEIRA afirma:

O fazendeiro anfitrião mandava um recadeiro¹⁵ em todas as fazendas da redondeza para fazer o convite das festas, regadas com fatura de carne, bebida e música. Carretas e carroças, das diferentes fazendas, caminhavam em cortejo até a fazenda, onde os convidados se instalavam por dois ou três dias para raros momentos de lazer e diversão. É importante salientar que as festas eram para os proprietários das fazendas, os funcionários trabalhavam na preparação e no atendimento aos patrões durante as comemorações.

O relato esclarece, mesmo naquele momento histórico, a concretização das diferenças de classes.

Progressivamente, o Pantanal foi passando por diversas transformações, principalmente, a partir dos anos de 1970. As mudanças podem ser observadas da estrutura fundiária à dinâmica populacional. O tamanho médio

¹⁵ Peão designado para fazer os convites das festas nas fazendas.

das áreas das propriedades rurais vem sofrendo gradativa redução, um dos motivos pode ser a subdivisão de grandes áreas entre herdeiros, intensificando o processo de reestruturação fundiária.

As exigências do mercado globalizado impuseram aos fazendeiros, proprietários de grandes extensões de terra, a adesão às novas técnicas de manejo para manterem-se competitivos. Aos resistentes às novas regras de mercado, ou com dificuldades financeiras, restava-lhes vender parte das fazendas. Dessa forma, empreendedores de outras regiões e estrangeiros adquiriram terras no Pantanal a baixo custo e estão imprimindo novas técnicas de manejo do gado e de administração das empresas agropecuárias. Um comprador, em entrevista¹⁶, relatou a decisão de investir em terras pantaneiras:

Eu comecei a ver a dimensão das coisas e fiquei fascinado, perguntei pra um conhecido: 'Qual o valor do hectare da terra?' Eu analisei que o negócio aqui era barato. Trocamos umas ideias sobre valores de terras e eu fiquei entusiasmado. Fiquei uns vinte dias no Brasil, voltei para Portugal, fiquei dois dias e já *tava* de volta. Fiquei um mês no Brasil, aluguei um carro e fiquei por aqui andando, perguntando de fazenda, sempre com muita humildade. Aí, ao fim de uns quatro ou cinco meses, comprei essa primeira fazenda aqui, no dia 26 de junho de 2001, são quatro mil hectares. Minha ideia era fazer pecuária (E05-02/11)¹⁷.

Além da questão fundiária, dois surtos de febre aftosa¹⁸ assolaram o estado Mato Grosso de Sul em 1998 e em 2005. Com isso, a exportação da carne bovina ficou restrita até o Estado receber o certificado de "Área Livre de Febre Aftosa" com vacinação, conferido pelo Centro Pan-americano de Febre Aftosa; conseqüentemente, os valores do gado e das terras diminuíram drasticamente e oportunizou, aos investidores, a aquisição de terras a baixo custo no Pantanal.

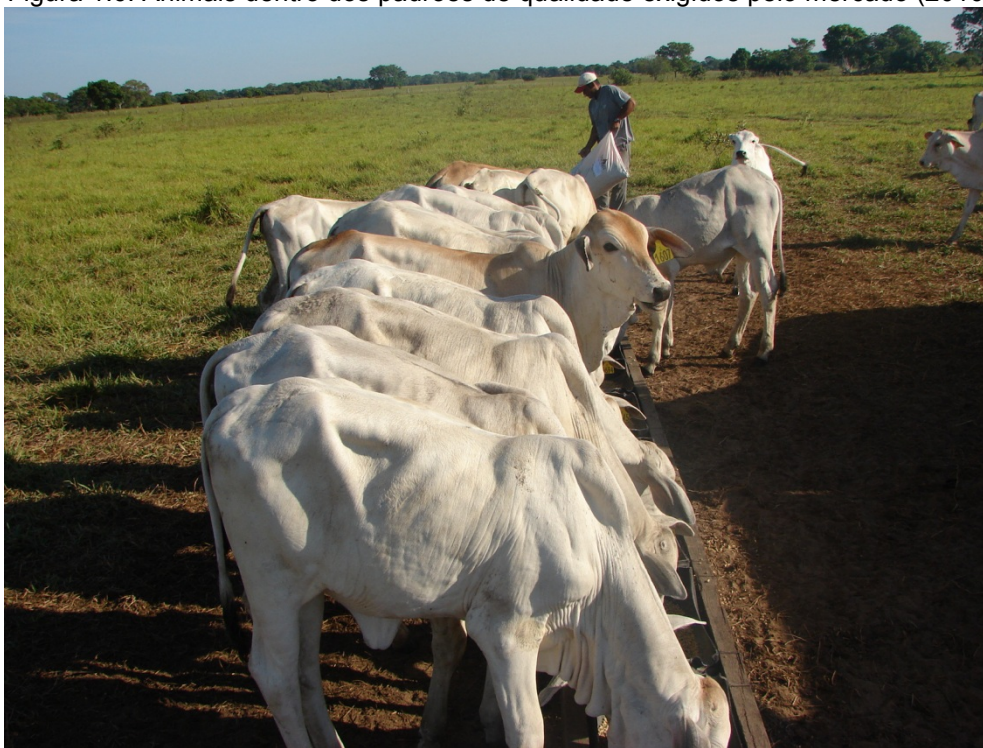
¹⁶ As falas dos entrevistados receberam transcrição literal.

¹⁷ Foi atribuído um código para cada entrevistado para preservar a identificação: a letra "E", seguida de numeração sequencial, mês e ano da entrevista. Ex: "E01-12/10" corresponde à primeira pessoa entrevistada no mês de dezembro do ano de 2010.

¹⁸ A Febre Aftosa é uma doença altamente contagiosa de ruminantes domésticos (bovinos, bubalinos, caprinos, ovinos), selvagens (cervídeos, camelídeos, búfalos selvagens) e de suínos (PILLONETTO, 2008, p. xi).

Para garantir a comercialização do rebanho dentro dos padrões de qualidade estabelecidos internacionalmente (conforme Figura 1.6), as empresas agropecuárias de grande porte, com cerca de dez mil hectares, contrataram gerentes, técnicos agropecuários, agrônomos, contadores, administradores, médicos veterinários e zootecnistas, responsáveis pelos cuidados com o gado. A introdução desses profissionais no Pantanal corresponde à afirmação de Smith (1998) “O período pós-crise de acumulação de capital herda um espaço geográfico que é altamente diferenciado através da crise” (SMITH, 1998, p. 188).

Figura 1.6: Animais dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo mercado (2010).



Autora: RIBEIRO, M. A.

A implantação da rede de energia, em parte, do Pantanal, nos anos de 1980, promoveu melhorias no sistema de comunicação, introduziu o telefone rural, o telefone celular, a televisão, os computadores.

Os serviços de comunicação, ainda são considerados, pelos empresários, de alto custo, sendo reservados às pousadas e sedes de fazendas. Em entrevista realizada em Fevereiro de 2011, E05-02/11 tece o seguinte

comentário: “A gente está aqui a pagar R\$ 600,00 por ponto de Internet por mês, mas temos tecnologia”.

Os deslocamentos, em curtas distâncias, podem ser feitos por tração animal. Porém, pode-se contar com as facilidades de veículos motorizados, próprios ou alugados, como por exemplo, motocicletas, triciclos, quadriciclos, aeronaves, veículos traçados adaptados para os períodos de seca e de cheia (modelo de veículo motorizado utilizado no trabalho de campo – Figura 1.7). Sendo assim, o uso de animais para o transporte pode caracterizar, para o proprietário de terra, um momento de lazer, não mais como necessidade.

Figura 1.7: Quadriciclo utilizado para o trabalho no campo (s/d).



Autor: PROENÇA, F.

O transporte do gado para comercialização pode ser feito em comitivas (pequenos deslocamentos) e em caminhões boiadeiros (distâncias maiores); por ser mais rápido, o desgaste físico dos animais é menor, conseqüentemente mantêm o peso e o valor no mercado.

Tanto as fazendas tradicionais quanto as novas empresas agropecuárias, contam com trabalhadores normalmente experientes e qualificados para a lida com o gado, são as gentes pantaneiras trabalhadoras das fazendas. Para classificá-las foi utilizado o estudo de Banducci Jr. (2007), o qual identifica os empregados das fazendas como, “(...) peões [de “campo” ou de “praia”], tratoristas, empreiteiros [de cerca ou de pasto], roceiros, cozinheiras, limpadeiras, além de outras categorias ligadas direta ou indiretamente às fazendas de gado” (BANDUCCI JR, 2007, p. 54).

1.2 O mundo do trabalho na produção pecuária do Pantanal: os trabalhadores das fazendas

Os trabalhadores das fazendas são caracterizados como portadores de hábitos simples e com pouco contato com os moradores das cidades, esta caracterização impõe às pessoas o estigma de atrasados e sem conhecimento sobre a vida urbana e moderna. Essa designação contribuiu para o sentimento de submissão em relação ao proprietário de terras. Em consequência do distanciamento entre as propriedades, as relações sociais dessas gentes pantaneiras são engendradas na família e nos companheiros de trabalho, Barros (1998), Proença (1997) e Esselin (2012).

O cotidiano desses sujeitos sempre esteve relacionado com a lida dos animais. Os cuidados com o rebanho cabia aos homens, os chamados peões ou vaqueiros. As mulheres se responsabilizavam pelos afazeres domésticos da casa da família e da casa dos patrões e pela preparação das refeições rica em proteína animal, para sustentação física dos peões durante o trabalho no campo, constituída basicamente de carne, arroz, feijão e mandioca.

No Pantanal as altas temperaturas (no verão chegam a atingir 40°C) e a alta umidade do ar induzem as atividades laborais nas primeiras horas da manhã. Por volta das 5h, os peões iniciam o trabalho no campo, com intervalos

para o tereré¹⁹ e o almoço, o retorno às funções, normalmente acontece depois das 15h. Nesse intervalo, os peões ficam nos galpões cuidam da manutenção e preparam os equipamentos de trabalho. No trecho abaixo, o entrevistado E01-12/10 descreve a rotina de trabalho de seus empregados:

Nessa região é extremamente quente. Tem que *dormí* cedo pra *acordá* de madrugada, porque se não usufruir, principalmente no verão, das primeiras horas, se não “*mexê o doce*” cedo, não aguenta o calor. Tem que *começá* 4h da manhã. A minha cozinheira, 4h ou 4h30 *tá* na beira do fogão fazendo o café, tomando o mate. O marido e o filho vão pra leiteria. Quando é 5h30 ou 6h, o leite já *tá* na cozinha. Eles tomam o café da manhã, o quebra-torto e vão pro campo. Chega 10h, *tá* um calor danado e os cavalos também não aguentam. Não voltam pro campo, antes das 15h ou 15h30, porque o sol ainda continua muito quente. Das 10h30 até às 15h, tem que *trabalhá* na sombra, no galpão.

Figura 1.8: O trabalho artesanal de um peão no galão da fazenda durante o intervalo das refeições (s/d).



Autor: MATÉ, B.

¹⁹ Tereré: tipo de mate frio. Constitui herança paraguaio-guarani e tornou-se hábito quase obrigatório na região. Para prepará-lo, usam a guampa, feita de chifre de boi, pelas mãos hábeis do próprio pantaneiro. Nos pantanais, tomar tereré, no intervalo entre uma atividade e outra, mais do que um vício, é uma necessidade. Devido ao calor e ao sol abrasador, o campeiro usa-o como refrescante e, também, como auxiliar da digestão. Os apetrechos para o tereré são a guampa, a bomba, a erva-mate o cantil ou uma vasilha para pegar água nos corixos ou nas vazantes (NOGUEIRA, A. X. 2002, p.134).

Os trabalhadores das fazendas, segundo relato pessoal da pesquisadora E30-01/12, não tinham registro formal de vínculo empregatício. O recebimento do salário não obedecia a um padrão pré-estabelecido, dependia do tipo de negociação entre pagador e recebedor; pode-se citar como exemplo três formas pagamento: na primeira, o patrão levava da cidade para os empregados mantimentos, tecidos, calçados, material de higiene e descontava do valor a ser pago pelos serviços prestados na fazenda. Outra forma era o pagamento de uma parte do salário em espécie e o restante permanecia aos cuidados e controle do patrão. E na terceira o trabalhador recebia o valor referente à remuneração, ou parte desse valor, em gado. A entrevistada E27-07/11, fala sobre uma das formas de pagamento do salário: O patrão falava assim: ‘Você quer receber?’ Ele [o empregado] falava: ‘Não, me dá em gado’. Aí, ele amansava cavalo e em troca pedia uma novilha”. Normalmente a transação comercial era feita pelo patrão, aos empregados restava-lhes confiar nas contas apresentadas, a despeito da desconfiança permear os pensamentos dos sujeitos de pouco conhecimento das letras e das operações matemáticas. Banducci Jr (2007) afirma:

O dinheiro, na forma de salário, não chegava às mãos do trabalhador. Em seu lugar, permanece o sistema de crédito junto à propriedade, cujo controle, efetuado pelo patrão ou encarregado [contador ou administrador], é repassado mensalmente ou em intervalos maiores aos empregados. (...) No momento em que vai à cidade, ele reivindica, junto ao escritório ou ao próprio fazendeiro, uma quantia que lhe permita manter-se ali e solucionar seus problemas, de saúde, dívidas pendentes, ou outros. (BANDUCCI JR, 2007, pp. 75-76).

O recebimento dos salários em espécie, raramente acontecia nas fazendas, provavelmente pela inexistência de comércio e de agências bancárias. Esse contexto favorecia o controle, por parte dos patrões, sobre as decisões dos empregados, mantinha-os dependentes do emprego e assim se concretizava mais uma forma de poder na relação de entre patrão e empregado.

A dinâmica pantaneira acentuou-se nas últimas quatro décadas; e uma série de mudanças aconteceu no Pantanal e no modo de vida dos pantaneiros.

A atividade profissional, por exemplo, passou a ser respaldada por leis trabalhistas e devidamente fiscalizada pelo Ministério do Trabalho. Atualmente,

todos os trabalhadores das fazendas, entrevistados, declararam ser registrados, receberem o salário mensal ou quinzenal e são responsáveis pela administração e aplicação dos próprios recursos.

Porém, o ônus para o fazendeiro gerado com a aplicabilidade das leis trabalhistas conduziu à redução no quadro de empregados das fazendas. Isso tudo, aliado ao desemprego estrutural em escala global, diminuiu o poder aquisitivo desses trabalhadores. Nogueira (2002) expõe sobre as dificuldades financeiras dos peões e suas interferências no seu modo de vida:

Com o advento das Leis Trabalhistas, as relações de trabalho entre patrão e peão transformaram-se totalmente, ficando este último mais pobre, (...) Atualmente, nas fazendas pantaneiras podemos até encontrar peões de sandálias de dedo e de bermudas, a cavalo, realizando um trabalho fácil, nas vizinhanças da sede (NOGUEIRA, 2002, pp. 120-121).

A formalização do trabalho no Pantanal tanto obrigou quanto oportunizou aos trabalhadores a busca de empregos em outras propriedades. A “liberdade” para escolher um emprego (sem as amarras da “troca de favores” entre patrões e empregados) veio acompanhada de instabilidade, insegurança e conflitos para o empregado.

O trabalho assalariado no modo de produção capitalista promoveu uma mudança estrutural, permitindo liberdade relativa do uso do salário e do lugar do trabalho. Porém, ao mesmo tempo, participa da precarização geral do mundo do capital.

A alta rotatividade dos empregados das fazendas e o desemprego é uma das consequências da relação capital trabalho. Até a primeira metade do século passado os trabalhadores permaneciam por décadas em uma propriedade, atualmente os peões (pantaneiros ou de outras regiões) perambulam entre as fazendas dos diversos pantanais a procura de emprego. As andanças dificultam a construção de laços sociais com os moradores das fazendas, porém, permite ao trabalhador a liberdade na venda de sua força de trabalho.

Nesse caso, as palavras de Smith (1998) retratam a realidade pantaneira: “A universalidade da relação de trabalho assalariado sob o

capitalismo liberta não apenas a classe trabalhadora, mas também o capital, de qualquer laço inerente com o espaço absoluto” (SMITH, 1998, p. 131).

Em comunicação pessoal, a professora Nogueira caracteriza como instável a vida profissional dessa gente pantaneira:

Se você pergunta para os peões: “Quanto tempo você está aqui?” Eles respondem: “Quatro meses, seis meses, um ano”. Agora, esses peões são mais passageiros do que os outros eram, eles não criam nenhum vínculo com nada. Se você pergunta uma coisa a respeito do Pantanal, eles falam: “Não sei, cheguei agora”. Aí você pergunta: “De onde você veio?” E eles respondem: “Vim de Anastácio, de Dourados, de Campo Grande”. Você vê que eles não têm raízes ali no Pantanal.

A despeito das dificuldades e das privações da vida no campo, e do esforço físico desempenhado no exercício da profissão, os finais de tarde eram reservados para o lazer e a descontração no jogo de futebol e na roda de tereré.

Além disso, quando possível, os indivíduos se confraternizavam nas fazendas da vizinhança. Os encontros festivos eram reservados aos empregados e suas famílias, homens e mulheres conversavam, planejavam o futuro, trocavam ideias, dançavam e bebiam sem o olhar de restrição ou proibição dos patrões. Nessas ocasiões, também, originavam novos relacionamentos amorosos, novos empregos e novos sonhos, nem sempre realizados.

Normalmente, as uniões se restringiam a núcleos próximos, com raras exceções havia o casamento entre filhos de patrões e empregados, ou seja, entre classes sociais distintas porque as famílias tinham muita resistência a esse tipo de relacionamento. O entrevistado E11-02/11 relata sobre o casamento dos pais:

Papai era peão, ele roubou mamãe. Minha mãe era filha do fazendeiro e ele era de família pobre na beira do rio. Como o fazendeiro jamais deixaria se casá (...). Um dia ele roubou a moça, pôs na garupa e foi embora pra beira do rio. Depois de uns dias os dois voltaram. Chegaram quase de *afrouxá* revolver pra *atirá*, mas ela disse: ‘Se você *matá* ele....já tô com ele, já tô casada’. Hoje ela tá com 86 anos.

Viver no Pantanal significava se privar dos benefícios da cidade, como por exemplo, o ensino. Os empregados das fazendas eram semianalfabetos, aprendiam as operações matemáticas de pouca complexidade e a escrever o nome, ensinados em alguns casos, pelas esposas dos fazendeiros. Assim, eles conseguiam tirar o título de eleitor, sentiam-se cidadãos, e, dominados

politicamente, votavam nos candidatos indicados pelos patrões. Segundo a pesquisadora entrevistada E30-01/12:

A maioria era analfabeta. Poucos escreviam o nome, às vezes aqueles que escreviam o nome tinham que votar. A mulher do patrão, em grande parte de fazendas, era a professora. Os donos de fazendas reclamavam da dificuldade em deixar a fazenda entregue para um capataz que não sabe fazer conta, ler direito. Eles faziam coisas meio atrapalhadas, que não fariam se tivessem um pouquinho mais de estudo. Só que se eles tivessem mais estudo não estariam lá.

A educação dos filhos era uma preocupação para essa gente pantaneira, resultado dos conflitos entre a vida de restrições no Pantanal e o desejo de prosperidade para os filhos. Os pais atribuíam ao estudo a única oportunidade para os filhos terem, o que eles consideravam uma “vida melhor”, diferente do cotidiano de trabalho árduo das fazendas. Em referência à expectativa do futuro, Milton Santos (2009) justifica:

Trata-se (...) da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer - carência de todo o tipo de consumo, do consumo material e imaterial, também carência de consumo político, carência de participação e de cidadania (SANTOS, 2009, p. 326).

Quando as crianças conseguiam ir para a cidade estudar (nem todas eram escolhidas pelos patrões) trabalhavam como empregadas domésticas nas casas dos patrões em troca de escola pública, morada e comida.

O desejo dos pais raramente se realizava, muitas crianças abandonavam a escola e voltavam para a fazenda. A fadiga pelo excesso de trabalho e a distância da família influenciava no rendimento escolar, tornando-o insatisfatório. Conseqüentemente, o retorno para a fazenda, algumas vezes antes de terminar o ano letivo, era inevitável. A entrevistada E30-11/11, ao comentar sobre a educação da gente pantaneira, revela a dificuldade dessas crianças em permanecerem na cidade “Às vezes, de cem (crianças), uma vinha pra ficar na casa do fazendeiro e nem era certo de ficar, apesar da expectativa dos pais em um futuro melhor, para filhos não ficarem igual a eles”.

No momento presente a educação está assegurada por leis que sancionaram a todas as crianças, em idade escolar, o direito a educação formal.

As escolas de ensino fundamental no Pantanal, geralmente, são mantidas pelo poder público municipal em parceria com a iniciativa privada e com os proprietários rurais, sobretudo quando as unidades se localizam em suas fazendas.

A Prefeitura Municipal de Aquidauana, por intermédio da Gerência Municipal de Educação e em parceria formalizada com os fazendeiros, mantém uma escola e cinco núcleos educacionais no Pantanal do Aquidauana. A escola e os núcleos são de Ensino Fundamental e de Educação de Jovens e Adultos - EJA. A Escola Municipal Polo Pantaneira - Joaquim Alves Ribeiro, situada na Fazenda Taboco, tem cinco núcleos em diferentes fazendas, Núcleo Escolar Santana - Fazenda Santana, Núcleo Escolar Querência - Fazenda Querência, Núcleo Escolar Escolinha da Alegria - Fazenda Primavera, Núcleo Escolar Vale do Rio Negro - Fazenda Campo Novo e Núcleo Escolar Cyriaco da Costa Rondon - Fazenda Tupanciretã.

O transporte dos alunos e professores é feito em ônibus escolar da Prefeitura para as fazendas Taboco e Santana. Nos outros núcleos os pais são responsáveis pelo transporte das crianças até as escolas. A Prefeitura fornece a merenda, os fazendeiros parceiros doam, mensalmente, uma novilha para compor a alimentação dos estudantes.

No Pantanal a utilização de gado como doação ou moeda de troca é uma prática comum entre os fazendeiros, pois o custo de uma rês representa menos ônus se comparado ao desembolso de uma quantia em espécie. Além disso, com as crianças na escola local, eles garantem a permanência dos empregados na fazenda.

Os professores são contratados pela Prefeitura Municipal de Aquidauana, via concurso público, possuem curso superior e semestralmente fazem cursos de atualização promovidos pelos órgãos responsáveis pela educação no município.

Segundo informações da Gerência Municipal de Educação, os professores das fazendas Taboco e Santana residem na cidade e utilizam o

transporte escolar gratuito diariamente; os demais permanecem nas fazendas durante um mês e têm direito a sete dias de recesso para administrar conforme o interesse pessoal, período denominado pela prefeitura de “Tempo Comunidade”.

Atualmente, a escola e os núcleos contam com trezentos e vinte e quatro alunos; a taxa de evasão escolar é reduzida porque o Conselho Tutelar fiscaliza e cobra dos pais ou responsáveis a permanência dos filhos na escola, conforme relato pessoal do Gerente de Educação da Prefeitura Municipal de Aquidauana.

Figura 1.9: Núcleo Escolar Cyriaco da Costa Rondon - Fazenda Tupanciretã (s/d).



Autora: VIEGAS, A. C.

Figura 1.10: Sala de aula do Núcleo Escolar Santana - Fazenda Santana (s/d).



Autora: VIEGAS, A. C.

Terminado o Ensino Fundamental, a continuidade dos estudos fica prejudicada porque as famílias têm dificuldades em manter os filhos na escola, ao atingirem o Ensino Médio²⁰. O estado, até o momento, não conta com unidade de ensino médio no Pantanal, tão pouco oferece condições para a fixação dos adolescentes pantaneiros na cidade, como por exemplo, alojamento de estudantes, para frequentarem as escolas urbanas.

Na tentativa de manter os estudos dos filhos, algumas mães mudam da fazenda para a cidade ou os deixam na casa de parentes. A condição de afastamento da família pode ser considerada uma das causas do abandono da escola e retorno à vida no campo, em depoimento uma mãe desabafa: “Meu filho (13 anos) não para de *chorá*, eu vou *trazê* ele de volta. Que se dane a lei”. Um conflito desponta na associação estudo e trabalho, caso a família insista em

²⁰ O ensino médio é de responsabilidade do governo do estado de Mato Grosso do Sul.

manter os filhos menores na fazenda, os pais poderão ser demitidos porque os fazendeiros não podem infringir a lei da educação. O relato indica a contradição presente nas relações sociais e na produção do Pantanal, o nexos capital e trabalho e a mediação do Estado procuram homogeneizar condições sociais no campo que são diferenciadas.

Figura 1.11: Barco - transporte escolar utilizado pelas crianças pantaneiras (2010).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Para manter na propriedade mão de obra experiente, de confiança²¹, e cumprirem a lei educacional, cem por cento dos proprietários rurais entrevistados, afirmaram apoiar os empregados com filhos em idade escolar, oferecendo-lhes o material escolar e o transporte para os pais providenciarem a matrícula e a instalação dos filhos na cidade. Segundo E05-02/11: “Estamos conseguido fazer todos os filhos dos nossos funcionários, Graças à Deus, irem para a escola, isso muito importante. Meu capataz mesmo teve os três filhos na Fundação Bradesco, agora já formaram”.

²¹ Oitenta por cento dos fazendeiros, em entrevista, manifestaram preocupação com a idoneidade dos empregados.

A dinâmica produtiva local, ao promover uma expressiva rotatividade de mão de obra nas fazendas pantaneiras, prejudica a construção das relações de pertencimento das crianças e dos adolescentes tanto no Pantanal quanto nas cidades.

Nos últimos anos a inserção da atividade turística no Pantanal, está servindo como uma alternativa de renda, também, para os empregados das fazendas e suas famílias. Krippendorf (2000) assevera: “O turismo, certamente, permite a alguns autóctones a realização de um lucro considerável (...)” (KRIPPENDORF, 2000, p. 80). Com isso, as gentes pantaneiras iniciaram um processo de duplicidade de produção, trabalham com o gado e com o turismo, alterando progressivamente a forma e as funções do espaço pantaneiro.

Sendo assim, dois novos grupos passaram a constituir as chamadas gentes pantaneiras desde os anos setenta do século XX: os proprietários dos empreendimentos turísticos e os trabalhadores do turismo.

1.3 Proprietários de empreendimentos turísticos: construtores das novas formas de produção no Pantanal

Os empreendedores do turismo são responsáveis pela construção, manutenção e administração dos hotéis, pousadas, ranchos de pesca, barcos de pesca e *campings*, adaptados ou projetados, especificamente, como infraestrutura de apoio ao turismo no Pantanal.

No Pantanal encontram-se dois tipos de empreendedores do turismo, os empresários da pecuária, que vislumbraram no potencial turístico de suas fazendas e na ascensão do turismo, a possibilidade de aumento da renda mensal, destinando parte de sua propriedade para o desenvolvimento do turismo, e o empresário do turismo, sem vínculo com a pecuária. Em referência ao turismo como empreendedorismo, Krippendorf (2000) o entende como: “(...) um negócio puramente comercial. Ele deve proporcionar o máximo em volume de vendas e lucros. Como consegui-los não importa.” (KRIPPENDORF, 2000, p.70).

Dentre os empresários do turismo entrevistados, um terço não tinha identidade com o Pantanal, são empreendedores brasileiros e/ou estrangeiros dispostos a ampliarem a margem de investimentos e lucros. O senhor E05-02/11, atual empresário da pecuária e do turismo, adquiriu em 1990, uma fazenda e, posteriormente uma pousada no Pantanal do Abobral:

Eu não sou daqui e vi que o Pantanal é uma coisa única no mundo. Eu vendo isso falei pro cara: "Possivelmente podemos fazer negócio". Eu tenho um sócio porque não entendo nada de turismo. Eu liguei para meu amigo em Portugal e perguntei se ele aceitava ser meu parceiro aqui. Ele falou: "Quero". Aí beleza! Comprei a fazenda e a pousada.

Os empreendimentos turísticos, contam com o apoio de gerentes para administrar a pousada e possuem no quadro de funcionários garçons, monitores ambientais, camareiras, cozinheiras, motoristas, pilotos, entre outros trabalhadores.

Os proprietários das pousadas residentes na cidade mantêm uma agenda semanal no Pantanal, para abastecimento e manutenção das pousadas, distantes, em média, 200 km da cidade mais próxima.

As características das pousadas pantaneiras as distinguem da hotelaria convencional, localizadas nas cidades, quais sejam: a de que todo o roteiro turístico e gastronômico é feito dentro da área da pousada e esse diferencial demanda o recebimento de mantimentos e de alimentos perecíveis, como frios, frutas e verduras semanalmente; é a reprodução do mundo no lugar turístico (Figura 1.12). Os entrevistados E16-05/11 e E03-02/11 relatam as dificuldades de provimento:

Ele [proprietário da pousada] traz tudo a cada semana, a cada dez dias. Tem que ter fruta, verdura e frios, essas coisas estragam, então tem que vir sempre. Aqui é tudo diferente porque o acesso é difícil. Por exemplo, a pessoa que entrega sorvete, só tá entregando porque o posto também tá pegando, mas nós ficamos muito tempo sem nada.

Esse é um ponto muito difícil, porque o lugar mais próximo é Miranda, que dá 120 km. A gente faz o abastecimento uma vez por semana em Miranda ou Campo Grande. Nosso carro vai pra pegar carne, mantimento, fruta, verdura. Algumas coisas a gente produz lá, carne quando carneia, um pouco de leite. Mas basicamente é tudo de fora.

Figura 1.12: Mesa do café da manhã para os turistas em uma pousada pantaneira, composta de produtos perecíveis (s/d).



Autor: MATÉ, B

As pousadas também contam com sistema de comunicação, para atender aos turistas e para facilitar as negociações com as empresas de turismo, tais como, agências de viagem, operadoras de turismo, empresas de transporte turístico, companhias aéreas, taxistas, empresas rodoviárias, dentre outras.

Os meios de transporte utilizados no Pantanal variam conforme os períodos de cheia ou de seca podem ser vans, micro-ônibus, veículos traçados, barcos ou aviões de pequeno porte. O traslado dos turistas é de responsabilidade das operadoras de turismo ou das pousadas - conforme acordo contratual, prévio, entre turista e empresa – raramente os turistas utilizam transporte próprio (Figuras 1.13 e 1.14).

Figura 1.13: Micro-ônibus utilizado para transporte de turistas no Pantanal (2011).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Figura 1.14: Avião monomotor estacionado no pátio de uma pousada no Pantanal para transporte de turistas (s/d).



Autor: DE SUTTER, P.

Os empreendimentos turísticos se organizam juridicamente baseados nas legislações turística e ambiental vigentes, são fiscalizados pela EMBRATUR e mantêm-se vinculados às agências de viagem, operadoras de turismo e às entidades de classe, como por exemplo, a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH, que dão suporte à atividade turística.

Dentre os problemas apontados pelos empresários do turismo no Pantanal, a dificuldade de mão de obra qualificada e a alta rotatividade dos empregados despontam. O entrevistado E03-02/11 sente pela “Falta de treinamento. Esse é o nosso maior problema”. Para o senhor E01-12/10 o problema está na infraestrutura deficitária que atrapalha o desenvolvimento do turismo:

O pior é a falta de cuidados dos nossos representantes políticos. Por que, você imagina eu *fazê* chegar, hoje, uma comida na pousada... Primeiramente o problema *tá* na estrada, eu não quero uma estrada, eu quero um acesso. Não tem luz, eu tive que *pagá* a rede de energia elétrica, eu tenho que *fazê* a manutenção da estrada, embora a gente paga imposto.

Os relatos dos entrevistados retratam a reprodução da vida no Pantanal em transformação (mão de obra, qualificação profissional, estradas, energia), em sintonia com o mundo urbano, independente da atividade turística. Um dos exemplos do processo de transformação pelo qual o Pantanal está passando nas últimas décadas é a utilização de produtos industrializados e descartáveis, aumentando a quantidade de resíduos sólidos.

Nos questionamentos sobre as pretensões para o futuro, os empresários almejam intervenção dos Governos Estadual e Municipal na manutenção das estradas e pontes, na coleta do lixo, na fiscalização ambiental, em campanhas publicitárias de preservação do meio ambiente e implementação de políticas públicas de apoio à atividade turística, as Figuras 1.15, 1.16 e 1.17 mostram a precariedade das estradas pantaneiras.

A despeito dos contratempos mencionados pelos empresários do turismo, os mesmos se dizem satisfeitos com o retorno financeiro dos

empreendimentos e planejam investir nas propriedades para receber maior número de turistas e ampliar a margem de lucros.

Figura 1.15: Ponte quebrada no KM 23 da Estrada Parque Pantanal (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Figura 1.16: Ponte quebrada no KM 19 da Estrada Parque Pantanal (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Figura 1.17: Estrada privada de acesso às pousadas e às fazendas no Pantanal (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

O relacionamento entre patrões e empregados no Pantanal se distingue dos vínculos travados no urbano. Normalmente as relações profissionais no urbano se estabelecem, no interior da empresa, o encerramento do expediente é a delimitação entre o profissional e o pessoal, o patrão e o empregado.

No Pantanal, a convivência se estende para além do profissional. Apesar das diferenças de classes, o distanciamento das cidades mantém patrões e empregados, depois do expediente, no mesmo local por meses, aparentemente, estreitam-se os laços de amizade, respeito, solidariedade e companheirismo. Tais fatos foram observados, principalmente, nos momentos de lazer nos Pantanaís do Abobral e do Aquidauana, durante o trabalho de campo e a análise das entrevistas.

Os empresários E03-02/11 e E04-02/11 consideram familiar a relação com os empregados: “É uma família que dá muita dor de cabeça, mas que é. A gente convive mais junto com eles do que com os próprios familiares, essa é a verdade. Convive 24 horas”. O senhor E05-02/11 comenta: “Eu moro aqui e eu não posso deixar um funcionário meu passar necessidade”. No discurso do patrão a distinção de classes desaparece, mesmo considerando-se amistoso o contato entre eles, os limites desta relação é o capital e o trabalho.

A demanda pelo turismo aumentou demasiadamente e tanto as gentes pantaneiras proprietárias de terras quanto funcionárias das fazendas adentraram no desconhecido e desafiante universo do turismo.

1.4 Novas gentes pantaneiras: os trabalhadores do turismo

A última categoria elencada de gentes pantaneiras são os profissionais do turismo, homens e mulheres trabalhadores das pousadas no exercício das funções de monitores ambientais, guias de turismo, motoristas, pilotos, barqueiros, camareiras, serviços gerais, gerência, garçons, cozinheiras.

Parte desses trabalhadores (sessenta e dois por cento dos trabalhadores do turismo entrevistados) adentraram terras pantaneiras juntamente

com os proprietários dos empreendimentos turísticos e constituem o grupo das novas gentes pantaneiras; atraídos pelo desenvolvimento da atividade turística, vivem no local e estão “cartografando” a Geografia do Pantanal.

Nos anos de 1970 e 1980, empresários e trabalhadores do turismo enfrentaram grandes desafios em terras pantaneiras. Naquele período, a infraestrutura para o turismo no Pantanal era para receber turistas de pesca, sobretudo do sexo masculino, em instalações simples e precárias como ranchos e *campings* às margens dos rios ou barcos de pesca (MORETTI, 2006, p.70).

A mão de obra, exclusividade masculina²², era constituída de cozinheiros e pilotos de canoas ou dos barcos de pesca, sem qualquer tipo de qualificação profissional para o exercício das funções a eles atribuídas.

O trabalho era ininterrupto, os turistas pescadores passavam entre sete e trinta dias nos rios pantaneiros em busca dos melhores e maiores exemplares de peixe²³. Tal prática afastava os trabalhadores do convívio familiar, conforme relatos de dificuldades financeiras da família, por conta do afastamento do provedor. E14-02/11, filho de um piloto explana sobre a profissão do pai:

Meu pai era piloto. Ele começou aqui no Passo do Lontra e minha mãe morava com a gente lá em Campo Grande. Aí ficou muito ruim ele ir lá pra vê a gente. Eu voltei e fiquei com o meu pai, fui aprendendo a *pilotá*, a *pescá*, fui morando com ele lá no Morrinho.

A remuneração semanal ou diária pelos serviços prestados não caracterizava vínculo empregatício, em consequência havia muita rotatividade entre eles, na busca por melhores condições de trabalho e de remuneração.

Concomitante ao turismo de pesca, alguns turistas estrangeiros, aventuravam-se no Pantanal, atraídos pela exuberância de terras pouco conhecidas e pelo reencantamento com a natureza proclamado por intermédio do mercado turístico em ascensão no mundo global.

²² O trabalho com o turismo de pesca demanda mão de obra masculina devido ao esforço físico exigido na atividade, normalmente, incompatível com a estrutura física feminina.

²³ A Lei Federal da Pesca Nº 7.679, promulgada em 23 de novembro de 1988, dispõe sobre a proibição da pesca de espécies em períodos de reprodução e delimita o tamanho do pescado.

Sem o encaminhamento de uma agência de turismo, esses turistas desembarcavam no Terminal Rodoviário de Corumbá/MS e eram abordados pelos chamados guias²⁴, em busca de oportunidade de trabalho, com ofertas de serviços de transporte e visitação ao Pantanal. Em transporte precário e condições locais insalubres, guias e turistas se arriscavam pelo Pantanal, pernoitavam em barracas montadas às margens da estrada sem água potável para o consumo ou para o preparo as refeições.

No momento atual, dentre os sujeitos entrevistados, que iniciaram o trabalho com o turismo no Pantanal, dois e meio por cento ainda trabalham nas pousadas, com o chamado turismo contemplativo, e desempenham funções de guias de turismo ou monitores ambientais, porém em condições completamente diferenciadas, conquistadas ao longo de pelo menos trinta anos de trabalho, como, por exemplo, a qualificação profissional.

Todos os entrevistados afirmaram terem passado por cursos de treinamento profissional para o exercício da profissão, serem registrados e amparados pelas leis trabalhistas, receberem entre um e três salários mínimos, dependendo da função exercida na pousada. Os monitores ambientais, por acompanharem os hóspedes, às vezes, recebem gorjeta dos turistas como forma de agradecimento ao trabalho desenvolvido.

Para esses trabalhadores, o salário mensal, aliado ao salário indireto - moradia e alimentação - proporciona boa renda mensal, considerando a média salarial²⁵ no Estado de Mato Grosso do Sul. Parte do dinheiro recebido pelos serviços prestados é enviada à família e a outra aplicada ou administrada conforme interesses individuais. Segundo os entrevistados, na pousada, “eles não têm gastos com nada”, informação recebida de cem por cento dos entrevistados.

²⁴ Pessoas que transportavam turistas estrangeiros no Pantanal na década de 1980 autodenominavam-se guias, porém sem qualificação profissional para exercer a atividade.

²⁵ No estado de Mato Grosso do Sul, um profissional do turismo recebe entre um e três salários mínimos mensais.

As pretensões dos entrevistados com os recursos aplicados são bem específicas; aquisição de um empreendimento turístico, de um “pedaço” de terra para trabalhar com o gado ou da casa própria na cidade. O entrevistado E06-02/11 assevera: “O que eu quero, o que eu sonho para mim é um pedaço de terra. Tô guardando dinheiro, tô investindo, tô comprando”.

As novas pessoas na produção do espaço pantaneiro são, basicamente, sul-mato-grossenses (noventa e nove por cento dos entrevistados), antigos trabalhadores da pecuária ou em outros serviços nas fazendas, transferidos para a atividade turística. Os senhores E07-02/11 e E06-02/11 foram peões e relatam suas trajetórias, “Eu era peão. Pagaram um professor na fazenda pra nós *estudá*, mas eu não quis. Minha vida foi de peão sempre”. “Hoje eu sou monitor ambiental, antes trabalhava como peão, mexia só com gado, tinha quinze ou dezesseis *ano*”.

O trabalho com o turismo, lenta e progressivamente, proporcionou a inserção de outros elementos culturais no cotidiano da gente pantaneira, como por exemplo, a gastronomia, a linguagem e a vestimenta. Krippendorf (2000) atribui ao turismo a responsabilidade pela difusão de diferentes culturas em nível mundial, ao afirmar: Ele (o turismo) permite o encontro de seres humanos que habitam as regiões mais afastadas e são de línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômica muito diferente (KRIPPENDORF, 2000, p. 82-83).

Em terras pantaneiras a alimentação sempre foi rica em proteína animal, derivada da carne de gado. Aos poucos, sobretudo com o início das atividades turísticas, a dieta se diferenciou, com a inclusão de frutas, verduras e legumes²⁶ no cardápio das gentes pantaneiras. O entrevistado E01-12/10 sente-se responsável pelas mudanças nos hábitos alimentares de seus empregados: (...) “aqui ele tem comida boa. Ele só vivia de arroz, feijão e carne e, no jantar, feijão, carne e arroz. Hoje, ele tem verdura. A gente termina educando até a

²⁶ Frutas, legumes e verduras não faziam parte da dieta pantaneira por serem pouco cultivados no Pantanal.

alimentação *pra* ele”. O trabalhador E06-02/11 complementa: “Mudou bastante; por exemplo, na fazenda não tem saladas, aqui (pousada) tem saladas, legumes. Lá, era carne de sol, hoje tem freezer, eletricidade, mudou muito”. Nesse sentido, o avanço técnico transformou, inclusive, a forma de nutrição da população.

Nas pousadas a refeição dos trabalhadores é distinta das oferecidas aos hóspedes. É servida no refeitório e composta basicamente de arroz, feijão, macarrão, mandioca, um tipo de carne e de salada. O consumo de refrigerantes ou sucos de frutas é descontado do salário em valores iguais aos pagos pelos turistas.

A chegada de turistas estrangeiros ao Pantanal “obrigou” os trabalhadores a comunicarem-se em outras línguas²⁷, como forma de sobrevivência. Dois terços dos monitores ambientais entrevistados aprenderam a se expressar em línguas estrangeiras, conforme relatos:

Só tinha europeu de turista. Tudo estrangeiro, não falava nada, só espanhol e eu não falava nada. Acompanhava porque eu conhecia toda a região. Sempre andei, caminhava, voltava e comecei a aprender o espanhol. Aí comecei a *praticá* o inglês. Comecei a aprender o hebraico. Agora falo espanhol, inglês, hebraico e algumas palavras em alemão também. Mas só falo (E06-02/11).

Não aprendi a *falá* inglês em colégio, nem nada. Hoje em dia falo tudo certinho, na questão de inglês, espanhol, hebraico e um pouco de alemão consigo me *comunicá* totalmente (E11-02/11).

Todos os entrevistados afirmaram ter aprendido outras línguas, nas palavras deles, “sozinhos, ouvindo os turistas”. Um rapaz entrevistado (E12-07/11) afirma: “Falo inglês, espanhol e um pouco de hebraico. Eu não falava inglês, hoje eu falo muito bem, aprendi na raça”. O profissional E08-02/11 complementa “Aprendi *falá* inglês aqui, na luta com os turistas”.

Esta condição fez com que os trabalhadores do turismo, desenvolvessem formas de comunicação e de expressão diferenciadas. Ao incorporar palavras de língua estrangeira no vocabulário, essa gente pantaneira

²⁷ Os profissionais do turismo no Pantanal comunicam-se em outras línguas, como por exemplo, a inglesa, a espanhola, a hebraica e a italiana.

se sente valorizada e assume uma posição privilegiada no grupo. Um guia, em comunicação pessoal, qualificou seu trabalho como excelente por conhecer palavras em inglês e italiano. Em conversa, demonstrou equivocadamente que as expressões “*Let’s go everybody*” (em inglês) e “*Andiammo*” (em italiano), teriam o mesmo significado, qual seja, “Suba no trator”. O interlocutor inclusive manifestou espanto diante do possível desconhecimento da pesquisadora sobre essas expressões. Nesse sentido, a linguagem, como uma das formas de identificação e pertencimento a um determinado grupo social, também se ressignifica na paisagem pantaneira.

A facilidade de acesso à cidade e aos meios de comunicação, especialmente à televisão, além do aumento no fluxo de sujeitos de outras localidades, gradativamente foi transformando a vestimenta das gentes pantaneiras (Figura 1.18), adaptando-as às tendências urbanas, com roupas leves e confortáveis, como, por exemplo, calças e bermudas *jeans*, camisetas, camisas de mangas curtas, botinas, tênis e bonés, em detrimento às roupas usadas há, pelo menos, vinte anos, produzidas com tecidos mais encorpados e, conseqüentemente, com maior capacidade de retenção de calor (Figura 4.14).

A despeito da “modernização do guarda-roupa” pantaneiro dos últimos anos, o tradicional chapéu de palha de carandá, propício para ser utilizado em regiões de altas temperaturas, e a faca com bainha, presa atrás da bermuda ou da calça, continuam fazendo parte da indumentária pantaneira há séculos.

Figura 1.18: Vestimentas dos profissionais do turismo, *jeans*, camiseta, boné e chapéu (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

A ascensão da atividade turística abriu espaço para a chegada de outros profissionais em terras pantaneiras, são biólogos, ecólogos, turismólogos, entre outros, como, por exemplo, a entrevistada E10-02/11, “Eu sou técnica em enfermagem. Trabalhava na aldeia, quando resolvi vir pra cá”.

A gente pantaneira profissional do turismo se qualificou de diversas maneiras, dos treinamentos ministrados pelos patrões aos cursos a distância, conforme as especificidades de cada função e interesse do empresário do turismo ou do próprio servidor.

O treinamento dos trabalhadores, deslocados de suas atividades - antigos peões na atividade com o turismo, ficou a cargo dos proprietários das pousadas, como no modelo do capitalismo moderno, no qual a qualificação profissional é de responsabilidade do empregador, para o exercício de funções específicas na empresa. O senhor E01-12/10 treina a sua própria equipe:

A gente mesmo é que treina. Eu tenho gente que eu vou educando ao longo do tempo, e elas vão passando para os outros que vão chegando

(...) Eu chego lá e vou colocando os 'pingos nos is'. Na parte do turismo vou ensinando como se recebe um turista, a fazer uma comida, na apresentação de uma mesa. Então você vai ensinando, é uma escola.

Os empresários do turismo entrevistados reconhecem a importância da capacitação profissional para garantir qualidade aos empreendimentos. Segundo Ruschmann (2004):

A capacidade de obter êxito nas ações propostas e o futuro da atividade dependerá das metas, da qualidade dos serviços prestados e da capacidade dos empreendedores em conduzir os seus negócios considerando, entre vários outros aspectos, a capacitação e o treinamento próprios e das suas equipes. (RUSCHMANN, 2004, p. 5).

As pousadas interessadas em qualificações específicas para seus empregados arcam com o ônus do treinamento, qual seja: do transporte, da hospedagem, dos cursos, da participação em feiras e eventos da área. A entrevistada E16-05/11 relata em entrevista:

Eu participo das feiras. Você acaba pegando muito conhecimento, porque *tá* assistindo palestras. Eu *tive* em São Paulo seis dias. Assisti palestras todas as noites e exposição de dia. Então eu fiz sobre o ecoturismo, o turismo no Brasil. Depois no Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu, você acaba aprendendo de tudo um pouco, até curso de cozinha eu fiz pra *podê* dar algum palpite, uma opinião. Tudo é a pousada que paga.

Esporadicamente, as prefeituras municipais das cidades que compõem a Bacia do Alto Pantanal, em parceria com instituições autônomas nacionais (SENAC e SEBRAE) e com os proprietários dos empreendimentos turísticos, oferecem cursos de curta duração nas pousadas. O profissional E06-02/11 se qualificou no próprio local de trabalho:

Fiz curso de Monitor Ambiental pelo SENAC. Fiz aqui na fazenda. O pessoal do SENAC de Corumbá veio *dá* pra nós aqui. E a fazenda também investiu, veio gente *dá* o curso de pilotagem, piloto de barco, para *podê tê* carteira e acesso no rio.

Os trabalhadores com curso superior ou tecnológico, sobretudo nas áreas de Biologia, Hotelaria, Administração, Geografia, Ecologia e Turismo, com formação integral na cidade, procuram as pousadas pantaneiras para aprimorar o portfólio profissional. Os sujeitos entrevistados com esse perfil, sete e meio por cento, permanecem, em média, seis meses no Pantanal, eles atribuem a

rotatividade às dificuldades de adaptação ao ambiente pantaneiro e à necessidade de adquirir experiências profissionais com o turismo em outros estados ou países. O biólogo E24-07/11 é natural da cidade de São Paulo, à época da entrevista trabalhava no Pantanal como guia de turismo e relatou sua trajetória profissional:

Na faculdade surgiu a oportunidade de trabalhar com o turismo e eu comecei em 2007. Vim pra cá. Eu trabalho um pouco aqui de guia, depois trabalho como professor por mais um tempo em alguma escola, fico um pouco na Amazônia também como guia. Agora vou para a Amazônia, vou trabalhar com o turismo lá em uma agência de Manaus.

As pousadas pesquisadas, ao montar a equipe de trabalho, optam por contratar trabalhadores com qualificação específica para a atividade turística, ou seja, sem exigência de curso superior. Os treinamentos promovidos pelo poder público ou por entidade nacional autônoma são suficientes para as funções a serem exercidas, de camareiras, garçons, cozinheiras e monitores ambientais. O trabalhador E08-02/11 relata sobre seu curso “Fizemos curso de monitor ambiental. Fiz alguns cursos de especialização em venda pelo SENAC, pelo SENAI”.

Os profissionais que optam por esse tipo de treinamento o fazem antes de procurar o emprego. Os órgãos oferecem o curso, e, a partir de um banco de dados, encaminham os egressos para as pousadas, conforme demanda. O entrevistado E18-05/11 conseguiu emprego imediatamente ao término do curso: “Os empresários ficaram de olho em mim. Porque a gente faz apresentação. Já fui de cara trabalhando”.

Alguns trabalhadores do turismo entrevistados, vinte e cinco por cento, optaram por utilizar parte do tempo reservado ao descanso no período noturno, para fazer cursos a distância. Uma profissional entrevistada considera importante a continuidade dos estudos e a oportunidade oferecida pela internet: “Eu estou fazendo o primeiro semestre da Faculdade de Administração a distância” (E23-07/11). Nesses casos, a continuidade dos estudos é uma decisão pessoal e não uma exigência da empresa.

Por último, estão os trabalhadores qualificados para exercerem funções nas atividades turísticas e com interesses particulares em outras áreas do conhecimento, conforme relato da entrevista E16-05/11: “Eu estudo a distância também, só que eu faço Teologia. Eu chego lá em Dourados e faço uma prova, mas é um curso técnico é só para meu conhecimento”.

Ruschmann (2004) acredita no potencial local, qualificado, para atender a demanda turística e assevera:

Experiências indicam que o profissional a ser educado, capacitado e treinado, dever ser oriundo do local, região ou entorno onde irá atuar. Não só por estar naturalmente familiarizado com seus recursos naturais e culturais, mas também, por força do convívio, ser conhecedor das necessidades e potencialidades humanas da sua localidade. O elemento humano local tem melhores condições de ser preparado para propiciar vivências transformadoras que possam realmente acrescentar algo especial ao visitante (RUSCHMANN, 2004, p. 7).

O conhecimento da população pantaneira estava relacionado, quase exclusivamente, à lida com o gado. Porém, por serem exímias conhecedoras do viver pantaneiro, as gentes pantaneiras estão preparadas para transmitir informações sobre a vida no Pantanal aos turistas.

Desse modo, os proprietários das pousadas optam por trabalhadores com vivência no Pantanal. Os depoimentos asseveram a importância do trabalho da gente pantaneira com o turismo:

Os pantaneiros são os caras que têm mais conhecimento. Pode ser biólogo, ecólogo, ter o conhecimento que for, mas quando o cara chega aqui de nada adianta. O pantaneiro vai aqui, diz que pássaro está a cantar aqui sem ver, sabe tudo (E05-02/11).

O peão faz uma cavalgada, mas ele é acostumado, ele conhece todo o Pantanal. Sabe encilhar um cavalo, fazer o passeio com os turistas. Para ele é uma rotina, como ele *pegá* e *vê* um gado. A adaptação com o turismo foi fácil, porque os passeios: cavalgada, trilha, safári, focagem, pesca esportiva, passeio de barco, tudo isso para o pantaneiro é fácil, ele sempre fez isso involuntariamente. O pantaneiro no trabalho do campo fazia cavalgada, trilha, entrava no meio do mato, caminhava, corria cerca, pescava. Fazia tudo isso. Então foi muito fácil (E03-02/11).

O trabalho com turismo no Pantanal é diuturno, de domingo a domingo, da preparação do café da manhã, aos passeios, do jantar aos serviços gerais, além da manutenção das pousadas (rede elétrica e hidráulica, barcos, carros,

motores e o trato dos animais). Essa condição de trabalho o torna cansativo, desgastante e sem reconhecimento econômico por parte dos patrões. Uma pessoa entrevistada afirma:

A gente faz tudo. No final do mês, o patrão não dá nem dez real pro refrigerante. *Pagá* algum extra? *Rarará. Nós acorda* 5h *prá fazê* o café da manhã pra turista. Eles *faz* a gente *assiná* um papel que a gente pega 8h no serviço, larga 11h30, sendo que 11h *nóis* tá dando o *armoço*. Diz que *nóis* pega 2h da tarde e que larga 18h. Aí se vai *caçá* seus direito, porque, claro se você acorda com escuro e vai dormir 11h (23h), meia noite, tá errado. E fala que você para 18h. Não tem nem hora-extra. Nem fala: “Cachorra, toma um real *prá comprá* uma bala”. (E37-05/12).

A grave denúncia, sobretudo do excesso de horas de trabalho, mostra o conflito dessa gente pantaneira ao se sentirem reféns dos patrões, pois alegam o mesmo ritmo de trabalho nas diferentes pousadas pantaneiras.

Nas empresas convencionais, os trabalhadores cumprem, normalmente, uma jornada de quarenta e quatro horas semanais. Nos empreendimentos turísticos pantaneiros, segundo informações dos profissionais do turismo, a jornada de trabalho chega a cinquenta e seis horas semanais, com descanso mensal de noventa e seis horas, conforme acordo contratual.

Os trabalhadores das pousadas podem usufruir do período de descanso, na cidade²⁸ ou na própria pousada. Aos que optam por permanecem no local de trabalho, podem utilizar a área de lazer da pousada ou fazer pequenos deslocamentos, de motocicleta ou à cavalo, ou ainda, trabalhar durante a folga, para aumentar a renda mensal. Porém o valor recebido nem sempre corresponde ao devido, E38-05/12 relata: “Eu assinei o papel da minha folga, eles *paga* oitenta e sete reais. Eu assustei, é muito pouco, não vale a pena *ficá* aqui na folga”.

Os finais de tarde são reservados ao lazer, os trabalhadores se reúnem em rodas de tereré, de viola, jogos de futebol ou de voleibol, divertem-se na sala de jogos, algumas vezes com a participação dos patrões, sem excluïrem as

²⁸ A Estrada Parque Pantanal não conta com linha de ônibus intermunicipal ou urbano. Os interessados em chegar até a rodovia e utilizar o transporte convencional até a cidade contrata um carro de aluguel, o valor varia entre R\$ 80,00 e R\$ 100,00 conforme a distância da pousada e as condições climáticas.

diferenças entre patrões e empregados. Os hóspedes, também, apreciam essas atividades como um atrativo turístico; curiosos, interagem e compartilham das brincadeiras.

Com a inserção do turismo no Pantanal e a chegada de outros sujeitos, sessenta e três por cento dos entrevistados, todos do sexo masculino, afirmaram terem se envolvido emocionalmente com turistas brasileiras ou estrangeiras. Desse montante, doze por cento formaram suas famílias ou tiveram filhos, frutos de relacionamentos com turistas de outras cidades ou países. O jovem E21-05/11 manteve um relacionamento amoroso com uma turista espanhola e teve uma filha “Tenho dois filhos, um casal. Um tem dez, a outra tem onze. Um mora em Campo Grande com a mãe e a outra mora na Espanha com a mãe, em Málaga”. O senhor E25-07/11 se casou com uma turista, atualmente ela mora em Miranda com o filho do casal:

Ela veio de São Paulo. A gente se conheceu, aí ela pegou o meu endereço, telefone lá da fazenda e perguntou se podia me ligar. Aí ela me ligava, escrevia cartas e eu ficava assim com um pé atrás. Aí a gente manteve bastante contato e ela que me pediu em namoro, isso foi em 2001 e depois a gente se casou em 2004.

Nesse universo de diversidades produtivas e culturais, o mercado global imprime os novos caminhos para a produção turística e pecuária, insere outros indivíduos, transforma o modo de vida das gentes pantaneiras, constrói novas relações com a natureza e ressignifica a geografia no Pantanal.

CAPÍTULO II

A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA NO MUNDO MODERNO: A PRODUÇÃO DO PANTANAL E O COTIDIANO DAS SUAS GENTES

A pintada *começô matá* dois ou três *bezerro* por dia.
Um dia eu falei pro patrão: “A onça tá batendo”.
E ele falou assim: “*Caba os dente* da onça,
mas *num caba os boi* que eu tenho no pasto,
dexa que come. Não é pra *matá*”.
Peão pantaneiro

Diferentes concepções e compreensões sobre a natureza permeiam o pensamento da humanidade nos últimos séculos. Autores como Porto Gonçalves (1990 e 2006), Smith (1988), Santos (2002), Souza Santos (2010), Martins (2012), Thomas (2010) discutem as noções de natureza, condizentes com as formas de produção e de acumulação de capital determinadas pelo mercado globalizado e pelo momento histórico e social vigente.

Smith (1998) atribui à concepção de natureza complexidade e algumas contradições:

A natureza é material e espiritual, ela é dada e feita, pura e imaculada; a natureza é ordem e desordem, sublime e secular, dominada e vitoriosa, ela é uma totalidade e uma série de partes, mulher e objeto, organismo e máquina. A natureza é um dom de Deus e é um produto de sua própria evolução; é uma história universal à parte, e é também o produto da história, acidental e planejada, é selvagem e jardim. Em nosso elenco de concepções de natureza, todos esses significados sobrevivem hoje, mas

mesmo em sua complexidade eles são organizados em um dualismo essencial que domina a concepção de natureza (SMITH, 1988, p. 28).

O autor fala também da natureza externa e universal:

De um lado, a natureza é *externa*, uma coisa, o reino dos objetos e dos processos que existem fora da sociedade. A natureza exterior é primitiva, criada por Deus, autônoma; é a matéria-prima da qual a sociedade é construída, (...). Como árvores e rochas, rios e tempestades, a natureza está esperando para ser internalizada no processo de produção social. Por outro lado, a natureza é também claramente concebida como *universal*. Ao lado da natureza exterior, nós temos a natureza humana, na qual está implícito que os seres humanos e seu comportamento social são absolutamente tão naturais quanto os aspectos ditos “externos” da natureza. Desse modo, os tratamentos ecológicos da sociedade humana situam a espécie humana como uma entre muitas na totalidade da natureza. Em contradição à concepção exterior da natureza, a concepção universal inclui o humano e o não-humano da natureza. A natureza exterior e a universal não são inteiramente conciliáveis, pois ao mesmo tempo em que a natureza é considerada exterior à existência humana, ela é simultaneamente tanto exterior quanto interior. (SMITH, 1988, p. 28).

A dicotomia sociedade e natureza calcada em teorias desenvolvidas ao longo do tempo, não representa, na contemporaneidade, as novas relações em construção entre a população mundial e a natureza. Para Boaventura de Sousa Santos (2010):

A concepção humanística das ciências sociais enquanto agente catalisador da progressiva fusão das ciências naturais e ciências sociais coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa. Não há natureza humana porque toda a natureza é humana (SOUZA SANTOS, 2010, p. 71).

Nessa perspectiva é importante repensar a relação sociedade e natureza para além da dicotomia.

Para Porto Gonçalves (2006), a relação do ser humano com a natureza é conduzida conforme o período histórico, segundo ele:

Não existe relação com a natureza que não seja por meio de um conjunto de significações socialmente instituído e, portanto, possível de ser reinventado num processo aberto, complexo, contraditório e indefinido sempre em condições históricas e geograficamente determinadas (PORTO GONÇALVES, 2006, p. 88).

As mudanças impostas à natureza desde a Antiguidade objetiva a posse e a apropriação. As palavras de Thomas (2010) referendam a dominação

humana no Período Medieval: “Com efeito, ‘civilização humana’ era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza” (THOMAS, 2010, p. 33).

O autor reafirma sua ideia ao atribuir autenticidade científica ao domínio da natureza:

Para os cientistas (...), todo o propósito de estudar o mundo natural se resumia em que a Natureza, desde que conhecida, será dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana (THOMAS, 2010, p. 35).

Milton Santos (2008a) fala da técnica como instrumento de domínio sobre a natureza, com vistas ao aumento da produção:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução (SANTOS, 2008a, p. 17).

As transformações nas relações com a natureza intensificaram, sobretudo, com a emergência do capitalismo industrial, assegurado por Smith (1998): “Mais que qualquer outro acontecimento conhecido, a emergência do capitalismo industrial é responsável pelo surgimento das concepções e visões contemporâneas sobre a natureza” (SMITH, 1988, p. 27).

No Pantanal, desde a segunda metade do século passado, as gentes pantaneiras constroem e reconstroem novas relações com a natureza. Martins (2012), ao se referenciar à noção de formação econômico-social do ser humano com a natureza, afirma:

(...) o homem que, na atividade por meio da qual atua sobre a natureza para saciar-se, para atender suas necessidades, modifica a natureza e modifica suas próprias condições de vida, modificando ao mesmo tempo sua relação com a natureza (MARTINS, 2012, p. 99).

Sob o olhar da Geografia, esse capítulo tem por objetivo descrever e analisar, as novas relações, ora em construção, estabelecidas entre as pessoas que vivem no Pantanal e a apropriação da natureza. Considerando a amplitude dos estudos relacionados com a natureza, os temas elencados para análise foram

detectados nas entrevistas realizadas e são representativos do momento atual de apropriação da natureza.

2.1 A urbanização do campo e a interferência na relação com a natureza

A dicotomia entre cidade e campo diluiu com o avanço da industrialização no mundo moderno, conforme assevera Carlos (2007):

[...] o urbano e o rural aparecem em um movimento da reprodução saído da história da industrialização [...]. Não se pode ignorar que a industrialização permitiu o desenvolvimento do mundo da mercadoria, e, [...] proporcionou a articulação entre as mais distantes áreas do planeta, desenvolvendo redes de comunicação e de difusão da informação, [...] criando um processo inexorável: a urbanização do planeta (CARLOS, 2007, p.107).

Assim, a produção de homens e mulheres do campo é conduzida por práticas urbanas²⁹. Para a autora a reprodução apareceria

[...] como resultado do mundo da mercadoria, como programa do capitalismo e do Estado que organiza a vida cotidiana porque organiza a sociedade de consumo. O capitalismo no curso de sua realização se transforma; a reprodução sai da produção de mercadorias “para ganhar a sociedade toda”, sem deixar de criar contradições, posto que a reprodução em seu movimento real envolve tendências contraditórias (CARLOS, 2007, p. 29).

Desde o século XIX, conforme aponta Keith Thomas (2010), iniciou-se um processo de reencantamento pela natureza, ou seja, os seres humanos começaram a atribuir à natureza um caráter de encantamento, uma espécie de magia capaz de resolver os males urbanos, como por exemplo, o estresse. As férias, o passeio no campo, a fuga dos centros industriais poluídos, o desfrute do ar puro representavam uma forma de ascensão social e de conquista da qualidade de vida perdida entre as chaminés das fábricas e o crescimento das cidades – um reencantamento, como se adentrar e vivenciar, o ambiente natural pudesse resolver de forma mágica os problemas associados ao mundo da cidade.

²⁹ O urbano será entendido nessa tese conforme Carlos (2007) recomenda: “[...] pensar o urbano enquanto reprodução da vida em todas as suas dimensões – enquanto articulação indissociável dos planos local/mundial – o que incluiria, necessariamente, as possibilidades de transformação da realidade (a dimensão virtual)” (CARLOS, 2007, p.12).

No Pantanal as gentes pantaneiras entrevistadas, unanimemente, atribuem à natureza o poder de conduzir os rumos da produção em uma perspectiva determinista, simplificando o entendimento natureza e sociedade, mas indicando a emergência de novas leituras. Como exemplo, pode-se citar a fala do entrevistado E33-03/12:

A natureza é a coisa mais forte do mundo. Quem manda? A natureza. O Pantanal é natureza, quem manda no Pantanal, não é veterinário, não é eu, não é ninguém, é a natureza. Você tem que administrá com a natureza em conjunto.

A frase do pantaneiro caracteriza certa alienação do processo de produção do Pantanal, centrada na ideia de ausências de conflitos, dando origem à naturalização das relações sociais.

Porém, no decorrer das últimas décadas, sutilmente, são construídas novas formas de relacionamento com a natureza. Pode-se citar como exemplo, a simplicidade das brincadeiras infantis, da produção de brinquedos artesanais - construídos com frutas, sementes e palitos de madeira, bonecas de pano, carrinhos de madeira -, do banho de rio, das histórias e dos causos contados nos galpões das fazendas que permeavam o imaginário infantil, mas que progressivamente foram substituídos por brinquedos industrializados, jogos eletrônicos, bonecas falantes, super-heróis e desenhos animados, acompanhados pela televisão. Em depoimento, E29-11/11 relembra a infância na fazenda “Sabe o que fazia apaixonar, eu e aqueles que foram criados lá? Quando a gente era criança, seis, sete, oito anos, nós vivíamos no galpão com os empregados. Meus heróis infantis eram os peões, os vaqueiros (...)”.

Nos Pantanaís do Abobral e do Aquidauana a rotina de uma criança, em idade escolar, reproduz a infância na cidade, ou seja, escola em um período do dia, tarefa escolar para cumprir em outro, programas infantis na televisão e, em alguns casos, jogos eletrônicos, esporadicamente pescam com os pais na beira do rio. Ao questionar uma menina pantaneira de seis anos, sobre a sua brincadeira favorita, rapidamente veio a resposta: “Joguinho no computador”.

Os avanços tecnológicos, sobretudo da comunicação, possibilitaram ao ser humano usufruir a vida no campo, aliada aos benefícios proporcionados pelas cidades. A Figura 2.1 mostra uma pousada pantaneira e a utilização da tecnologia na transformação da natureza em urbano.

Figura 2.1: Apartamento de uma pousada no Pantanal (s/d).



Autor: MATÉ, B.

O ser humano tem produzido tudo o que seja natural, tornando as coisas acessíveis para ele (Smith, 1998, p. 97). O verão do Pantanal atinge temperaturas superiores a 40°C³⁰, para oferecer maior conforto aos hóspedes, as pousadas alteram a temperatura interna de um quarto em relação à temperatura externa com a utilização de um aparelho de ar condicionado. Trata-se de uma forma de dominação e produção da natureza, ou seja, da transformação da temperatura elevada em temperatura amena, para proporcionar certo conforto em conformidade com o poder aquisitivo dos hóspedes, dentro dos padrões urbanos.

³⁰ A temperatura apresenta média mínima anual entre 12°C e 16°C no inverno e 23°C a 25°C no verão, embora as máximas diárias sejam superiores a 40°C no verão e as mínimas atinjam até 0°C no inverno, podendo ocorrer geadas no Pantanal Sul (IBGE, 1980).

No bojo das práticas que combinam campo e cidade, observa-se no Pantanal o processo de urbanização nas diferentes formas de produção espacial, impostas pelo mercado global, e nas novas formas promovidas de se relacionar com a natureza. Geograficamente, sob a bandeira do progresso, o capitalismo tenta a urbanização da zona rural (Smith, 1998, p. 88). Em entrevista, E01-12/10 comenta sobre a influência do urbano na vida dos trabalhadores das fazendas: “O urbano que vai para lá, vai passando as informações. Então, hoje, essa pessoa que *tava* no mundo jogado, hoje ele tem uma televisão, ele tem um ventilador, ele tem um ar condicionado, ele tem comida boa”.

Os hábitos da cidade no campo mudam as formas de relacionamento entre os indivíduos e dessas com a natureza. Souza (1998) considera a urbanização como:

(...) uma das formas mais brutais de organização do espaço e da sociedade, pois ela implica não só uma revolução na organização do espaço físico, como também do próprio corpo social, da maneira de ser e de viver do homem e da sociedade (SOUZA, 1988, p, 14).

As práticas cotidianas das gentes do Pantanal começaram a reproduzir a vida da cidade, aproximando-as dos acontecimentos mundiais que ditavam a produção espacial e a condução da vida pantaneira, sobretudo, com a chegada das imagens de televisão, fato considerado um marco para a comunidade pantaneira.

O entrevistado E01-12/10 alega “periculosidade” em relação ao acesso às informações, via televisão, recebidas por seus empregados, e, sente dificuldades em administrá-las.

Essas informações vão passando, porque hoje tem televisão, tem rádio. Se você não tiver uma boa formação, mais desaprende do que aprende. Esse casal (empregados da fazenda) que não tinha nem luz na fazenda, não assistia nem novela, hoje *tá* assistindo e olha o perigo. Uma senhora de quarenta e cinco anos, vê uma novela hoje... é complicado e eu preciso dela lá.

O trecho da entrevista, reproduzido na íntegra, faz referência à televisão como um elemento capaz de desvirtuar a relação de submissão dos empregados, porém, necessária para manutenção dos trabalhadores da fazenda.

Em contraponto, E30-01/12 considera a inserção da informação no Pantanal um processo lento, gradual e de conquista pessoal:

Primeiro eles não tinham nada... de repente apareceu o rádio, eles começaram a ter notícias do mundo, depois o rádio amador. Agora, ele vê televisão na casa do vizinho ou do patrão e sonham em comprar uma. Logo que podem juntam um dinheirinho e compram uma televisão.

A mercadoria “televisor” - sonho de consumo -, é também um instrumento de informação e pode contrapor ao processo de subjugação e de alienação do trabalhador; conforme a utilização por parte dos empregados. As palavras de Schmidt (1971, *apud* Smith, 1998) asseguram: “(...) o desenvolvimento tecnológico, como parte do metabolismo necessário com a natureza, é a fonte de dominação, não de emancipação” (SCHMIDT, 1971, *apud* SMITH, 1998, p.54)

Se as imagens da televisão chegaram aos poucos em terras pantaneiras, com a internet o acesso foi mais dinâmico. Nos primeiros anos do século XXI, a comunicação, promovida pela internet, conectou o Pantanal com o mundo moderno, em um processo irreversível. O senhor E01-12/10 garante: “Você é obrigado a ter internet. Como eu vou ficar sem internet na minha propriedade?”.

As exigências da contemporaneidade dão origem a novas formas de viver, principalmente aos jovens trabalhadores do turismo no Pantanal. Nos dias atuais eles fazem parte das redes sociais, têm *e-mail*, *Facebook*³¹, *Skype*³², estão conectados com o mundo.

³¹ *Facebook* é uma rede social lançada em 2004, operado e de propriedade privada da *Facebook Inc.*, foi fundado por Mark Zuckerberg. O uso é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. Disponível em: <http://www.facebook.com>

³² *Skype* é o software gratuito e permite conversar com pessoas do mundo inteiro. Também pode ser usado por empresas. Opções: chamadas de voz e vídeo, envio de mensagens de chat e compartilhamento de arquivos. Pode-se usar o *Skype* no celular, computador ou em uma TV com o *Skype* instalado. Pagando, o cliente pode fazer chamadas para telefones fixos, acessar *WiFi*, enviar SMS e fazer chamadas com vídeo em grupo. Disponível em: <http://www.skype.com>

Lefebvre (2001) atribui aos jovens a importância na promoção de práticas eminentemente urbanas no campo, ao afirmar: “Geralmente a juventude contribui ativamente para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 19). Para E05-02/11 a tecnologia o mantém informado sobre os acontecimentos mundiais: “Nós moramos aqui, mas temos tecnologia, estamos ligados no mundo, temos Internet, temos cem canais de televisão”. E03-02/11 afirma ainda:

Nós temos uma internet lá (na pousada). Porque nós trabalhamos com turista do mundo inteiro. O cara chega lá, tudo bem que ele tá no Pantanal, no meio do nada, vamos dizer assim, mas ele quer dar uma informação pra família dele, lá na Holanda, na Alemanha. Então a gente sentiu essa necessidade, nós investimos nisso e não é barato.

As empresas agropecuárias e as pousadas pantaneiras aderiram aos meios de comunicação, necessários para permanência e fortalecimento no mercado mundial.

Nas Figuras 2.2 e 2.3 pode-se identificar rede de energia elétrica, antenas para captação de sinais para televisão e telefonia. O avanço dos meios de comunicação, exigência do mundo moderno, não significa melhoria na qualidade de vida, entendida nessa tese como aumento de renda, água potável, alimentação, educação e saúde básicas. Significa avanço técnico.

Figura 2.2: Casas de um vilarejo ribeirinho pantaneiro com rede de energia elétrica, antenas parabólicas e para telefonia celular (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Figura 2.3: Chalanas ancoradas no Rio Miranda, com rede de energia elétrica, antenas parabólicas e para celular (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

A urbanização no Pantanal vai além dos avanços tecnológicos. A prática desportiva faz parte do cotidiano dos empregados das fazendas, das pousadas e das crianças, eles jogam futebol ou voleibol de areia em campos de futebol ou quadras de areia adaptados para esses fins. Para Lefebvre (2001): “Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano, os costumes, a rápida adoção das modas que vêm da cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 19).

As gentes pantaneiras, sobretudo as que vivem no Pantanal há mais de quarenta anos, atribuem a adesão dos hábitos urbanos ao novo modelo de produção do espaço pantaneiro - a atividade turística. Para o trabalhador E34-04/12 “O turismo deixou todo mundo [do Pantanal] com jeito de cidade”.

2.2 Os problemas sociais urbanos e os impactos nas gentes pantaneiras: o caso das bebidas alcoólicas

A confraternização com bebida alcoólica é uma prática milenar entre homens e mulheres de todas as raças, classes sociais e poder aquisitivo, para celebrar a vida, a caça, a colheita, os nascimentos, as conquistas, entre outros motivos.

Desde a mais remota Antiguidade o ser humano faz uso de bebida alcoólica, seja em ritual religioso ou laico. Entre os indígenas, por exemplo, a bebida é uma prática secular, eles a produziam, algumas vezes alucinógena, para os rituais da tribo, ou seja, havia uma simbologia na produção e no consumo da bebida que os “levava” à divindade e à legalidade da bebida.

No mundo moderno, a bebida, com alto teor etílico, se transformou em mercadoria, como consequência do avanço do capitalismo. A indústria investe em *marketing* e propaganda para aumentar o consumo e, conseqüentemente, gerar mais lucro para a empresa. Indiscriminadamente, no campo ou na cidade, todos, ao pagar, têm acesso à mercadoria bebida diariamente, independente da forma de utilização e dos problemas derivados do consumo excessivo do álcool.

Nas cidades, habitualmente, ao encerrar o expediente comercial, os trabalhadores se reúnem com os colegas e utilizam a bebida como mecanismo de descontração e relaxamento. Os padrões urbanos de utilização, moderada, da bebida alcoólica depois do trabalho, também é costume antigo entre as gentes pantaneiras. Para Lefebvre (2001), na obra “O direito à cidade”, a vida urbana penetra na vida camponesa. A metáfora empregada pelo jovem E40-04/12 retrata a bebida como forma de relaxamento: “Esse aí” (aponta para um colega de trabalho) “é igual televisão, sai fora do ar um pouco, mas depois de *descansá* já volta ao normal de novo”.

A bebida industrializada possui substâncias químicas e o consumo excessivo pode levar à “Síndrome da Dependência do Álcool³³”. Os dependentes químicos passam a ser um problema social, de saúde pública, porque a bebida alcoólica gera enfermidades, internações para tratamento, desajuste familiar, violência doméstica, desemprego, etc. Nesse sentido a melhor forma de amenizar os problemas físicos e sociais advindos do alcoolismo é a prevenção. Segundo Souza (2001): “O alcoolismo tem resistido a todas as formas de tratamento conhecidas até hoje. Há consenso que as medidas preventivas talvez sejam as que possam obter os melhores resultados” (SOUZA, 2001, p. 37).

O hábito de beber nem sempre leva ao alcoolismo, mas pode causar problemas econômicos e profissionais aos consumidores. A fala do entrevistado E34-04/12, ao ser questionado sobre o poder aquisitivo do peão pantaneiro, traduz as mazelas derivadas do excesso no consumo de bebida alcoólica:

Hoje o peão ganha dinheiro e não sabe *trabalhá* com o dinheiro dele, porque bebe muito. Todo mundo bebe, não é só peão, mas a maioria dos *peão* bebe mesmo pra *valê*, até caí. Vai na mulherada, elas *pega* o dinheiro dele. Acaba com o dinheiro, ai não tem nada. Tem muito peão que eu conheço que é cara bom. *Vévi male, male*, ele tem uma traia de arreio e pronto.

Os peões, considerados entre aqueles que os patrões e os colegas avaliam como “peão bom”, muitas vezes perdem a hegemonia no grupo em consequência da bebida, eles adoecem e podem falecer ainda jovens. A simplicidade das palavras do jovem E41-04/12 descreve os problemas provocados pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas: “Ele bebe desde cedo, esse que é o problema. Bebe o dia inteiro. Aquilo vai cozinhando o miolo dele. Dá até medo de viajar com ele. Eu não viajo...” O entrevistado E34-04/12 complementa referindo-se a outro companheiro de estrada: “O pior é que tá

³³ A síndrome da dependência do álcool é caracterizada como um processo sequencial, que se inicia com a ingestão de bebidas até chegar a uma situação de dependência, num período que varia entre 5 e 10 anos, ligada a fatores cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Por outro lado, as incapacidades relacionadas ao álcool consistem em disfunções físicas, psicológicas e sociais que advêm direta ou indiretamente do uso excessivo de bebidas e da “dependência” (Souza, 2001, p.24).

matando o cara e ele não para. Ele *tava* viajando com boiada, de repente *ficô* ruim, levaram ele pra Rio Negro e ele morreu lá. Morreu ligeiro e novo o cara”.

O ser humano, em estado avançado da doença do alcoolismo, negligencia no trabalho, perde a noção do limite de suas ações. Os peões E43-04/12 e E40-04/12 relembram das atitudes de um colega alcóolatra: “Um dia *nóis* *cheguemo* aqui. O Zé rolou com a traia, deitou no meio da reta e falou: ‘Não vô mais nessa desgraça’, e *nóis* com mil e trezentas cabeça [de gado]”. “Se ele *inverná* acabou. Ele deita com a traia e *num* levanta mais”. Abandonar uma comitiva no Pantanal caracteriza falta de solidariedade, falha grave por parte de um peão.

Os mecanismos para cura ou prevenção dos problemas decorrentes do alcoolismo estão na cidade, como por exemplo, os grupos de Alcoólicos Anônimos - AA e a assistência promovida pelo Estado por intermédio de tratamentos médicos específicos, internações, etc. Os pantaneiros E43-04/12 e E34-04/12, dependentes químicos sem fazer uso de bebida alcóolica há cerca de vinte anos, relatam as experiências pós tratamento médico: “Prá *falá* a verdade tomei muita pinga. Hoje em dia, nem lembro desse troço. Cigarro fumava que nem um Caipora”.

Cachaça é bom. Mas você tem que *tomá* ela e não *deixá* ela *tomá* você. É bom, se *tomá* um gole, *guardá* e pronto. Eu tomei muita cachaça. Eu tomei até os *meu* trinta e três *ano*. Tomava um litro de pinga só de tarde, dormia bem zozzo. No outro dia *tava* bom e era todo dia, e eu viajava, mexia com bicho bravo.

O excesso de bebida alcóolica no Pantanal tem despertado preocupação entre as gentes pantaneiras, alguns, inclusive, atribuem o vício à atividade turística, conforme relato do entrevistado E36-05/12:

Todo turista que vem é prá *festá*, *tomá* cerveja. Esses três *dia* ele vem prá *bebê*. Depois volta cada um pro seu trabalho, e não vai *bebê*, o tanto que bebe nesses dias. Só que o profissional que *tá* recebendo ele aqui, sai desse grupo, ele pega outro e outro e continua bebendo. *Tá* tendo muitos profissionais na área, muito bons até, com problema de alcoolismo ou até alcóolatra mesmo. Já *tá* tendo problema até prá *trabalha*. É difícil por na cabeça dele. A festa pro turista é aqueles três *dia*, mas o profissional que fica aqui fica o ano inteiro. Nós *tamo* com uma porção aqui, gente boa, isso é um problema.

O relato do entrevistado expõe os conflitos da ascensão da atividade turística no Pantanal. Os turistas, principalmente do turismo de pesca, consomem e compartilham com os trabalhadores do turismo bebidas alcoólicas durante as férias no Pantanal. Porém, entre esses trabalhadores, o ciclo reproduz diariamente, a despeito de estarem no exercício da função e não disfrutando de férias. As palavras de Krippendorf (2000) refletem o antagonismo entre a realidade do turista e do trabalhador do turismo:

O turista, (...) esquece, frequentemente, que a experiência única que ele vive representa, para o autóctone a repetição contínua das mesmas situações. Ocorrem perpetuamente as mesmas situações, as mesmas excursões, as mesmas festas e as mesmas perguntas. Os turistas sucedem aos turistas, são centenas, milhares (KRIPPENDORF, 2000, p. 85).

O avanço do capitalismo produz, contraditoriamente, o “moderno” e os problemas modernos. A facilidade de acesso à bebida e, conseqüentemente ao vício, no campo ou da cidade, é um problema para além do pessoal, não se trata de uma questão ideológica ou de moral definir o modelo de comportamento ideal para uma pessoa, mas uma questão social, de saúde pública e de bem estar pessoal.

2.3 As novas relações com a natureza: das ervas medicinais aos medicamentos industrializados

O Pantanal do Abobral e o Pantanal do Aquidauana - recorte espacial da tese – localizam-se a cerca de 200 km das cidades mais próximas e mantêm, em média, 30 km de distância entre as sedes das fazendas.

As distâncias das cidades, aliadas aos saberes tradicionais dos indígenas, primeiros habitantes do Pantanal, promoveram, nas gentes pantaneiras; conhecimentos sobre a aplicabilidade de plantas consideradas medicinais para o tratamento de diferentes enfermidades, da dor de barriga às doenças respiratórias. “No mato tem remédio para tudo”, garante E35-05/12 em entrevista. A coletividade pantaneira, por décadas, fez uso de medicamentos

caseiros, o índio pantaneiro E36-05/12 relembra os medicamentos usados pelos avós:

Meu pai dava pra gente banha de capivara com mel de abelha e acontecia uma reação. Como é muito forte os dois, nos *primeiro dia* dava até diarreia, nas primeiras semanas *estóra*, nas crianças, um monte de feridas no corpo todo, aquilo inflama e fica uma aguinha saindo, aquilo fica horrível, depois sara, em uma semana cicatriza tudo. Se você *sofrê* um corte, qualquer coisa, em três *dia tá* cicatrizado, é tipo uma vacina. É o principio da vacina.

Nos dias atuais, o medicamento caseiro é utilizado em pequena escala, principalmente entre os moradores das fazendas de difícil acesso. Durante as viagens das comitivas pantaneiras, os peões costumam usar plantas medicinais para amenizar o mal estar, auxiliar na digestão e amenizar os incômodos provocados pelo consumo excessivo de substância com alto teor alcoólico. O senhor E34-04/12 explica como utiliza a erva para ajudar os companheiros adoentados: “Não tinha remédio, aí *arrumemo* um fedegoso, *soquemo*, demo uma *sarmora* também. O cara *ficô* bom!”.

Os chás e garrafadas³⁴ não são comprovados cientificamente e, progressivamente, perderam espaço no cotidiano pantaneiro para os remédios industrializados, levados pelos turistas ou pelas equipes médicas ao atenderem periodicamente as gentes pantaneiras. A pantaneira E35-05/12 utiliza medicamentos doados pelos médicos: “O médico passou remédio, já tomei um. Eles já *traz* o remédio (...)”.

Os entrevistados foram unânimes em atribuir o uso dos remédios “da farmácia” às informações recebidas pela televisão, pela internet e pelos turistas. A diminuição no uso dos medicamentos caseiros, em parte, pode ser atribuída ao processo de urbanização do campo e a chegada de indivíduos com diferentes formações no Pantanal.

As altas taxas de desemprego na cidade, nas décadas de 1980 e 1990, levaram os trabalhadores a procurar emprego em outros lugares; esse fato, aliado ao desenvolvimento da atividade turística, à modernização da pecuária e à

³⁴ Solução produzida artesanalmente com ervas medicinais.

instalação da rede de energia elétrica, em parte do Pantanal, desde o final do século passado, atraíram centenas de trabalhadores e turistas para o Pantanal. E, em consonância com o acesso à informação, sobretudo pela televisão, materializou-se a vida da cidade no campo. Assim, as gentes pantaneiras começaram a construir hábitos urbanos, como por exemplo, o uso de medicamentos industrializados. Para Oliveira Neto (1999):

Com a industrialização promovida pelo capitalismo e com a apropriação parcial, a cidade explode e a urbanidade torna-se **referencial** para a humanidade. O indivíduo passa a ter as mesmas aspirações, independentemente de morar na cidade ou no campo. Ele é urbano em seu modo de produzir, de consumir, de pensar, de sentir, enfim, em seu modo de vida. (OLIVEIRA NETO, 1999, pp. 36-37, grifo desta autora).

Nesse sentido, é importante considerar a existência, no mundo moderno, de uma espécie de reconhecimento da indústria química farmacêutica, “garantindo” qualidade ao medicamento. Trata-se da ideia de desenvolvimento relacionado à técnica e ao lucro. As palavras de Smith (1998) referenciam a engrenagem da indústria farmacêutica:

A produção capitalista (e a apropriação da natureza) é acompanhada não pela satisfação das necessidades em geral, mas pela satisfação de uma necessidade em particular: o lucro. Na busca do lucro, o capital corre o mundo inteiro. Ele coloca uma etiqueta de preço em qualquer coisa que ele vê, e a partir desta etiqueta de preço é que se determina o destino da natureza (SMITH, 1998, p. 94).

Os remédios caseiros não condizem com os hábitos urbanos, as garrafadas e os “chazinhos”, para alguns entrevistados, “é coisa de gente do mato”, caracterizando um descompasso com as práticas urbanas impostas pelo mercado e chegando a ser motivo de desqualificação do medicamento caseiro entre eles. A entrevistada E35-05/12 diz:

De primeiro era remédio caseiro. Quando eu cheguei aqui, tinha aquele negócio de garrafada. Agora se você for tomar um remédio caseiro, a turma fala: “Cê não tá dando no couro? Cê tá ficando brocha³⁵?” Esses *día* meu marido *tava* atrás de uma raizada³⁶ pra ele *tomá*, a *chuá*³⁷ que é

³⁵ Expressão popular usada para se referir à impotência masculina.

³⁶ Solução produzida artesanalmente com ervas medicinais.

³⁷ Erva medicinal utilizada para amenizar dores na coluna.

bom pra coluna. A turma perguntou pra ele: “Ei cara, que *cê* tem? Tá virando bicha³⁸ pra *tomá* remédio do mato?” De primeiro não era assim.

Nas últimas décadas as farmácias e drogarias proliferaram nas cidades e expandiram o alcance para o campo. Nos vilarejos pantaneiros, as mercearias e os postos de combustível vendem medicamentos não controlados. Assim, a mercantilização da vida urbana se estende ao campo.

A extensão do alcance da rede de telefonia celular também facilitou a aquisição de medicamentos industrializados. A trabalhadora E37-05/12 encomendou um medicamento comercial, via celular, e resolveu o problema de saúde:

Liguei pro meu guri na cidade: ‘Vai lá na farmácia, explica que você *qué* um xarope pra pessoa fumante’. Aí explicou lá prá dona da farmácia. Ela mandou dois *xarope*. Mas foi tirar com a mão. Aí acabou os dois *vidro* de remédio, ele ficou uns dez dia tomando aquilo e sarou.

As pessoas também potencializam os efeitos dos chás caseiros associando-os a antitérmicos ou analgésicos. A senhora E37-05/12 atribuiu a cura de um resfriado à composição de medicamentos caseiros e industrializados: “A única coisa que eu faço, quando ele tá muito atacado, eu queimo um limão com guaco e *dô* com um Apracur³⁹, Dipirona e só”.

O medicamento transformado em mercadoria industrializada tem comprovação científica em contraponto às ervas caseiras. Trata-se da primazia da ciência, na qual o conhecimento científico e o lucro comandam o mercado em escala global.

Nesse sentido, pode-se recorrer a Marx (1996) ao defender a ideia da transformação do valor de uso para o valor de troca, nesse caso, a troca do uso de produtos da natureza para a produção de chás, garrafadas e raizadas pelo remédio industrializado.

³⁸ Expressões populares usadas para se referir à homossexualidade masculina.

³⁹ Denominação comercial da composição de maleato de clorfeniramina, ácido ascórbico (vit. C) e dipirona sódica. Disponível em: <http://www.bulasonline.com.br>

2.4 As crianças cresceram: o retorno dos jovens ao Pantanal

Desde o início do século passado os filhos dos proprietários de terras, tão logo atingissem a idade escolar, partiam para grandes centros como Rio de Janeiro e Curitiba para iniciar os estudos. Em relato, o pantaneiro E29-11/11 apresenta sua história: “Meu pai tinha várias fazendas, já tinha recurso quando eu terminei o curso ginasial. Ai, ele me mandou para o Rio fazer o curso científico de antigamente”.

Ao terminar o curso superior, normalmente os jovens optavam por fixar residência na cidade, quando necessário, montavam escritórios para administrar as terras a distância e mantinham um gerente na fazenda.

Dentre os proprietários de terras ou de pousadas entrevistados, cem por cento têm filhos com formação superior, são dentistas, professores, administradores, analistas internacionais, médicos veterinários, agrônomos, médicos, advogados. Todos vivem e trabalham na cidade e têm atividades vinculadas ao Pantanal, seja com a pecuária ou com o turismo. O médico, empresário da pecuária e do turismo E01-12/10 e os filhos vivem na cidade e mantêm uma agenda quinzenal de trabalho no Pantanal:

Eu tenho um filho que adora o turismo e outro que adora a pecuária. Os dois são formados. O do turismo não é muito ligado na pecuária, se você *colocá* na pecuária não dá certo. Assim como se você *colocá* o da pecuária no turismo ele não gosta.

São raros os casos de jovens, com curso superior, vivendo no Pantanal. Um dos exemplos é o médico veterinário E41-04/12, ele mora e trabalha na fazenda: “Tudo do escritório passa pela minha mão. Fechamento de relatório é comigo, entrada e saída de gado da fazenda e atendimento dos animais”. E complementa:

Eu moro aqui, tenho 27 anos. Não tem muita gente formada trabalhando pelas fazendas, como eu. Eu sou veterinário, mas trabalho como peão normal. Tem serviço, mas *nêgo não qué encará*. Não *qué morá* na fazenda. Quem não gosta não aguenta. Eu fico sozinho, só eu e o gaúcho que mora lá. Era isso que eu queria, tem que fazer o que gosta. Eu gosto.

A opção pelo trabalho no Pantanal, conforme relato do entrevistado acima, caracteriza-se como um fato isolado, ou seja, o desejo pessoal de residir e trabalhar no campo.

As crianças e adolescentes, filhos dos trabalhadores das fazendas, vão para a cidade em busca de escolaridade, assegurada por determinação legal, e pela expectativa dos pais, ao vislumbrarem na cidade, a possibilidade de um futuro melhor para os filhos. Segundo Milton Santos (2009) (...) são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro (SANTOS, 2009, p. 325).

Com o passar do tempo as expectativas das gentes pantaneiras com relação aos estudos dos filhos não se concretizaram, o desemprego se torna real e uma das opções para sobrevivência é o retorno ao campo; aos que optam pela vida na cidade e não possuem formação técnica para se inserirem no mundo do trabalho formal urbano, acabam se sujeitando ao emprego informal e precarizado. O processo de retorno ao campo desses jovens está relacionado às desilusões urbanas, sobretudo a falta de emprego e de identificação com a rotina urbana. Para Hall (2006) “[...] a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.11). Aos que optam pela vida na cidade são relegados a subempregos.

O trabalho itinerante das comitivas pantaneiras, por exemplo, é um atrativo para os rapazes em busca de emprego, eles passam meses viajando e aprendendo as técnicas do transporte do rebanho bovino com os companheiros mais experientes. Uma das comitivas investigadas é composta por sete homens, três deles têm entre quarenta e cinquenta anos, os outros quatro estão na faixa etária dos vinte anos. O pantaneiro E40-04/12 tem vinte e dois anos e optou pelo trabalho em comitiva: “Eu quis comitiva porque eu já viajava desde criança, desde doze *ano*. O cara que me criou morava lá e tinha uma comitiva volante⁴⁰, agora eu voltei”.

⁴⁰ Comitiva volante é montada apenas para serviço na área da fazenda, não faz viagens longas.

Para os empresários e trabalhadores do gado entrevistados, o retorno dos jovens para o Pantanal é lento, considerando a escassez de mão de obra com experiência na lida do campo. Na tentativa de manter a produção local, iniciou-se um processo de recrutamento de jovens desempregados nas cidades próximas, como Aquidauana, Miranda, Corumbá e Rio Negro, para trabalhar nas fazendas, conforme Figura 2.4. O senhor E34-04/12, explica a dificuldade em encontrar um peão qualificado:

Hoje tá difícil de *encontrá* uma pessoa boa, que conhece as *coisa* daqui. Cé tem que *fazê* a companheirada nova, a gurizada que vai nascendo, tendo vontade. É o que eu falo pra gurizada. Tem muito guri, em Aquidauana, que tem interesse e a gente tem que ir pegando, ensinando, porque senão vai *acabá*. Se *ocê* não *pegá* e *í* ensinando o peão vai *acabá*.

Figura 2.4: Peão pantaneiro - 22 anos (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

A permanência ou o retorno dos jovens às fazendas ou pousadas pantaneiras vai além de problemas isolados, como por exemplo, as precárias condições para educação no campo. A problemática gira em torno da falta de emprego nas cidades, por isso eles estão procurando o campo. Logo,

independente, da função a ser exercida, seja a lida com o gado ou o trabalho na construção civil, o fator de interferência na escolha entre o Pantanal e a cidade é o emprego, acima de qualquer motivação, como assistência médica, educação, segurança, transporte, moradia ou lazer. Ideologicamente, se o salário e as oportunidades na cidade e no campo fossem compatíveis, os sujeitos poderiam exercer a liberdade de escolha.

Na tentativa de atrair e manter as famílias no Pantanal, os pantaneiros constroem propostas, isoladas, para uma escola voltada à realidade local, com calendário, grade curricular e projeto pedagógico específicos. Contudo, esses projetos estão em fase inicial de discussão, sem ação efetiva por parte dos poderes público ou privado, como por exemplo, o relatado pelo entrevistado E33-03/12:

Eu tenho um projeto prá *tentá* uma escola, o patrão *tá* cedendo uma área. Enquanto não sai do papel, a gente ajuda por baixo do pano. É o apoio pra crianças pantaneiras e aos filhos dos *pantaneiro* na cidade. Porque quando o filho *tá* na cidade ele vai pra escola municipal, estadual e o resto do dia dele é ocioso. Quando ele entra de férias, pela dificuldade, ele não tem a volta pro lado do seu pai. Então ele começa a *aprendê* costume da cidade. Nas *cidade* beirando o Pantanal *tá* criando uma favela pantaneira. É os *filho* do pantaneiro que ficam sem *sabê* pra onde vão. Então o que adianta *nóis té* Pantanal, se esse povo não volta?

Além dos projetos para escolas no Pantanal, por intermédio da iniciativa pública e privada, as gentes pantaneiras trabalhadoras do turismo discutem propostas educacionais para as crianças. O monitor ambiental E36-05/12 expõe suas ideias:

Eu sempre procuro, *pros menino* mais novo da escola aqui, passar as *informação* do Pantanal. Essas crianças é uma preocupação minha. *Falá* é legal, mas alguém tem ir lá e resolver. Nos *político* é onde para tudo, é uma situação difícil. Eu e meu colega *tomamo* uma direção, a gente vai *tentá mudá* a nova geração. Eu penso em *pegá*, inclusive na folga, todas as *criança* da redondeza e *fazê* o que eu faço com o turista, um safari, uma programação de barco. O que eu explico pro turista é meio educando. A gente acaba sendo um educador, como a gente aprende no curso. Por que não *fazê* isso com as crianças?

As palavras de Smith (1988) asseveram a importância da coletividade nesse processo:

Produzindo os meios para satisfazer as suas necessidades, os seres humanos coletivamente produzem a sua própria vida material, e no processo produzem novas necessidades humanas cuja satisfação requer outras atividades produtivas. (SMITH, 1988. P. 72).

Iniciativas, mesmo isoladas, como as citadas acima, são importantes e necessárias, a despeito da aplicabilidade e abrangência limitadas, para ampliação da mão de obra local qualificada, aumento da demanda produtiva, geração de emprego, além de garantir a continuidade e o fortalecimento do território, Boaventura Sousa Santos as denomina de “sinais de transformações”.

2.5 A espetacularização da natureza: entre a hostilidade e a geração de renda

Os povos indígenas, primeiros habitantes do Pantanal, caçavam animais silvestres⁴¹ como meio de subsistência. Nos últimos duzentos anos, os fazendeiros os abatiam, sobretudo as onças, para proteger o rebanho dos ataques dos felinos, no processo de domínio da natureza.

No período da colonização do Pantanal, portugueses, espanhóis, paraguaios, bandeirantes paulistas, bolivianos, entre outros chegaram ao Pantanal, demarcaram as terras, organizaram as fazendas, implantaram o rebanho bovino e adaptaram várias técnicas, dentre elas a de preparação do charque⁴² para conservação da carne bovina. O consumo do charque difundiu-se pelo Pantanal e as gentes pantaneiras começaram a se alimentar, quase exclusivamente, da carne de gado, deixando de utilizar a carne de caça.

Na segunda metade do século passado os refrigeradores com motor a querosene ou a gás de cozinha possibilitaram o armazenamento de carne bovina, posteriormente, os motores elétricos tanto das geladeiras quanto dos *freezers*

⁴¹ Animais **silvestres**: São os animais nativos de uma determinada área e que vivem nesta área. No Pantanal podem-se citar como exemplo, a onça, o cateto e a capivara.

Animais **selvagens**: são animais introduzidos pelo ser humano e não domesticados. No Pantanal podem-se citar como exemplo, o porco monteiro e o búfalo. Relato em comunicação pessoal do pesquisador Fernando Azevedo em 12 de Julho de 2013.

⁴² Técnica para conservação da carne com utilização de sal.

puderam mantê-la congelada. Nos dias atuais, normalmente, as fazendas abatem quinzenalmente uma rês para vender ou distribuir entre os empregados⁴³.

Nas fazendas de difícil acesso, principalmente nos períodos de cheia, as gentes pantaneiras trabalhadoras das fazendas podem ficar isoladas durante meses. Exclusivamente nesses casos, a caça pode ser considerada um meio de subsistência. Segundo o entrevistado E36-05/12, “Prá quem vive na fazenda, pro peão, *prá* ele é válido *matá* prá *comê*, ou se *defendê*”.

Esporadicamente, como forma de lazer nos momentos de encontros festivos, os homens pantaneiros caçam um animal⁴⁴. O pantaneiro E33-02/11 relata:

(...) peão come carne todo dia, não precisa *tá* caçando. Às vezes tem um porco do mato que ele caça, ele vai lá, *laça* o porquinho e come com a turma depois do futebol. Ele fala: ‘Hoje é domingo vou matar um capado, um porco do mato’. Vai lá mata o porco, tira o óleo, tira a banha, frita.

As novas regras de convivência com a natureza, impostas pelo capital, causam estranheza, sobretudo, entre os nativos com mais de cinquenta anos de idade. A simplicidade do ato de cortar um ramo de planta, de abater um animal para consumo ou como defesa da própria vida, se transformou em um novo modelo de relação com a natureza para as gentes pantaneiras. O senhor E34-04/12, nascido no Pantanal do Nabileque, percebe as mudanças na relação com a natureza:

Já mudou muita coisa. Antigamente a turma fumava, jogava uma carteira de cigarro aí [mostra o mato]. Hoje você não pode *jogá* um papel, faz um fogo e tem que *apagá*. Antigamente você punha um fogo no pasto deixava *queimá*. Hoje não pode *queimá* um campo. *Matá* um bicho então, nem se fala.

No Pantanal do século passado, antes da promulgação das leis ambientais, as pessoas não entendiam a caça como uma agressão à natureza ou um crime ambiental, mas uma forma de se relacionar com a natureza;

⁴³ Algumas propriedades vendem e outras doam a carne para os empregados, depende do contrato de trabalho assinado entre patrão e empregado.

⁴⁴ A carne de caça utilizada para consumo no Pantanal, normalmente, é do porco monteiro (suíno doméstico asselvajado), cateto e queixada.

completamente diferente do entendimento nos dias atuais, no qual a prática de abate de animais silvestres é crime previsto em lei com pena que varia de três meses a um ano de detenção, além da aplicação de multa⁴⁵.

É importante esclarecer a generalidade em referência na tese; casos isolados da prática criminosa de abate de animais silvestres no Pantanal, sobretudo da onça pintada, como noticiado em rede nacional no ano de 2011⁴⁶ e até o momento sem ação efetiva de punição aos responsáveis, não é foco desta análise.

O turismo, enquanto modalidade de trabalho, imposta pelo capital internacional no Pantanal, progressivamente mudou os hábitos das gentes pantaneiras. Segundo Pellegrini Filho (2000) “A presença dos turistas (...) é inegável fator de mudança social, onde podemos considerá-la uma nova realidade para as vivências tradicional popular” (2000, p.126). A fala de E15-05/11 evidencia as novas relações com a natureza e o processo de reorganização social e de pertencimento derivadas do turismo.

Quando eu comecei a *trabalhiá* de guia eu comecei a *pará* de *caçá* e comecei a *mostrá*, sabe assim, a natureza *né*, que eu não sabia *preservá*, (...). A gente não sabia o que era preservação, então aí, quando eu comecei a *trabalhiá* de guia, aí você começa a *mostrá* pro turista e aprende a *preservá* a natureza você vê uma onça, você vê outros *bicho*, você começa *mostrá* e é legal.

A inserção do Pantanal na nova etapa do capitalismo mundial, na forma de atividade turística transforma o viver pantaneiro e ressignifica a paisagem - mercantilizando-a. A produção do espaço pelo trabalho altera a paisagem para se adaptar à ordem vigente, determinada pelo capital. Para Callai (2000), “o lugar mostra através da paisagem a história da população que ali vive os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos” (CALLAI, 2000, p.97). Nesse sentido, o relato do entrevistado E15-

⁴⁵ Lei de Crimes Ambientais: Lei nº 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998.

⁴⁶ Conferir reportagem do jornal “Estadão” de 23 de Maio de 2011. Disponível em: <http://estadao.com.br>

05/11 caracteriza a nova configuração da paisagem mercantilizada no Pantanal para atender a demanda do turismo.

Turistas, trabalhadores e investidores de diferentes regiões do país e do mundo, estão adentrando terras pantaneiras com diferentes objetivos, culturas e formas de se relacionar com a natureza. O entrevistado E42-04/12 atribui as alterações no convívio com a natureza ao turismo “Com o turismo *mudô* barbaridade. Tem certos *lugar* que a gente passa e não pode *cortá* um raminho de *prantá*”.

O turismo é responsável em promover a espetacularização da natureza com o objetivo de obter lucro, conforme as Figuras 2.5, 2.6 e 2,7 abaixo apresentam:

Figura 2.5: Habilidade dos monitores ambientais com os animais para apreciação dos turistas (s/d).



Autor: SOUZA, E.

Figura 2.6: Arara domesticada no balcão da lanchonete de uma pousada no Pantanal (s/d).



Autor: SOUZA, E.

Figura 2.7: Cateta domesticada se alimenta de farelo de milho no pátio de uma pousada no Pantanal (s/d).



Autor: SOUZA, E.

Um exemplo da natureza espetáculo pode ser a onça pintada, transformada em “objeto de desejo”, para os turistas. Porém, há algumas décadas a relação entre as gentes pantaneiras e a onça era bastante hostil.

A forma de manejo do gado os mantém agregados, deixando os bezerros vulneráveis aos ataques da onça para alimentar-se, considerada até então, uma ameaça ao rebanho de bovinos e de outros animais domésticos (a Figura 2.8 mostra um animal atacado pela onça). Ao sentirem os prejuízos econômicos com a perda da mercadoria - gado -, os patrões determinavam o abate do animal, como proteção da produção. O animal representava a natureza hostil a ser dominada e eliminada.

O entrevistado E15-05/11 ex-peão, ex-caçador de onça e atualmente monitor ambiental, recebia ordens do patrão para abater os animais silvestres: “Antes eu caçava mesmo, (...) a gente caçava pros *fazendeiro*, eu era contratado,

a gente *trabalhava* em fazenda. No campo a gente via a onça e a gente fazia aquilo. Sabe, era uma coisa que eu gostava de *fazê*, era meu *trabaio*”.

Para o empregado da fazenda, tratava-se simplesmente de uma missão a ser cumprida, não cabia qualquer questionamento, quanto à ordem ou ao procedimento a ser tomado, inclusive por ser uma prática comum entre os fazendeiros.

Figura 2.8: Animal atacado por onça (s/d).



Autor: SOUZA, E.

O comentário do pantaneiro E34-04/11 expõe a dificuldade em compreender o novo direcionamento ambiental dos proprietários de pousadas e fazendas no Pantanal, o qual sobrepõe a hostilidade do animal ao ser humano:

Hoje você não pode *matá* uma cobra. Se você mata uma cobra, um tatu, uma onça, se ela pula *nocê*, *cê* vai preso, ainda pega não sei quantos *ano* de cadeia. Mais antes *cê* *matá* uma pessoa do que uma onça, um bicho (...)’ A onça começava *matá* dois ou três [bezerros] por dia, um dia eu liguei [para o gerente] e falei: “A onça tá batendo”. Ele falou pra mim: “Não mata. O patrão falou que ‘**Caba os dente da onça, mas num caba meus boi, deixa que come**. Não é pra *matá*, deixa que come’. Isso não é certo, mas pro proprietário que tem dinheiro, *né?* (grifos desta autora).

Existe uma contradição entre o cumprimento de uma ordem do patrão e a transformação do animal “hostil” em espetáculo da natureza. A onça deixou de representar uma ameaça e ascendeu ao status de atrativo turístico - um espetáculo, gerador de emprego e de renda. Nesse momento, segundo Luchiari (1999): “A natureza é, então, transformada em espetáculo (...)” (LUCHIARI, 1999, p. 132).

Desde o final do século XX, Organizações Não Governamentais - ONGs, como por exemplo o Instituto para a Conservação dos Carnívoros Neotropicais - Pró-Carnívoros, desenvolvem projetos de pesquisa com objetivo de conhecer o comportamento dos felinos e assim estabelecer práticas de convivência, consideradas adequadas, entre seres humanos e animais.

A hostilidade deu lugar à domesticação, como fonte de renda. Para Smith (1998): “(...) a natureza foi de tal forma domesticada que agora as conotações de hostilidade são geralmente reservadas para os eventos extremos e pouco frequentes, tais como maremotos, enchentes e furacões” (SMITH, 1998, p. 45).

A natureza mercantilizada (rios, flora e fauna) tem valor econômico, representa produtividade, lucro e fonte de renda. Nesse sentido, Smith (1998) assevera: “No processo de trabalho, os seres humanos tratam os materiais naturais como objetos exteriores do trabalho a serem transformados em mercadorias” (SMITH, 1998, p. 32). O trabalhador E36-05/12 ao defender a fauna pantaneira, para ter um retorno financeiro, exemplifica o momento histórico no qual o Pantanal está inserido:

Vamos usar o bicho com turismo *prá tirá* foto dele é mais vantajoso, mais rendoso. Você vai ganhar dinheiro tirando foto daquele bicho. Daí *cê* compra o alimento. *Prá quê matá* ele? Eu penso assim, não sei se *tô* certo, eu penso assim.

Os hábitos urbanos permeiam cada elemento na nova relação com a natureza e, para garantir a atração turística e atender a demanda do turismo, as pousadas pantaneiras domesticam os animais silvestres, atribuem nomes a eles e, eventualmente, oferece-lhes alimentos humanos. Em entrevista, um grupo de

proprietários de pousada no Pantanal entra em conflito, pois ao mesmo tempo, que nega a domesticação dos animais como elemento gerador de renda, mantêm animais silvestres na propriedade e os alimenta com comida humana:

Essa arara é a dona Nair, ela vive lá [...]. **Os turistas tiram foto com ela.** Tinha um casazinho de cateto, a Marisa e o Lula, vivia solto era **uma atração**. Tem o Pacheco é um tuiuiú, é manso. Esses animais, a gente vai procurando *trazê* trata bem, eles acabam ficando, **mas são todos soltos, não são domesticados**, os bichos comem junto com a gente, vive comendo **macarrão**, comendo **carne gorda**, eles gostam (E02-02/11, E03-02/11 e E04-02/11, grifos desta autora).

Conforme os depoimentos acima retratam, a domesticação e a transformação dos animais em atrativos turísticos, conforme Figuras 2.9 e 2.10, são entendidas como uma forma de cuidado e proteção aos animais: “(...) o Bambi é um cervo criado solto. Na queimada a mãe morreu e ele *tava* todo queimado, nós cuidamos dele e conseguimos salvar. Agora ele não sai daqui” (E04-02/11).

Figura 2.9: Os filhotes dos animais são atrações turísticas para as crianças no Pantanal⁴⁷ (s/d).



Autora: FLORES, A.

O reordenamento na produção pantaneira transformou o Pantanal em um espetáculo, a ser cuidado, preservado e protegido. Para Debord (2003):

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade social. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já* feita na produção, e no seu corolário – o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a

⁴⁷ A publicação da imagem da menor foi devidamente autorizada pelos pais.

justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 2003, p. 9-10).

A preservação da fauna e da flora pantaneira não está relacionada, exclusivamente, às questões ambientais, mas à espetacularização da natureza e aos lucros advindos desse espetáculo gerador de renda. Segundo Gonçalves (1990): “(...) nem sempre as pessoas que se mobilizam em torno dessas questões (ecológicas) o fazem enquanto movimento ecológico (...)” (PORTO-GONÇALVES, 1990, p. 13). Para o autor a mobilização ou preocupação dos sujeitos é para:

(...) garantir o seu tradicional modo de viver e de produzir e não se mobilizando enquanto movimento ecológico, (...) quer dizer, a ecologia tem interessado aos mais diferentes segmentos, apesar de nem todos partirem da mesma motivação política e ideológica (PORTO-GONÇALVES, 1990, p. 13).

As empresas de propaganda e *marketing*, contratadas para promoção das pousadas, incrementam os sites de divulgação com imagens dos animais; fomentam a transformação da natureza em espetáculo e apresentam o Pantanal para o mundo (conforme discutido no último capítulo desta tese). Segundo Debord (2003): “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 2003, p. 09). O mesmo autor continua: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*” (DEBORD, 2003, p. 08).

Figura 2.10: A arara domesticada é uma das atrações para os turistas (s/d).



Autor: SOUZA, E.

Para Hall (2006): “As sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p.14). Nesse sentido, entende-se que as diferentes formas de produção no Pantanal, sobretudo depois da década de 1970, promoveram nas gentes pantaneiras novos olhares sobre a natureza e, assim, reconstruíram o sentido de pertença dentro do reordenamento territorial imposto.

2.6 Conhecimento popular aliado à tecnologia: o caso das queimadas

A despeito do processo de transformação pelo qual as gentes pantaneiras também estão envolvidas, a experiência de vida no Pantanal as qualifica enquanto detentoras do conhecimento popular, da cultura e do viver local, conforme os depoimentos de E33-03/12 e E34-04/12 em relação, por exemplo, às queimadas:

Eu não sou contra *queimá* o Pantanal. Se você *fazê* uma queimada, igual meus avós *fazia*, controlada, depois de Novembro, depois da umidade baixa, depois que não tem perigo de incêndio. O fogo vai

queimá só a capinha, aquela massa que sobrou, ele não vai *entrá* no mato, na cordilheira, no ninho. É um ciclo, tem que ser renovado. Mas o fogo na hora errada é um incêndio, destrói tudo, a raiz da árvore, o passarinho, mata tudo.

Antigamente punha fogo no pasto e deixava *queimá*. Hoje não pode, mas precisava. Eu e finado meu pai fazia queima. Chegava a época eles *fazia* aquela queimada no pasto pra tropa. Era o vermífugo da tropa, dos animais, do cavalo pra engordar. Hoje o vermífugo é tudo comprado, vai lá compra aquela pasta pra aplicar, dá Neguvon de *guela* abaixo. Antigamente não tinha nada disso. Mudou muita coisa, antigamente queimava um pasto e largava uma tropa pra *engordá*. Trinta *dia* depois aquilo *tava* roliço de gordo. Não era destruir a natureza.

Em comunicação pessoal o pesquisador E44-08/12 referencia cientificamente a fala do peão E34-04/12 acima:

Durante a época da seca as formas infectantes dos parasitas do pasto morrem e, conseqüentemente, reduz a infecção nos animais. A nova brotação do pasto coincide com o momento em que os animais estão debilitados, pela restrição imposta no período da seca. Ao terem acesso ao pasto novo, o aproveitamento é maior porque a vegetação apresenta alta digestibilidade e nutrientes, isso permite ao animal recuperar as condições corporais, engordar e fortalecer livre das infecções parasitárias, ainda ausentes.

Sobre as queimadas, Cardoso (2002) esclarece:

A utilização desta prática como alternativa de manejo das savanas justifica-se pelo controle de plantas invasoras e maior oferta de forragem fresca e palatável para o gado, obtida através da emissão de brotações, proporcionada pela remoção da macega (CARDOSO, *et al.*, 2002).

Anualmente, durante o período da seca no Pantanal, entre julho e Outubro, o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, por intermédio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia – SEMAC, em parceria com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA/MS, publicam uma Resolução proibindo a queimada no Bioma Pantanal.

As queimadas praticadas no período de proibição da Resolução em vigor, ou sem a devida licença ambiental, são incêndios provocados por combustão espontânea ou por humanos; no segundo caso o autor é autuado por crime ambiental.

Atualmente, o conhecimento popular aliado aos avanços tecnológicos, contribui na identificação dos focos de incêndios; as imagens por satélite permitem acompanhar e atender as áreas queimadas em tempo real, pelos órgãos de controle, como: Sistema Nacional de Informações sobre Fogo – SISFOGO -, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE; Prevfogo - Unidade do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis do IBAMA; Embrapa Pantanal; Brigadas Anti-incêndios do Corpo de Bombeiros, e Defesa Civil.

Passado o período vigência da Resolução, os interessados em fazer a queimada controlada podem solicitar uma licença nos órgãos competentes. Esse tipo de queima remove a vegetação velha e estimula as gramíneas a produzir sementes, para renovação da pastagem. Segundo Cardoso (2002):

No Pantanal, a queimada também é empregada anualmente, entretanto, ao contrário da maioria das áreas de savanas, sua utilização se faz de forma controlada. Devido às características peculiares da região - por apresentar alternadamente extensas áreas de campos (limpos ou sujos) sujeitas a inundações periódicas - cerrados, cerradões e matas, o pantaneiro tem feito uso desta prática de forma parcimoniosa (CARDOSO, *et al.*, 2002).

As comunidades tradicionais e os representantes dos órgãos de controle e monitoramento do fogo entendem a queimada controlada como forma de renovação do pasto e do ciclo de vida do Pantanal. Para Macedo (2006):

As queimadas são fenômenos comuns no Pantanal mato-grossense, realizadas na maioria das vezes para renovação da pastagem. Contudo este fenômeno possui sua periodicidade bem marcada, normalmente nos meses de Setembro a Dezembro, mas as queimadas esperadas para o período acima ocorreram, em 2009, no mês de maio, ou seja, percebe-se uma antecipação deste fenômeno. (MACEDO *et al.*, 2006, p. 453).

Com o objetivo de conscientizar e informar a população do Mato Grosso do Sul sobre os riscos das queimadas, principalmente nos períodos de estiagem; órgãos de representação do poder público como IBAMA, Polícia Militar Ambiental, Polícia Rodoviária Federal e Estadual e Corpo de Bombeiros Militar, aliados à Organizações Não Governamentais, promovem campanhas publicitárias educativas (Figura 2.11), com peças em formato de cartilhas explicativas,

panfletos, filmes, *outdoors*, adesivos de veículos, inserções pela televisão, além de palestras proferidas em fazendas e pousadas.

Figura 2.11: Modelo de cartaz de campanha publicitária (s/d).



Fonte: <http://www.redepantanal.org>

Nesse universo de transformações, a comunidade pantaneira se insere na ordem mundial, sobretudo, por intermédio do trabalho. Nas palavras de Gaspar (2003): “O trabalho é a expressão da vida humana e através dele se altera a relação do homem com a natureza; por isso, mediante o trabalho, o homem transforma-se a si mesmo” (GASPAR, 2003, p. 39). Sendo assim, diante das novas relações construídas entre as gentes pantaneiras e a natureza, e as diferentes formas de reorganização do território, para participar do ciclo produtivo, em um modelo implantado mundialmente, a Geografia do Pantanal se ressignifica.

III CAPÍTULO

O MUNDO NO PANTANAL: GLOBALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

*Cresce menino peão pantaneiro,
No laço, no curral, na malhada,
Faz seu saber.
Pedaco índio, pedaco caipira,
Cresce violeiro, boiadeiro,
No mar de xaraés.
REGO, F.*

Um trabalho científico em Geografia, ao abordar as relações humanas, econômicas e sociais, necessariamente, deve se analisar os efeitos da globalização e os meandros da modernidade, do desenvolvimento, da ciência e da tecnologia no espaço. Nesta tese, autores como Giddens (1999, 2005), Altvater (1997), Santos (2003, 2008), Souza Santos (1993, 2001), Castoriadis (1987), Walters (1999), Bauman (1999), entre outros, respaldarão teoricamente a investigação.

A utilização da nomenclatura “globalização” data do final do século XX. Contudo, sua origem, enquanto processo do capitalismo, já era debatida entre os diferentes estudiosos anteriormente. Walters (1999), ao referir-se à obra *Globalization* de Robertson (1992), destaca: “Robertson insiste que o processo de globalização não é novo, que antecede a modernidade e o desenvolvimento do

capitalismo”. E complementa: “Porém, a modernização tende a acelerar a globalização, e a consciencialização sobre este processo só acontece ao longo do período contemporâneo” (WALTERS, 1999, p. 42).

A globalização se apresenta como um processo dinâmico e ininterrupto, e, independente das diversas concepções construídas ao longo do tempo, a forma como está posta está relacionada com o avanço do capitalismo no Mundo Moderno, no qual o mercado dita as regras da economia mundial e da produção. Para Santos (2008a): “Trata-se de nova fase da história humana, (...) podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea” (SANTOS, 2008a, p. 45).

As ideias de Giddens (1999) e de Santos (2008a) serviram de pressupostos teóricos para as análises sobre o processo de globalização, porque os referenciais desses autores envolvem, conjuntamente, as relações sociais. No livro “As Consequências da Modernidade”, A. Giddens (1999) incorpora as relações sociais aos meandros da globalização:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação de relações sociais de escala mundial, relações que ligam localidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimento que se dão a muitos quilômetros de distância, e vice-versa (GIDDENS, 1999, p. 64).

O pesquisador atribui as transformações sociais ocorridas no Mundo Moderno à globalização, independente da situação espacial “A transformação local faz parte da globalização tanto como a extensão lateral das ligações sociais através do espaço e do tempo” (GIDDENS, 1999, p. 64).

Milton Santos (2008a) entende a globalização como a ampliação do sistema-mundo: “A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em ‘sistema-mundo’ de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos” (SANTOS, 2008a, p. 45).

A indefinição dos papéis da economia no mundo globalizado é o fio condutor na ideia de Bauman (1999):

O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora de um gabinete administrativo. A globalização é a 'nova desordem mundial' de Jowit com um outro nome (BAUMAN, 1999, p. 67).

A despeito dos impactos positivos ou negativos da globalização, seus efeitos refletem em todos os setores sociais, como por exemplo, a integração dos “mundos”. Segundo Robertson (1992, *apud* Walters, 1999):

(...) a globalização não é necessariamente uma coisa boa ou má – o caráter moral do processo será julgado pelos habitantes do planeta. (...) não afirma que o mundo se tornou um lugar mais integrado ou harmonioso em consequência da globalização, mas apenas que está mais unido ou sistematizado (ROBERTSON, 1992, *apud* WALTERS, 1999, p. 44).

Pode-se atribuir, também, à globalização, as transformações sociais e econômicas pelas quais o Pantanal está passando, sobretudo, a partir da década de 1970, para se inserir na “realidade contemporânea”, porque, nas palavras de Santos (2010): “No mundo globalizado, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições” (SANTOS, 2010, p. 79).

As formas de alteração do cotidiano local foram impostas pela ordem mundial. A afirmação se respalda na análise das entrevistas, realizadas durante o trabalho de campo da tese, as quais apontaram a ausência dos trabalhadores nas discussões sobre os redirecionamentos no espaço pantaneiro. Segundo Bauman (1999), os investidores desconsideram e excluem a voz dos autóctones:

(...) os empregados, os fornecedores e os porta-vozes locais não têm voz nas decisões que os investidores podem tomar; e que os verdadeiros tomadores de decisão, as ‘pessoas que investem’, têm o direito de descartar, de declarar irrelevante e inválido qualquer postulado que os demais possam fazer sobre a maneira como elas dirigem a companhia (BAUMAN, 1999, p. 13).

Indiferente da participação coletiva ou do tipo de produção adotada no Pantanal (pecuária e turismo), os empresários precisam da mediação do Estado, como facilitador da inserção e comercialização dos produtos e serviços pantaneiros no competitivo mercado mundial; e assim promover geração de emprego e renda. Giddens (1999) destaca: “A globalização é, em suma, um

conjunto variado de processos que avançam graças a uma mistura de apoios políticos e económicos” (GIDDENS, 1999, p. 38).

Nesse novo caminhar os trabalhadores pantaneiros do mesmo modo necessitaram se ajustar aos novos modelos da economia mundo, transformando as relações sociais, econômicas e culturais, e, adaptando-se às inovações tecnológicas impostas.

A intenção deste capítulo é averiguar como o processo de globalização e modernidade tecnológica adentrou terras pantaneiras, e, como uma avalanche de transformações, atingiu as gentes pantaneiras, o meio ambiente e a produção, com todas as suas facetas, gerando riquezas e misérias.

3.1 A ciência, a tecnologia e o Pantanal.

O estado de Mato Grosso era uno até a separação em 1977 e a criação do Estado de Mato Grosso do Sul. Desde então o “novo” estado se mantém em quarto lugar no *ranking* dos maiores produtores⁴⁸ de rebanho bovino no Brasil, a despeito da crise na pecuária⁴⁹, entre os anos de 1980 e 1990 - dados do Censo Agropecuário de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

A criação do rebanho, exclusivamente extensiva, demandava técnica simples de manejo. O pasto nativo, com pouca suplementação nutricional, servia para a alimentação do gado, eventualmente havia controle das doenças por

⁴⁸ Informação disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

⁴⁹ Houve uma crise nos anos de 1980 com reflexos na década seguinte. Naquele momento, a crise econômica atingiu o Brasil como um todo, reflexo do aumento de juros internacionais em função da segunda crise mundial do petróleo. A pecuária pantaneira foi atingida, não só pela alta dos juros como também pelo aumento dos custos de produção e queda nas vendas. Soma-se a isto, o fato de que, no período de 1974 a 2006, ocorreram três das quatro maiores cheias no Pantanal. Relato em comunicação pessoal da pesquisadora Ana Paula Correia de Araújo, em 26 de Janeiro, de 2013.

intermédio de vacinação e o uso de medicamentos se aplicava apenas em casos extremos.

Nesse período o processo de globalização emergia no mundo e, para participar do competitivo mercado internacional, os produtores pantaneiros, precisaram aderir às novas técnicas e tecnologias. A adesão requeria investimentos e, em meio à crise da pecuária, os fazendeiros, sem recursos financeiros suficientes para modernizar as fazendas, inevitavelmente as vendiam.

A aplicação de novas e diferentes técnicas na criação do gado segue os ditames do mercado mundial. Conforme Santos (2010) esclarece:

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política (SANTOS, 2010, p. 23).

Um dos exemplos da inovação no Pantanal é a utilização de pastagem cultivada para alimentação do rebanho bovino, conforme relato do fazendeiro E29-11/11:

Eu tirei dinheiro para formar quinhentos hectares de pastagem no Pantanal. (...) Foi a primeira vez que se plantou pasto artificial no Pantanal. Uns parentes falavam: “E29 tá plantando pasto, você não vai plantar? Não vou *esperá* ele *quebrá*”. Eu não quebrei e eles começaram a *plantá*. Isso foi em 1970, 1972. Eu consegui um gado com melhor qualidade e melhor rentabilidade.

A atenção com a saúde do rebanho, também, passou por renovações tecnológicas asseguradas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ao publicar o Manual de Legislação dos Programas Nacionais de Saúde Animal no Brasil⁵⁰, o qual estabelece normas de sanidade animal, exigidas pelo mercado mundial, quanto ao período de desmame, níveis nutricionais, controle por vacinação, dentre outras.

O reordenamento na forma de produção no Pantanal demandou, também, novos sujeitos. Das fazendas elencadas para esta pesquisa, noventa por cento contam com um quadro de profissionais qualificados, tais como

⁵⁰ Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/animal/sanidade-animal>

administradores rurais, veterinários, zootecnistas, técnicos rurais, dentre outros. Aos peões coube a aprendizagem de novas técnicas, as quais, aliadas à experiência de campo e aos novos profissionais, contribuem para a diminuição na perda do rebanho e aumento da rentabilidade. A Figura 3.1 mostra animais com qualidades nutricionais necessárias para atender o mercado internacional.

Figura 3.1: Animais com dieta suplementada garantem qualidade e rentabilidade ao rebanho (2010).



Autora: RIBEIRO, M. A.

A condução do mundo globalizado está calcada no conhecimento científico, responsável em imprimir aos produtos qualidades competitivas, garantia de rápida comercialização e retorno financeiro.

Novos profissionais, novas técnicas e, mormente, maior circulação de capital, despertam interesse das empresas de medicamentos veterinários, de suplementos animais, das universidades e dos centros de pesquisa, levando-os a financiar pesquisas científicas, a fim de garantir ao cliente o diferencial necessário

para introduzir ou manter sua produção no mercado. Milton Santos (2008a) assevera:

A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É também a informatização, ou antes, a informacionalização do espaço (SANTOS, 2008, p. 48a).

A extensão da rede de energia elétrica⁵¹ em parte⁵² das terras pantaneiras, a dificuldade de acesso⁵³ para manutenção do sistema de eletricidade, aliados aos custos elevados para implantação e manutenção de equipamentos eletrônicos⁵⁴, limita a inserção da modernidade tecnológica em todo Pantanal, independente do poder aquisitivo do proprietário.

Mesmo neste estado, os proprietários de terras se mantêm competitivos no mercado, porque o uso de tecnologia, não é um impeditivo para os produtores estarem inseridos em uma rede global de comércio, como, por exemplo, comercializando o gado por intermédio dos leilões rurais. Segundo Santos (2008a): “Os sistemas técnicos criados recentemente se tornaram mundiais, mesmo que sua distribuição geográfica seja, como antes, irregular e o seu uso social seja, como antes, hierárquico” (SANTOS, 2008, p. 39).

Dessa forma, a homogeneização mundial, disseminada nos discursos sobre a globalização, não retrata a realidade de locais sem elementos básicos, como por exemplo, energia elétrica e estradas.

⁵¹ As fazendas sem rede de energia elétrica utilizam grupo gerador de energia movido a diesel.

⁵² A concessionária da energia elétrica no estado de Mato Grosso do Sul – Rede Enersul, está sob intervenção federal e os representantes da empresa não foram autorizados a fornecer os dados referentes à área coberta por rede de energia elétrica no Pantanal (informação recebida via telefone em outubro de 2013).

⁵³ As condições de uso das estradas pantaneiras são precárias, sobretudo, no período das chuvas.

⁵⁴ Equipamentos eletrônicos usados nas fazendas como facilitador do trabalho no campo: balanças eletrônicas, leitores de microchips e microchips para identificação dos animais, aparelhos de ultrassom para diagnósticos de gestação e camadas de gordura, cercas elétricas para manejo dos animais, computadores e internet, etc.

A promoção de infraestrutura pública (estrada, energia, transporte) para viabilizar a produção e comercialização do produto pantaneiro é também⁵⁵, responsabilidade do Estado, enquanto regulador das finanças. Para Santos (2010):

(...) a vida de uma empresa vai além do mero processo técnico, de produção e alcança todo o entorno, a começar pelo próprio mercado e incluindo também as infraestruturas geográficas de apoio, sem o qual ela não pode ter êxito. É o Estado nacional que, afinal, regula o mundo financeiro e constrói infraestruturas, atribuindo, assim, a grandes empresas escolhidas a condição de sua viabilidade (SANTOS, 2010, p. 77).

Os empresários pantaneiros entrevistados foram unânimes ao alegar negligência por parte dos governantes com relação à participação na expansão e manutenção da infraestrutura. Para o empresário da pecuária E05-02/11:

As entidades brasileiras e o Governo não estão virados para isso (infraestrutura). A **estrada-parque** é uma vergonha. Para qualquer negócio ir pra frente tem que ter comunicação e acesso. Aqui não tinha nada, não tinha **energia**. Essa rede de energia é **privada**. [...] Os **celulares** funcionam muito mal aqui (grifos desta autora).

Para acompanhar a dinâmica do capital e disponibilizar os produtos no mercado com rapidez, tornam-se imprescindíveis transporte e comunicação de qualidade. Para Marx (1967, *apud* Harvey, 2005): “A revolução nos meios de produção da indústria e da agricultura tornaram necessária a revolução (...) nos meios de comunicação e transporte” (MARX, 1967, vol. 1:384, *apud* HARVEY, 2005, p. 50).

O período reconhecido como o da crise da atividade pecuária, aliado ao avanço do capitalismo no Mundo Moderno, deu início ao reordenamento territorial, econômico e social no Pantanal. Harvey (2005) denomina esse tipo de crise de periódica e atribui a elas “(...) o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação adicional. Podemos conceber cada crise como uma mudança do processo de acumulação para um nível novo e superior” (Harvey, 2005, p. 47). No bojo das adversidades e transformações, os

⁵⁵ A manutenção das chamadas estradas ramais da Estrada-parque Pantanal, de acesso às fazendas é de responsabilidade dos proprietários locais.

empresários da pecuária vislumbraram formas alternativas de complementação dos lucros, como, por exemplo, o turismo.

Imbuídos no processo de desenvolvimento do turismo no Pantanal, empresários e representantes do governo iniciaram a reestruturação do território, com a implantação da Estrada Parque Pantanal, a pavimentação asfáltica da BR 262, a sensibilização ambiental, a adesão aos programas do Governo Federal de incentivo ao turismo, a criação de órgãos estaduais de regulamentação do turismo, como, por exemplo, a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul. Além disso, o Pantanal foi projetado na mídia nacional e internacional, e, recebeu o título de Patrimônio Natural da Humanidade concedido pela UNESCO, em 30 de Novembro de 2000.

Figura 3.2: Placa indicativa do título de Patrimônio Natural da Humanidade, concedido ao Pantanal pela UNESCO (2007).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Os eventos elencados, aliados ao reencantamento da natureza no mundo moderno - a partir da Segunda Guerra Mundial, ao interesse pela conservação mundial, aos investimentos público e privado, e, principalmente a

busca mundial pelo reencontro com a natureza, serviram de suporte à inserção do turismo como uma modalidade econômica na região, transformando o Pantanal em destino turístico.

Manter o Pantanal em sintonia com o mundo global, com a ciência e a tecnologia impõe a implantação de novas formas estruturais, tais como: a construção da ponte sobre o rio Paraguai, de pousadas com acesso à internet, a instalação da Base de Estudos do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a expansão da rede de energia elétrica, a instalação de torres para telefonia celular rural e acesso à rede mundial de computadores, a antena parabólica, os carros adaptados para o turismo, o caminhão boiadeiro, a alteração na estrutura fundiária⁵⁶, entre outros. O estabelecimento dessas configurações tem como consequência mudanças técnicas e sociais, porque produz transformações estruturais do funcionamento e alteram as relações socioeconômicas e com a natureza. Segundo Milton Santos (2009):

Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. Mas essas áreas geográficas de realização concreta da totalidade social têm papel exclusivamente funcional, enquanto as mudanças são globais e estruturais e abrangem a sociedade total, isto é, o Mundo, ou a Formação socioeconômica (SANTOS, 2009, p. 116).

Em outra obra, o mesmo autor analisa os efeitos das transformações no território, responsáveis pela construção de outras geografias:

Os espaços rural e urbano são marcados, na sua transformação, pelo uso sistemático das contribuições da ciência e da técnica e por decisões de mudança que, no campo e na cidade levam em conta os usos a que cada fração do território vai ser destinada, trata-se de uma geografia completamente nova (SANTOS, 2008a, p. 118).

A introdução de setores econômicos do Pantanal no mercado globalizado atende a demanda mundial, independente das relações locais, a globalização imprime novos caminhos para a produção espacial e para o modo de

⁵⁶ O tamanho médio das áreas das propriedades rurais sofre gradativa redução e intensifica o processo de reestruturação fundiária. As propriedades foram subdivididas entre os herdeiros, vendidas para grupos empresariais ou compradores individuais.

vida da gente do Pantanal: o trabalho e os novos sujeitos geram grandes e irreversíveis mudanças na geografia do Pantanal.

3.2 As interferências da globalização no modo de vida das “gentes pantaneiras”

O uso de novas tecnologias, especialmente, na comunicação e no transporte, contribuiu com a entrada do Pantanal no mercado internacional e está interferindo diretamente na vida pantaneira. As palavras de Paul Claval⁵⁷ (2012) explicam os efeitos da globalização no cotidiano de homens, mulheres e crianças:

La globalisation n'affect pas seulement la distribution des activités économiques, des revenus qu'elles génèrent et des populations qui se les partagent. La mobilité accrue et l'accélération du changement modifient la scène culturelle et remettent en cause les identités jusque-là acceptées (CLAVAL, 2012, p. 357).

No Pantanal, tanto os proprietários de terras, quanto os trabalhadores, viram-se diante de redirecionamentos sociais, econômicos e culturais, como, por exemplo, a chegada de outros sujeitos em busca de oportunidades de emprego, de investimentos e de lazer.

Familiarizados com as técnicas centenárias na lida com o gado, as primeiras investidas das novas formas de produção (modernização da pecuária e divisão do espaço com o turismo), tiveram resistência por parte das gentes pantaneiras. Segundo David Harvey (2005): “O surgimento de uma estrutura espacial diferente com a ascensão do capitalismo não é um processo livre de contradições” (HARVEY, 2005, p. 53). Assim, as mudanças desencadearam conflitos e desafios, dentre eles, a aprendizagem de novas técnicas nas formas de produção impostas, e, em especial, a construção de novas relações com a natureza e a coletividade.

⁵⁷ A globalização não afeta apenas a distribuição das atividades econômicas, da renda gerada e as populações que compartilham delas. O aumento da mobilidade e a aceleração da mudança alteram o cenário cultural e comprometem as identidades até então aceitas. (Tradução da autora).

Em entrevista, os trabalhadores E34-04/12 e E09-02/11, respectivamente da pecuária e do turismo, expõem suas dificuldades em compreender o processo pelo qual o Pantanal está passando: “O Pantanal *tá* muito mudado. É **difícil** isso, tem muito pasto feito, não é como antigamente tudo pasto nativo” (grifo desta autora).

Uma coisa **difícil** pra mim foi quando eu assumi o bar da pousada, porque mexe com dinheiro e eu não era uma pessoa boa para *dá* troco. Conheço dinheiro, mas meu estudo é muito pouco, eu sei pouca coisa. *Decorrê* de dois *ano* que *foi* passando eu fui aprendendo, no começo eu tive muito medo (grifo desta autora).

Os períodos de adversidades e conflitos, normalmente, vêm acompanhados de novas aprendizagens e experiências. Nesse sentido, as gentes pantaneiras, sobretudo as trabalhadoras do turismo, começaram a utilizar no trabalho, no lazer e como recurso para os estudos; avançados meios de comunicação, como, por exemplo, a internet.

Dentre os trabalhadores do turismo entrevistados, sessenta por cento utilizam a internet diariamente, conforme exemplifica o monitor ambiental E12-02/11 “Eu uso muito internet, pego meu computador, ligo pra minha mãe no *skype*, falo com ela sempre que posso, com minha namorada em Londres”. A gerente de pousada E16-05/11 garante a continuidade do estudo ao afirmar: “Eu estudo a distância, daqui da pousada mesmo”. A Figura 3.3 apresenta a página de uma rede social pertencente a um pantaneiro e a Figura 3.4 mostra a divulgação de vagas para trabalho no Pantanal na rede social *facebook*.

Figura 3.3: Página de rede social do monitor ambiental pantaneiro (2013).



Fonte: <http://www.facebook.com>

Figura 3.4: Página de rede social utilizada para divulgação de oportunidade de emprego em pousada no Pantanal (transcrição do texto em nota de rodapé)⁵⁸ (2013).



Preparação da imagem: CERNIC, G. G.
Fonte: <http://www.facebook.com>

⁵⁸ Transcrição do texto: Oportunidade para trabalho de Guia no Pantanal de Mato Grosso do Sul: Gostaríamos de divulgar a abertura de uma vaga para guia bilingue (português/inglês) na Pousada Xaraés, localizada no município de Corumbá, Pantanal-MS. É desejável formação em Biologia e áreas afins. Pedimos a gentileza de divulgar entre vossos contatos. Agradecemos desde já. (em seguida estão os endereços para contato).

A despeito da utilização da internet como veículo de integração entre a coletividade pantaneira e o mundo, a adesão ainda é insipiente porque a rede de energia elétrica ainda não cobre toda a extensão do Pantanal, condição essencial para a implantação da rede mundial de computadores; as palavras de Bauman (1999) representam o momento atual no Pantanal:

Ao contrário do que costumam acreditar os acadêmicos, eles próprios integrantes da nova elite global, a Internet e a Web não são para qualquer um, e é improvável que jamais venham a se abrir para o uso universal (BAUMAN, 1999, p. 60/61).

Considerando o acesso à internet, entre os trabalhadores do turismo, setenta por cento da comunidade pantaneira entrevistada ainda está à margem desse tipo de tecnologia, cabendo-lhes apenas as ondas do rádio e da televisão, como veículo de informação e de lazer com interatividade comprometida. Para Bauman (1999):

A elogiadíssima 'interatividade' do novo veículo é um grande exagero; deveriam antes falar num 'meio interativo *one-way*'. (...) Quanto aos demais, abandonados à rede de TV por satélite ou a cabo, sem qualquer pretensão de simetria entre os dois lados da tela, o seu quinhão é a pura e simples observação. (...) Segregados e separados na terra, os habitantes locais encontram os globais através das transmissões regulares do céu pela TV (BAUMAN, 1999, p. 61/62).

A aquisição de um televisor é resultado da ascensão do capital entre a população mundial e do fortalecimento da indústria eletroeletrônica. A forma de utilização do equipamento é definida pelo sistema capitalista, ou seja, os canais de televisão transmitem programas, preferencialmente, com índices de audiência superior a dez por cento. Além disso, a manutenção da grade de programação se sustenta na fidelização dos telespectadores e na garantia de retorno financeiro para produtores e patrocinadores. Segundo os pesquisadores Caparelli e Lima (2004): "(...) a televisão no Brasil deu continuidade ao objetivo capitalista de produção, oferecendo novas possibilidades ao capital" (CAPARELLI e LIMA, 2004, p.62).

As imagens da televisão, além de ser um veículo de comunicação, também, estão a serviço da publicidade com objetivo de vender produtos, obter

lucro e como instrumento manipulador do capitalismo a serviço do mercado mundial. Abramo (2003) exemplifica a manipulação por meio do jornalismo:

Uma das principais características do jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela maioria da grande imprensa, é a manipulação da informação. O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade. (...) É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade (ABRAMO, 2003, p. 23).

Sobre tal questão, assim se pronunciou o filósofo Popper (1995):

O objetivo da televisão não é dar informações sobre o mundo real. (...) A televisão moderna, tem um único objetivo: fazer vender. É essencialmente um instrumento comercial. Os seus valores são os do mercado; sua estrutura e os seus conteúdos são o reflexo desta função (POPPER, 1995, p. 45).

A publicidade está “relacionada diretamente com o processo histórico da televisão brasileira: o fator econômico impulsionado pela publicidade é a principal fonte de receita das emissoras” (CANCIO, 2005, p. 91); e compõe a gama de produtos utilizados na e para a televisão. Pode-se utilizar como exemplo, o trabalho de *marketing* das lojas de eletrodomésticos é abrangente e facilita a aquisição com ofertas promocionais. Variadas marcas, opções de pagamento, assim como facilidades para entrega da mercadoria, atraem consumidores ávidos pelo produto. Assim, a despeito das distâncias dos centros comerciais, modernos aparelhos de rádio e de televisão fazem parte do cotidiano das gentes pantaneiras.

Figura 3.5: Panfleto de propaganda. Destaque para a forma de pagamento (2013).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Nas fazendas com energia gerada por “Grupo Gerador de Energia Elétrica a óleo diesel”, a televisão também tem sua função assegurada entre as gentes pantaneiras. O empresário pantaneiro E01-12/10 afirma em entrevista: “A televisão hoje tá um ponto assim: Se a sua funcionária não assistir a novela, você não consegue mantê-la lá”. Logo, não se trata de uma conquista dos empregados, ou de uma benfeitoria por parte do patrão, mas de uma condição para permanência dos empregados no local de trabalho.

Nos pantanais do Abobral e do Aquidauana a população tem acesso à programação da TV aberta por antena parabólica⁵⁹, a qual capta o sinal via satélite, porém, restringe os sinais das TVs regionais. Nesse caso, as pessoas

⁵⁹ A programação recebida pelos sinais das antenas parabólicas é semelhante à da TV aberta. Informação obtida em comunicação pessoal do pesquisador Marcelo Cancio, em 23 de Maio de 2013.

não têm acesso à programação local e regional, permanecendo alienadas e com informações limitadas, com relação aos acontecimentos regionais. Cancio (2005) insiste na valorização do noticiário regional ao garantir:

As notícias locais tornam-se importantes à medida que o telespectador se volta para os acontecimentos que estão mais próximos de sua área de interesse. Notícias que estão relacionadas com seu Estado, sua cidade, seu bairro, sua cultura. As notícias nacionais têm importância por sua abrangência e repercussão, mas as regionais não podem ser desprezadas (CANCIO, 2005, p. 101).

Os telespectadores são informados, via antenas parabólicas, dos acontecimentos regionais por intermédio dos telejornais de abrangência nacional, ou seja, pela TV global, a despeito de ter sido assegurado, pela Constituição Federal de 1988, Capítulo V, o acesso à programação regional:

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - **regionalização** da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988, grifos desta autora).

A falta de informação regionalizada mantém as gentes pantaneiras vulneráveis e à parte, por exemplo, das negociações salariais entre os órgãos de representação do trabalhador rural e do produtor rural, divulgadas pela imprensa regional.

Figura 3.6: Tabela referente aos salários dos empregados rurais.



SINDICATO RURAL
CAMPO GRANDE-MS

Informativo de média de mão-de-obra e serviços mês de julho/11
Salário Mínimo Rural: **R\$ 665,00**

Técnico Agrícola	1.128,19
Inseminador	665,00
Encarregado de Máquinas	742,23
Operador de Máquinas de Esteira	1.196,79
Tratorista – pneus	665,00
Motorista	721,45
Capataz de Campo	1.218,91
Retireiro	665,00
Peão Campeiro (tralha própria)	665,00
Praieiro/Caseiro (serviços manuais)	665,00
Cozinheira	665,00
Diária Bruta (empreiteiro)	27,51
Doma de Cavalo (gratificação)	296,96

FONTE: convenção coletiva de trabalho, com vigência no período de 01/07/12 a 28/02/14 e o novo piso salarial do empregado rural do estado de Mato Grosso do Sul-FAMASUL/FETAGRI.
OBS: Todos os valores constantes neste boletim são valores brutos sem quaisquer descontos, já acrescidos de todos os benefícios.

Fonte: http://www.srcg.com.br/pg_custos_agropecuarios.htm

No Mato Grosso do Sul o salário mínimo rural é de R\$ 665,00⁶⁰ e cada função exercida tem piso salarial correlato. Porém, há um conflito entre os valores estabelecidos pelos órgãos de representação dos trabalhadores rurais e a realidade salarial dos trabalhadores pantaneiros.

Desinformados sobre os valores legais que devem receber pela prestação dos serviços nas fazendas, os empregados sujeitam-se a “acordos” salariais com benefícios, normalmente, unilaterais. As entrelinhas da entrevista de E28-07/11 transcrita abaixo expõem a prática dos “acordos salariais”:

Minha carteira *tá* assinada como **capataz** de fazenda. Eu **fechei** [acordo] nos 900 *conto* (R\$ 900,00). Eu vim como funcionário dele pra *trabalhá* e

⁶⁰ Disponível em: <http://www.srcg.com.br>. Consulta realizada em 04 de fevereiro de 2013.

domá essa tropa por 900 conto. Aí ele assinou minha carteira com 900 e esse ano eu vou *pegá* férias (grifos desta autora)⁶¹

Ao comparar o salário do capataz de fazenda E28-07/11, conforme citação acima, com a planilha do Sindicato Rural de Campo Grande/MS⁶², os R\$ 900,00 acordados não correspondem ao piso salarial de R\$ 1.218,91, estabelecido para os capatazes de campo. Além disso, considerando o trabalho na doma da tropa, deveriam ser acrescentados R\$ 296,96 como gratificação por cada animal domado.

O recebimento tardio das notícias, como, por exemplo, sobre as atualizações salariais anuais, fragiliza os empregados diante dos “combinados” verbais ou contratuais acordados entre patrões e empregados.

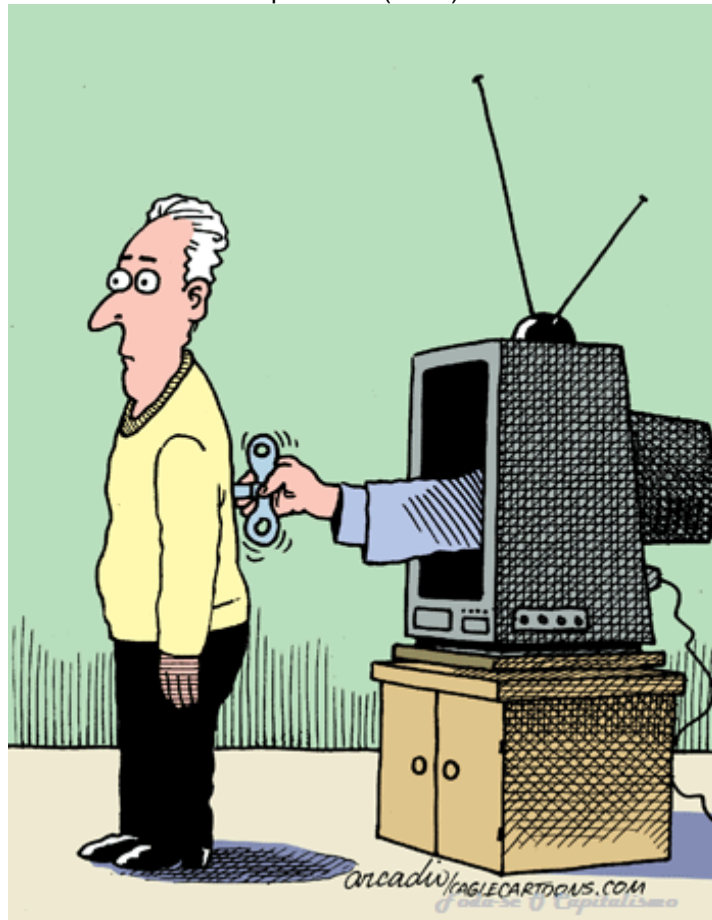
O oportunismo, de alguns patrões, aliado à precariedade das informações recebidas desenvolve nas gentes pantaneiras uma espécie de alienação, porque as mesmas não dispõem de mecanismos de reflexão sobre as circunstâncias do trabalho ou os direitos trabalhistas assegurados (assistência médica, décimo terceiro salário, horas-extras, férias remuneradas, entre outros), como fica clara nas palavras de E35-05/12.

O patrão é bom, só tem um problema, **não assina a carteira**. Ele é um **ótimo patrão**, adoro *trabalhá* com ele. Só que ele não registra a carteira. Ele dá passagem pra gente, é mais fácil. Só que **é difícil ele pagá o salário** (grifos desta autora).

⁶¹ A entrevista foi realizada no mês de Julho de 2011, quando o salário mínimo rural era R\$ 621,00.

⁶² Planilha originada na convenção coletiva de trabalho da Federação dos Trabalhadores na Agricultura/MS - FETAGRI/MS e da Federação da Agricultura e da Pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul - FETEMS, com vigência no período de 01/07/12 a 28/02/14 e o novo piso salarial do empregado rural do Estado de Mato Grosso do Sul.

Figura 3.7: A figura traduz uma sátira da influência da televisão sobre o telespectador (2013).



Fonte: <http://www.cagle.com/>

A sátira expressa na charge da Figura 3.7 mostra o ser humano sendo manipulado pelos meios de comunicação, e, em contraposição à alienação provocada, em parte, pela televisão é importante a intervenção do Estado, por intermédio, principalmente, da educação. Para Giddens (1999), um governo no mundo contemporâneo existe para “promover o desenvolvimento activo do capital humano através do seu papel fundamental no sistema de ensino” (GIDDENS, 1999, p. 49). Nesse sentido, o Estado deve assegurar a educação, a qual oportunizará a gente pantaneira, conhecimento para entender a dinâmica social e formatar ideias despojadas de “favores” e de “acordos”.

Além disso, o Código Nacional de Telecomunicações⁶³ resguarda obrigações educacionais aos meios de comunicação e condiciona a renovação dos contratos de concessão, dos canais de televisão, à inserção de programas educativos nas grades de programação das emissoras, e o Conselho de Telecomunicações – CONTEL, órgão responsável pela fiscalização e cumprimento do Decreto-Lei Nº 236, de 28 de Fevereiro de 1967, reitera a obrigatoriedade:

Parágrafo único. O direito à renovação decorre do cumprimento, pela empresa, de seu contrato de concessão ou permissão, das exigências legais e regulamentares, bem como das finalidades **educacionais**, culturais e morais a que se obrigou, e de persistirem a possibilidade técnica e o interesse público em sua existência (LEI FEDERAL Nº 4.117, DE 27 DE AGOSTO DE 1962).

Art 16 O CONTEL baixará normas determinando a **obrigatoriedade de transmissão de programas educacionais** nas emissoras comerciais de radiodifusão, estipulando horário, duração e qualidade desses programas.

§ 1º A duração máxima obrigatória dos programas educacionais será de 5 horas semanais.

§ 2º Os programas educacionais obrigatórios deverão ser transmitidos em horários compreendidos entre as 7 e as 17 horas (DECRETO-LEI Nº 236, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967, grifos desta autora).

O cumprimento, regulamentação e fiscalização dessas obrigações legais não são objetos de análise nesta tese, a qual apenas pontua a existência das leis e decretos no sistema de comunicação que asseguram programas educativos nas grades de programação das TVs.

No modo de produção capitalista a formação educacional do trabalhador garantirá qualidade aos produtos e rentabilidade, elementos imprescindíveis para manutenção das empresas no mercado. O economista Sen (2003) assevera:

Se a educação torna uma pessoa mais eficiente na produção de bens, isso é, então, manifestamente um aumento de capital humano. Isso acrescenta valor à produção na economia e também ao rendimento da pessoa educada (SEN, 2003, p. 300).

⁶³ Código Nacional de Telecomunicações⁶³, instituído pela Lei Federal Nº 4.117, de 27 de Agosto de 1962, no parágrafo único do Art. 67.

Sendo assim, melhores condições técnicas em consonância com a educação e, sobretudo, o cumprimento das leis, podem se tornar elementos importantes para a formação de indivíduos capazes de compreender o mundo e aptos a fazer escolhas.

3.3 Pantanal: a caminho da modernização e do desenvolvimento?

Os conceitos de modernização e desenvolvimento possuem vertentes teóricas diferentes, conforme o período histórico e a ciência de análise.

O que é modernidade? Com esse questionamento Anthony Giddens, inicia o livro “As consequências da modernidade”, e contextualiza historicamente o moderno. Segundo o autor, modernidade “(...) refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVIII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11).

As mudanças desencadeadas com a modernidade foram sentidas em todos os âmbitos do viver, consoante às palavras de Giddens (1991):

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças características dos períodos precedentes (GIDEENS, 1991, p. 11).

O sociólogo considera a rapidez das mudanças mundiais uma característica da modernidade em contraponto ao modo tradicional de vida:

As civilizações tradicionais podem ter sido consideravelmente mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema. Se isto é talvez mais óbvio no que toca à tecnologia, permeia também todas as outras esferas (GIDDENS, 1991, p. 15).

Historicamente, o século XX foi permeado de acontecimentos marcantes na Europa, como, por exemplo, a I Guerra Mundial, a Grande Depressão, o fascismo e o nazismo. No mesmo período, celebrou-se o

“progresso”, construído a partir do incremento da economia; como o caminho para a resolução dos problemas da humanidade, ou seja, sem o crescimento econômico os países não alcançariam o almejado desenvolvimento. Para Castoriadis (1987), desenvolver esses países significava ‘(...) torná-los capazes de entrar na fase do “crescimento auto-sustentado” (CASTORIADIS, 1987, p. 140).

Castoriadis (1987) relacionou o período da ascensão econômica com o do desenvolvimento, ao afirmar:

(...) o termo ‘desenvolvimento’ começou a ser empregado quando se tornou evidente que o ‘progresso’, a ‘expansão’, o ‘crescimento’ não eram virtualidades intrínsecas, inerentes a todas as sociedades humanas, cuja efetivação (realização) se pudesse considerar como inevitável, mas propriedades específicas. Estas foram consideradas, então, como sociedades ‘desenvolvidas’, entendendo-se com isso que elas eram capazes de produzir um ‘crescimento auto-sustentado’ (CASTORIADIS, 1987, p. 144/145).

Para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD “O conceito de desenvolvimento humano nasceu definido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para ser aquilo que desejam ser”. Esse conceito, estreito, entra em conflito com o modo de produção capitalista, o qual cria necessidades de consumo, desvinculado de escolhas e oportunidades.

A frase de Rodrigues (2001) afirma: “Desenvolvimento é sempre uma meta a ser atingida – confundida com progresso material, como produção de mercadorias, com acúmulo de capitais, de tecnologia, etc” (RODRIGUES, 2001, p. 06).

O geógrafo Roca (2012) considera desenvolvimento como “O processo de mudança social, econômica, cultural, tecnológica, qualquer mudança que leva a melhoria do bem estar de todos⁶⁴”. Alcançar esses níveis demanda, primeiramente, o atendimento às necessidades básicas do indivíduo, ou seja, ter acesso à educação, saúde, sanidade, alimentação, reprodução, caso contrário ele

⁶⁴ Comunicação pessoal do pesquisador Zoran Roca, no dia 22 de Dezembro de 2012.

estará excluído, fora dos padrões estabelecidos para ser considerado um cidadão desenvolvido.

Em referência ao Pantanal, Moretti (1999a) contextualiza o conceito de desenvolvimento atrelado às regras mercado mundial:

O que mede o desenvolvimento da região é sua capacidade de inserção no mercado global e, conseqüentemente, sua capacidade de competitividade econômica com outros locais que utilizam a atividade turística como base de sua economia (MORETTI, 1999a, p. 11).

No bojo das transformações, pelas quais o espaço pantaneiro está atravessando nos últimos quarenta anos, o acesso a diferentes técnicas e tecnologias, sobretudo de comunicação, caracteriza-se como um modelo de modernização.

A despeito de a tecnologia ser sinônimo de modernização, a inserção do indivíduo no processo de desenvolvimento se dará através da aplicabilidade da técnica, a qual possibilitará aumentar a renda e nortear outras conquistas (alimentação, saúde, infraestrutura). Logo, a aquisição do televisor ou do aparelho celular, por exemplo, significa avanço tecnológico em contraponto ao desenvolvimento. Nesse momento, os conflitos despontam, pois, ideologicamente; as mudanças sociais e econômicas deveriam ser revertidas em ampliação na qualidade de vida dos cidadãos. Porém, na contramão, homens e mulheres continuam mal remunerados, explorados e vulneráveis.

Figura 3.8: Trabalhador pantaneiro utiliza telefone celular na função rádio (2012).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Figura 3.9: Contraste entre a antena parabólica e o casebre (2004).



Autor: BRUM, E.

A antena parabólica e o casebre da Figura 3.9 configuram o contraste entre a tecnologia e a pobreza. Nesse caso, modernização tecnológica é importante e necessária porque pode, mas nem sempre proporciona o desenvolvimento.

O processo de globalização ao qual o Pantanal está inserido, principalmente, pelo uso das tecnologias de comunicação, caracteriza-se pelo conflito entre o poder de manipular e de se aliar às gentes pantaneiras.

IV CAPÍTULO

MEMÓRIAS DAS GENTES PANTANEIRAS: A CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA DO PANTANAL

*O tempo não comprou passagem de volta.
Tenho lembranças e não saudades.*
LAGO, M.

As lembranças de tempos passados, seja da infância, do trabalho, da família, dos lugares, boas ou ruins, traçam os perfis individuais e coletivos em determinado período histórico.

A Biologia, a Psicologia, a Fisiologia, a Neurociência e a Sociologia definem distintamente a engrenagem de funcionamento da memória. Para o biólogo Pavão (2008):

A memória pode ser definida como a capacidade de um organismo alterar seu comportamento em decorrência de experiências prévias. Do ponto de vista fisiológico, essa capacidade é resultado de modificações na circuitaria neural em função da interação do indivíduo com o ambiente. O encéfalo humano é composto por bilhões de neurônios, cada neurônio se projeta para centenas de outros neurônios, e as regiões em que essas células se comunicam são denominadas sinapses⁶⁵ (...). Essas alterações na circuitaria neural se relacionam com a memorização de experiências. (Pavão, 2008, p. 16).

⁶⁵ A sinapse é uma região de contato muito próximo entre a extremidade do axônio de um neurônio e a superfície de outras células. Estas células podem ser tanto outros neurônios como células sensoriais, musculares ou glandulares. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/>

A neurociência se fundamenta no estudo físico da memória, mas as análises do neurocientista Izquierdo (2002), também, permeiam as Ciências Sociais:

Somos aquilo que recordamos e também somos o que resolvemos esquecer. O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários nos dizem quem nós somos, mas também nos permite projetar rumo ao futuro, isto é, nos dizem quem poderemos ser (IZQUIERDO, 2002, p. 09).

Nas Ciências Humanas as memórias coletivas e individuais atuam como um elemento na construção de fatos sociais cotidianos. Com relação à memória individual Halbwachs (2003), assevera:

A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si (HALBWACHS, 2003, p.72).

O mesmo autor considera a importância da memória individual, no entanto esta não se sustenta por si só, se não for entendida como um fenômeno coletivo, na medida em que os indivíduos interagem com os grupos sociais aos quais pertencem ou com os quais se identificam por meio da adesão afetiva (HOLANDA & HOLANDA, s/d, s/p).

Os estudos referenciados na memória coletiva permitem uma análise mais abrangente das questões sociais, culturais e econômicas. Segundo Vecchia (2011):

Na sociologia discutem-se questões relacionadas ao pertencimento a grupos e ao modo como eles se relacionam com nossa auto concepção e em nossas interações com os outros, a alteridade. Os grupos aos quais os homens pertencem e aqueles que ele exclui do seu viver como resultados de vínculos são todos temas importantes da vida cotidiana e contribuem para a forma e conteúdo das relações sociais que caracterizam nossas sociedades (VECCHIA, 2011, p. 02).

A autora reforça o sentido do coletivo ao utilizar as palavras de Halbwachs: “O sociólogo Maurice Halbwachs considerou a memória como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham por função manter a sociedade coerente e unida” (VECCHIA, 2011, p. 04).

A constituição da memória se sustenta na afirmação de Bosi (2001): “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (BOSI, 2001, p. 530). Assim, a memória do lugar, construída pelas gentes pantaneiras, poderá cartografar outras geografias do Pantanal.

O quarto capítulo da tese trabalhará a memória e seus meandros, sem se apoiar em saudosismos ou projeções utópicas do futuro, mas, utilizando-a como instrumento capaz de resgatar os viveres do passado para compreender o presente, a partir da capacidade do ser humano de armazenar e registrar informações em diferentes períodos da vida. Para tanto, se respaldará teoricamente em autores como Bosi (2001), Halbwachs (2003), Santos (1978), Candido (1977), entre outros.

4.1 Imagens do passado: o uso da memória coletiva para a construção das geografias do Pantanal

A memória pode ser relacionada com um jogo de quebra-cabeça, onde as peças são as lembranças da escola, do trabalho, da rotina social, familiar e cultural de cada membro da comunidade, que juntas, mapeiam as transformações no território pantaneiro.

Ao recorrer às lembranças do passado, o entrevistado E30a-01/12 conta da aprendizagem das primeiras letras na fazenda:

A mulher do patrão era a professora, dava aula para uns trinta alunos, os filhos [da patroa] estudavam junto com os filhos dos peões. Depois foi mudando, eles começaram a levar professoras para trabalhar lá, depois começaram aquelas escolinhas. Foi mudando. Hoje tá bem diferente.

A obrigatoriedade do ensino para as crianças em idade escolar no Brasil data da segunda metade do século passado⁶⁶. As crianças pantaneiras, até

⁶⁶ Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB foi complementada e o ensino passou a ser obrigatório dos sete aos quatorze anos. A lei prevê um currículo comum para o primeiro e segundo graus e uma parte diversificada em função das diferenças regionais. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/>.

então, quando possível, eram alfabetizadas nas fazendas, sem perspectiva de continuidade dos estudos em uma escola regular. Além disso, a educação escolar era, preferencialmente, para os meninos, conforme relato de E29-11/11: “As crianças estudavam na fazenda, quando sabiam ler o pai mandava pra cidade, só os homens, as mulheres não precisavam estudar. Então poucos estudavam, a maior parte era de analfabeto”.

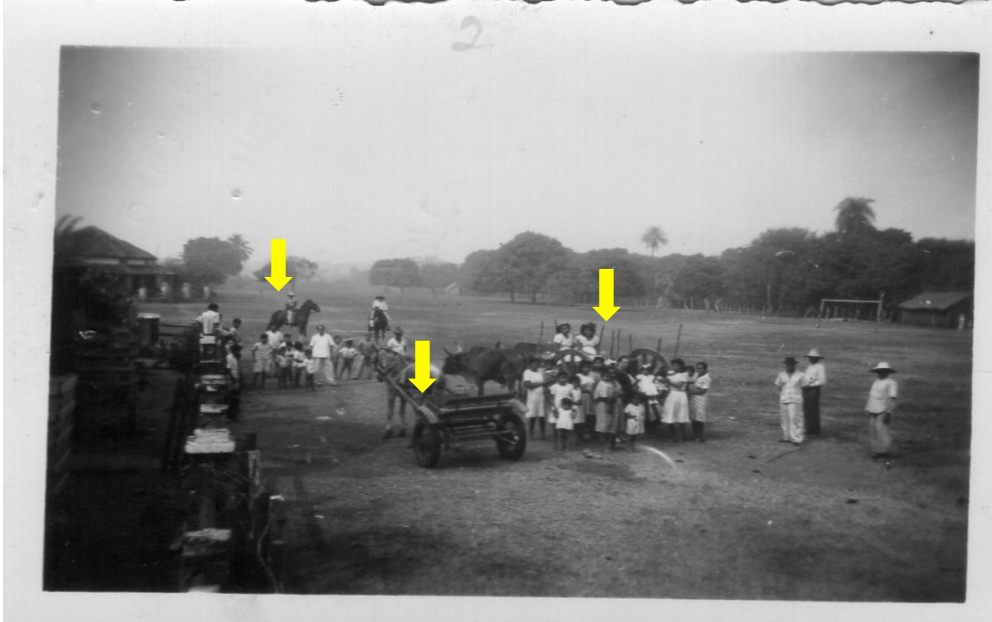
Atualmente, as crianças brasileiras, em idade escolar, têm garantido em lei federal o direito à educação pública, conforme discutido em capítulos anteriores da tese.

Além das memórias ensino os entrevistados também reportavam ao lazer. A despeito das distâncias entre as fazendas e de infraestrutura precária, as gentes pantaneiras não vivam isoladas ou restritas ao grupo de moradores das fazendas. Os festejos religiosos, esportivos e comemorativos de aniversários, casamentos e batizados sempre foram motivos para reuniões entre eles.

Eles se divertiam bastante, tinham várias festas religiosas, São Sebastião, São João, São Antônio, São Pedro e vários outros santos. Cada família tinha um santo de devoção e fazia festa. Convidavam toda redondeza, iam de carreta, levavam dois ou três dias pra chegar (Figura 4.1). Às vezes vinha uma procissão de carreta, uma atrás da outra, vinha se juntando na estrada. Quando chegavam todos atiravam com revólver, ao mesmo tempo, saudando o dono da casa. Ficam acampados, porque não dava pra ficar, todo mundo, na casa. Tinha a reza também. Tinha uma procissãozinha, depois o jantar e o baile até amanhecer o dia. No outro dia começava tudo de novo.

Eles faziam muitas festas antes, depois foi diminuindo porque tudo foi se dissolvendo. Os fazendeiros mais antigos foram para cidade, foram ficando doentes, foram morrendo, foram dividindo as fazendas pros filhos. Às vezes vendiam pra outro. Ia ficando tudo diferente (E30a-01/12).

Figura 4.1: Chegada dos convidados para festividade em fazenda do Pantanal, 14 de Dezembro de 1948. Destaques: Cavalo, charrete e carro de boi.



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de FERNANDES, R. M. S.

O relato melancólico⁶⁷ representa o ideal imaginário para o presente, o qual dificilmente corresponde à realidade. Segundo Candido (1977): “Esta valorização do passado é constante. A cada conversa sobre as dificuldades presentes surge uma referência ao passado” (CANDIDO, 1977, p. 195).

Nem sempre as lembranças são melancólicas; a festa de casamento relatada por E52-07/13, está permeada de saudades sem o tom de pesar “Eu já tenho 86 anos, lembro do meu casamento como se fosse hoje, teve o civil, o religioso e a festa, tudo na fazenda. O pessoal vinha até de trem. Délio de Delinha tocou na festa, foi uma beleza”. As festas de casamento e batizados transformavam-se em grandes eventos, onde se reuniam familiares, amigos e vizinhos em celebrações com até três dias de duração (Figuras 4.3 e 4.4). Nessas ocasiões, um componente indispensável era o “churrasco de buraco” - preparado

⁶⁷ Estado mórbido de tristeza e depressão.

sobre um buraco aberto no chão, feito especialmente para assar grandes porções de carne em espetos de vara, conforme Figura 4.2.

Figura 4.2: O tradicional churrasco de buraco ou churrasco de chão, utilizado em celebrações festivas no Pantanal (1970).



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de SANTOS, L. F.

Figura 4.3: Festa de batizado de uma criança no Pantanal, com a família reunida junto à **matriarca** no dia 10 de Dezembro de 1970.



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de SANTOS, A.

Figura 4.4: Casamento em uma fazenda no Pantanal, 13 de Maio de 1937.



Autoria: Desconhecida.

Acervo particular de FERNANDES, R. M. S.

O jogo de futebol, da mesma forma, era um motivo de reunião; eles organizavam torneios entre os representantes das fazendas vizinhas, “(...) na hora de organizar o time todo mundo queria os índios, eles jogavam bem. Ah! Os negros também. Mas os índios eram melhores” (Figura 4.5). Lembra E53-09/13. Ao final dos jogos, os patrões ofereciam um churrasco para os jogadores e familiares, em clima de confraternização. A prática esportiva, principalmente o futebol, ainda é uma constante na vida das gentes pantaneiras de todas as idades, conforme mostra a Figura 4.6 as crianças em uma fazenda pantaneiras jogando futebol no ano de 2011.

Figura 4.5: Time de futebol representante de uma fazenda pantaneira. Destaques: Na ordem das setas: os negros, o filho do patrão e os índios na composição do time (s/d).



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de FERNANDES, R. M. S.

Figura 4.6: Jogo de futebol – uma das diversões para as crianças pantaneiras (2011).



Autora: ARAÚJO, A. C.

Atualmente, as reuniões entre vizinhos, amigos, convidados das cidades próximas, como Aquidauana, Miranda, Corumbá, e de outros Estados,

incluindo os “novos” pecuaristas, (empresários residentes nos grandes centros), e seus convidados, são celebradas nas Festas dos Clubes de Laço⁶⁸.

São grandes eventos, onde se reúnem centenas de pessoas, em até três dias de festa, para competições de laços, bailes, churrascos e cantorias. As crianças participam em provas específicas de laço e brincam nos parques montados nas fazendas durante a festança.

Figura 4.7: Pouso de helicóptero no Pantanal durante a 20ª Festa do Laço (2013).



Autora: RIBEIRO, M. A.

No Pantanal do mundo moderno, as festas tradicionais das fazendas se perderam com a chegada de outros sujeitos, e, com eles, os diferentes modos

⁶⁸ A lida com o gado no Pantanal demandava habilidade com o laço. O homem campeiro, até para sobreviver, foi se tornando um exímio laçador. Com o tempo, fizeram do laço uma “arte”, transmitida de pai para filho, de geração em geração, até chegar aos dias atuais com a criação dos Clubes de Laço do Mato Grosso do Sul. Em junho de 1973 foi fundado o primeiro Clube do Laço na cidade de Bela Vista. Em 1977, foi realizado o primeiro Torneio Nacional de Laço Comprido, na mesma cidade. Na década de 1980, adeptos e simpatizantes do laço criaram um estatuto que impunha regras para prática do Laço Comprido como esporte. Disponível em <http://www.federacaodelaco.com.br/>

e elementos de expressão cultural (Figura 4.7). A modernização da pecuária e o turismo, aliados à tecnologia, sobretudo dos meios de comunicação e transporte, (discutidas em capítulos anteriores), estão construindo novos formatos para as festas pantaneiras.

As lembranças das festividades desencadeiam recordações dos contratempos, por exemplo, de infraestrutura do século passado. Além disso, permite reconhecer as conquistas do passado e fortalecer o coletivo para continuar a luta por melhorias no Pantanal. As palavras do entrevistado E36-05/12 remetem ao final da década de 1950:

Eu nasci aqui no Pantanal, naquele tempo meu pai era condutor de gado, não tinha Estrada-parque, não tinha nada. Tinha que ir pra Corumbá de barco, de carro de boi, não deu tempo de *chegá* na cidade e eu nasci nas margens do rio Abobral. Isso acontecia muito.

O pantaneiro E26-07/11 reafirma a problemática vivida na primeira metade do século passado com relação à infraestrutura:

Nós íamos pra Corumbá de embarcação, de barco, carro de boi, por toda estrada [atual Estrada Parque Pantanal] só de chão e nós saíamos daqui e passávamos por dentro do rio Aboboral, secava nessa época, e aí a gente cruzava a fazenda Santa Fé até o Porto da Manga. Aí passava na balsa, na época era tudo fazenda, ia cortando pelo meio das fazendas (Figura 4.8). Gastava o dia inteiro, aí a gente levava comida e o dia que chegava, chegava. Eu era criança ainda, devia ter uns sete ou oito *ano* e aí a gente ia pra Corumbá, quando chovia, aí parava o trânsito. Era tudo terra, não tinha nada aqui o único porto que tinha era de travessia de gado.

Figura 4.8: Crianças⁶⁹ no Porto da Manga - Pantanal/MS - aguardavam para atravessar de balsa o Rio Paraguai. Ao fundo, a balsa com um caminhão boiadeiro embarcado para a travessia (1992).



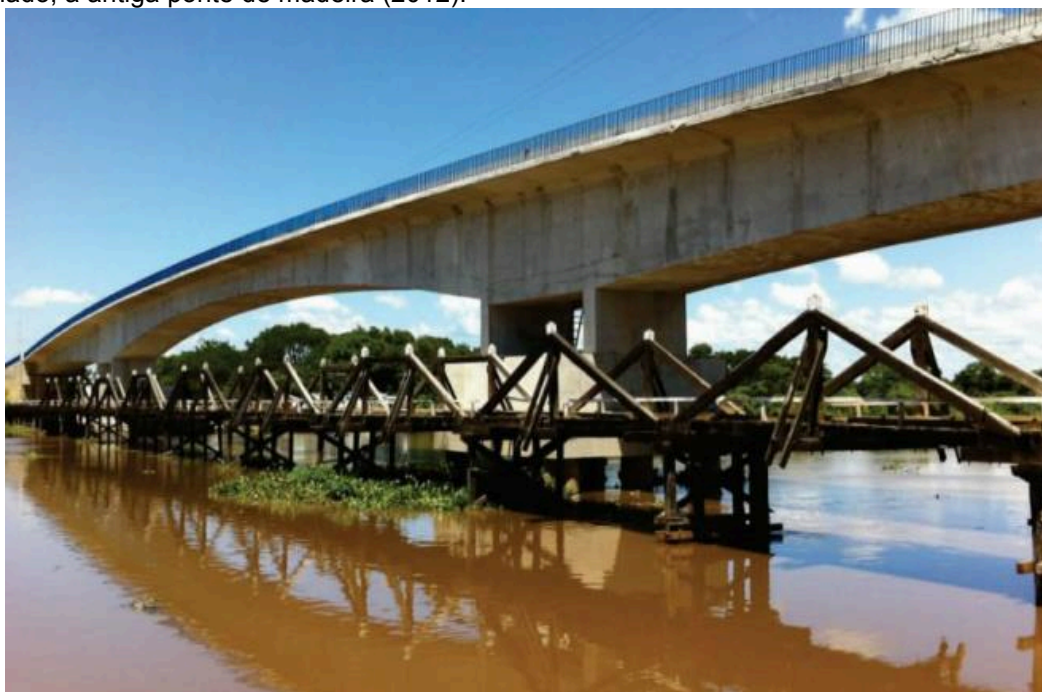
Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de GALICIA, L. R.

O título de Patrimônio Natural da Humanidade concedido pela UNESCO à Estrada Parque Pantanal, a pavimentação asfáltica da BR 262⁷⁰, a manutenção das pontes e a construção da ponte de concreto sobre o Rio Miranda em 2012 (Figura 4.9), melhoraram consideravelmente a infraestrutura de transporte na região. Porém, segundo a pantaneira E16-05/11, membro do Comitê Gestor da Estrada-Parque, o trabalho ainda é insipiente: “Temos que documentar tudo dessa estrada pra poder pedir verba para o Governo, para os políticos e cuidar da Estrada-Parque. Tem muita coisa ainda pra fazer”.

⁶⁹ A publicação da imagem dos menores foi devidamente autorizada pela família.

⁷⁰ Na época (década de 1970), não tinha asfalto era só estrada de chão, de Miranda até aqui (Pantanal do Abobral). E eu entrei num caminhão lá, na carroceria naquela época era assim que andava. Nossa! Demorava umas oito horas até chegar aqui (E22-07/11).

Figura 4.9: Ponte de concreto sobre o Rio Miranda, inaugurada em Abril de 2012, ao lado, a antiga ponte de madeira (2012).



Autor: WAQUED, R.

A manutenção da infraestrutura deve prever os períodos de cheia no Pantanal, quando as estradas vicinais, de acesso às fazendas e a algumas pousadas, ficam interrompidas (Figuras 4.10 e 4.11), conforme depoimentos dos entrevistados e análise realizada no primeiro capítulo da tese:

Entra enchente você para de *transitá* no Pantanal, a estrada não segue, para tudo. Você é limitado, porque em um período tem estrada no outro não tem (E33-03/12).

Todos sabem que a gente tem dificuldade com a estrada, que ela fica intransitável na cheia, qualquer leigo sabe. É horrível a estrada bem ruim mesmo. Eles [representantes do Governo e políticos] vêm aqui, olham, olham e nunca mais voltam (E16-05/11).

Tem que organizar pra arrumar a estrada. Às vezes, são os fazendeiros que ajudam a *arrumá* a estrada. A gente sempre a parte daqui e limpa, ajeita uma ponte, ninguém age (E17-05/11).

A manutenção desses “caminhos” por parte dos Governos Federal e Estadual e da iniciativa privada é precária, a despeito de serem essenciais para a economia local.

Figura 4.10: Em destaque, a Estrada Parque Pantanal em período de cheia e uma placa indicativa de acesso para duas pousadas pantaneiras (2011).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Figura 4.11: Estrada Parque Pantanal em período de cheia (2011).



Autor: PROENÇA, F.

Figura 4.12: Estrada Parque Pantanal em período de seca (Figura para efeito de comparação).



Autora: RIBEIRO, M. A.

As memórias da família, da infância, da casa materna, enfim, da vida no Pantanal emergem com nostalgia, permeadas de sons, cheiros e sabores. Segundo a psicóloga Ecléia Bosi (2001): “Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais” (BOSI, 2001, p. 411).

As lembranças do entrevistado E29-11/11 datam da década de 1930 e remetem às brincadeiras da infância no galpão da fazenda:

Quando a gente era criança, seis, sete, oito anos, nós vivíamos no galpão com os empregados, com os filhos dos empregados e era igual, não tinha diferença. A conversa era de peão, de cavalo, das laçadas, as histórias deles, os *causo* de *assustá*. Desde criança, eu fiquei assistindo aquela conversa. Meus heróis infantis eram os peões, os vaqueiros, e entre dos vaqueiros tinha uma classificação natural, o craque era mais respeitados. As meninas brincavam mais de *montá* animal com fruta e faziam boneca de semente e pedaço de pau. Até brinquedo a gente fazia sozinho.

Naquela época, as crianças pantaneiras, sendo filhas do patrão ou do empregado, conviviam juntas, moravam na fazenda e, com muita criatividade, produziam os brinquedos com os recursos naturais (sementes, frutas, folhas).

O galpão das fazendas, onde os peões se reuniam no final da tarde, era um atrativo para os adolescentes. Nessa idade, os meninos começavam a trabalhar no campo, período considerado de aprendizagem, e, integrar-se à turma da “cantoria” e dos “causos” no galpão, garantia-lhes aceitação no grupo. Ao longo do tempo, essa prática se perdeu, assim como “Perdeu-se também a faculdade de escutar, dispersou-se o grupo de escutadores” (BOSI, 2001, p. 88). O entrevistado E11-02/11 lembra as noites de cantoria e faz referência à qualidade da música interpretada nas fazendas pantaneiras:

Nós com treze ou quatorze *ano*, antes de dormir, a mãe deixava *escutá* os peão *tocá* música no galpão. A música do Pantanal era paraguaia, era música caipira, mudou tudo. Isso de agora *tá* tudo torto. Não é música pantaneira.

Na fala de E11-02/11, há uma comparação crítica, saudosista, entre as músicas do passado e as da atualidade. Para Candido (1977), trata-se de uma utopia retrospectiva porque “(...) ela se manifesta, sobretudo nos mais velhos, que ainda tiveram contacto com a vida tradicional e podem compará-la com o presente (...)” (CANDIDO, 1977, p. 193).

Todos os sentidos humanos, desde a infância, participam do conjunto da memorização e acompanham o ser humano ao longo do tempo. “As lembranças são povoadas de sons (BOSI, p. 445)”, de cheiros e sabores, independente da qualificação das recordações. Para E52-07/13 o barulho das araras não lhe traz boas lembranças: “Eu não aguentava aquelas araras gritando, muito antes de o sol nascer”. O odor do fedegoso⁷¹ transforma-se em perfume nas memórias de E07-02/11:

⁷¹ Fedegoso, de nome científico *Cassia occidentalis* L., é uma planta medicinal também conhecida como café negro e folha do pajé. Fedegoso é da família das leguminosas, e é utilizada principalmente para o tratamento de anemia (YADAV, 2010).

O fedegoso, aquela vagem, aquilo era o nosso café, punha no forno do fogão de lenha (Figura 4.13), ficava moreninho, meio queimadinho, cheirozinho, punha no pilão e socava. Aí, virava pó de café e mamãe fazia o café, aquilo cheirava longe.

Figura 4.13: Fogão à lenha ainda utilizado nas fazendas do Pantanal (s/d).



Autor: BRUM, E.

O ideal imaginário dos seres humanos aflora ao relembrar fatos importantes, como se pudessem viver um presente diferente, caso o passado assim fosse. Para E11-02/11 a condição econômica da família seria outra se não tivessem desintegrado o patrimônio do avô: “É aquela coisa, quando o esteio da família se vai, daí são bastante filho, foi dividindo tudo e foi acabando, a gente teve que *mudá*, meu pai foi vendendo, *perdemo* tudo. Hoje *tamo* assim”.

Na fala do entrevistado, observa-se um conflito entre o saudosismo econômico do passado, ao atribuir à família a responsabilidade pela perda do patrimônio e a realidade atual, na qual a reorganização fundiária promovida pelos herdeiros, aliada à crise na economia brasileira nas décadas de 1970, 1980 e parte de 1990, teve como consequência a diminuição do poder aquisitivo das famílias.

4.2 Memórias do trabalho na pecuária e no turismo: construções e conflitos no Pantanal

Independentemente do modo de produção vigente, a humanidade continuará a incessante busca por uma atividade profissional, como garantia de sobrevivência econômica, do exercício da cidadania e das conquistas pessoais e coletivas.

Antes da Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943, as quais estipulam a idade mínima⁷² para iniciar as atividades profissionais e para a aposentadoria⁷³, as crianças, no Pantanal, iniciavam o trabalho na lida com o gado ou nos afazeres domésticos para ajudar a família ainda na infância⁷⁴. E34-04/12 conta do aprendizado com o pai:

Eu criei na fazenda do Nabileque até nos *tempo* da escola, uns sete ou oito *ano*, fui *estudá*, mas não quis *estuda*, aí o *veião* (referência ao pai) pois *nóis prá trabalhaiá*, eu tinha uns nove ou dez *ano*. Hoje não pode criar um filho sem estudo.

O depoimento retrata a contradição entre a irrelevância da educação por parte dos pais e do Governo, até a década de 1970⁷⁵, e a atual obrigatoriedade dos estudos para as crianças em idade escolar, discutida em capítulos anteriores dessa tese.

As memórias, em relação ao início precoce do trabalho vêm permeadas de orgulho, tanto para o aprendiz, como para o instrutor:

⁷² A Constituição Federal de 1988 veda expressamente qualquer trabalho antes dos 14 anos de idade. Dos 14 aos 16 anos, somente é autorizado o trabalho na condição de aprendiz. Disposição expressa no inciso XXXIII do artigo 7º da Constituição Federal: XXXIII - proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

⁷³ Os trabalhadores rurais têm direito ao benefício da aposentadoria por idade a partir dos 60 anos, homens, e a partir dos 55 anos, mulheres. Para solicitar o benefício, os trabalhadores rurais inscritos na Previdência Social a partir de 25 de Julho de 1991 precisam comprovar, com documentos, 180 meses de atividade rural. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br>

⁷⁴ Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (LEI Nº 8.069, 13/07/90-Estatuto da Criança e do Adolescente).

⁷⁵ Em 1971 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi complementada.

Eu tenho essa vivência, eu sou pantaneiro porque meu pai me criou no Pantanal e me ensinou desde pequeno; eu amo o Pantanal, trabalho, já fui condutor, já viajei com boi, hoje eu compro boi, viajo de avião, viajo de caminhonete, viajo a cavalo, todos esses *transporte* eu já vivenciei tudo isso (E33- 03/12).

Eu que ensinei meu filho, aprendeu *viajá* comigo, ele não quis *estudá*. Com dezesseis *ano* parou a 8ª série e *fomo trabaiaá*. Ele viaja em comitiva, sabe *mexê* com boi. A primeira coisa que ele aprendeu foi isso, a viajar comigo, desde guri vivia no lombo de um burro. Aí começou a *trabaiaá* na fazenda. Não adianta o cara *estudá*, hoje na fazenda o cara tem que saber *trabaiaá*, se começar de muita loucura, muita moagem, num dá certo. Os *filho* dele *tá* estudando nessas escolas de hoje, as *pantaneira*. Não é igual da cidade, mas o ensino é bom (E34-04/12).

O trabalho infantil⁷⁶, o qual as crianças pantaneiras foram submetidas no passado, atualmente se reflete no analfabetismo. Tomando como referência os depoimentos dos entrevistados com faixa etária entre cinquenta e sessenta anos, dez por cento são analfabetos ou semianalfabetos, conforme declara E15-05/11: “Eu sei muito pouco. Bem da verdade eu, assim não tenho leitura nenhuma, porque a gente *trabalhaiava* em fazenda e é difícil. Nem comecei a *estudá*”.

Com relação ao trabalho infantil, uma questão sem resposta por parte dos entrevistados permeia a análise da tese: Como as crianças eram remuneradas?

As gentes pantaneiras entrevistadas consideravam a participação das crianças nos afazeres diários simplesmente como um auxílio: “Minhas *filha* não *trabaiaava* (com entonação prolongada) assim, elas *ajudava* a mãe na cozinha e na casa. Também!!! Não tinha escola” (E52-07/13). A falta da escola não descaracterizava a exploração à qual os menores eram subordinados, por se tratar de uma atividade exercida por criança e sem remuneração.

A prática do trabalho em família, assim como o trabalho infantil, também era comum em terras pantaneiras e persiste até os dias atuais, patrões e empregados contam com o auxílio dos filhos e dos cônjuges seja na

⁷⁶ Trabalho infantil no Brasil: é qualquer trabalho exercido por criança e adolescente com menos de 16 anos, exceto na condição de aprendiz, e é proibido por lei. Disponível em <http://www.promenino.org.br>

administração ou na lida, conforme relatos: “Meus filhos que cuidam, administram de tudo. Eles têm cinquenta e quatro, cinquenta e dois e cinquenta anos” (E29-11/11). “Minha mulher é cozinheira aqui. Meus dois *filho mexe* com gado, o caçula de vinte e três *ano, trabaia* aqui comigo e o mais velho de trinta *ano trabaia* de peão na outra fazenda do patrão, com a mulher dele” (E28-07/11).

As palavras de Tavares dos Santos (1978), sobre a condição de trabalho das famílias camponesas, podem ser usadas em referência às relações de trabalho familiar no Pantanal:

Cada pessoa da família camponesa desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo, estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulado pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família. Nesse sentido, a família camponesa transforma-se em um trabalhador coletivo (SANTOS, 1978, p.34).

As gentes pantaneiras consideram importante o conhecimento centenário dos pais e avós na manutenção da produção local, porém, esses ensinamentos se perdem no tempo, sobretudo com a aprendizagem de novas e diferentes técnicas adquiridas pelos jovens nas escolas urbanas, condição necessária para o trabalho na pecuária modernizada, implantada no Pantanal nas últimas décadas. Segundo E33-03/12:

Se você recebeu uma fazenda de herança e não aprendeu nada com seu pai, para tudo e vende sua fazenda. Eu passei por todos os *desafio* no Pantanal, aprendi *andá* a cavalo, *fazê* o artesanato de couro, *tosá* um cavalo, *trabalhá* com boi, com carneiro, dirigi trator, o pai sabia tudo. Pode até *estudá*, mas tem que *sabê fazê* aqui. Tem muito pantaneiro quebrado, porque o filho aprendeu outra técnica e chama o pai de burro, ‘Ah! Meu pai é quadrado, é antigo!’ e começa a *fazê* as *coisa* que aprendeu na escola da cidade e dá tudo errado aqui, porque aqui é diferente.

Desqualificar o conhecimento dos idosos pode ser entendido tanto como uma maneira de afirmação pessoal e profissional, quanto uma maneira de conquistar e manter-se no mercado de trabalho. Segundo Bosi (2001): “Quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização” (BOSI, 2001, p. 78).

A ampliação das atividades no campo com a introdução do turismo, aliada à dificuldade de conseguir emprego nas áreas urbanas, está redefinindo o perfil do trabalhador pantaneiro.

A chegada de novos profissionais, tanto do turismo quando da pecuária modernizada, não impediu a oferta de mão de obra sem experiência, com pouca qualificação e, conseqüentemente depreciada, do desempregado urbano que vislumbrou no campo uma oportunidade de fuga dos flagelos urbanos.

Para o pecuarista E01-12/10 os profissionais deixaram de inspirar confiança, em contraponto aos trabalhadores do passado:

Antigamente, os empregados eram de confiança, a gente combinava o pagamento e eles ficavam trabalhando duas, três gerações, pai, filho e neto, gente antiga na fazenda. Antigamente, não tinha essa *trocação* de gente.

As relações de trabalho, nas memórias do pecuarista, remetem a um período onde os acordos salariais, verbais, entre patrão e empregado reinavam soberanos no Pantanal, mantendo-os por décadas em uma propriedade. Desde a Consolidação das Leis do Trabalho⁷⁷, em 1943, o trabalhador rural tem garantido o seu direito ao salário mínimo; ainda assim, os acordos salariais continuam a fazer parte das negociações entre patrões e trabalhadores no Pantanal, conforme discutido em capítulos anteriores da tese.

Nas últimas décadas, pressionados por ações trabalhistas indenizatórias por parte dos empregados, os proprietários de terra começaram a formalizar a contratação dos assalariados. A cozinheira E35-05/12 comenta sobre a indenização recebida do patrão:

A mulher do patrão me xingou e eu não agüentei aquilo. *Nós foi* em Corumbá, chegou lá eu ferrei o véio: “A partir de hoje eu quero que o senhor acerta tudinho, o meu tempo de serviço que eu trabalhei, nunca tive férias, nem esse *tar* de décimo terceiro”. *Ganhemo* nove terreno prá

⁷⁷ Art. 76 - Salário mínimo é a contraprestação mínima devida e paga diretamente pelo empregador a todo trabalhador, inclusive ao trabalhador rural, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, e capaz de satisfazer, em determinada época e região do País, as suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte (CLT N.º. 5.452, de 1º de Maio de 1943).

nós, quase um hectare aqui no Pantanal, mais um monte de dinheiro e minha aposentadoria.

O Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural - FUNRURAL,⁷⁸ regulamentou profissionalmente o trabalhador pantaneiro e onerou as finanças da fazenda; como resultado, houve uma reorganização econômica por parte dos pecuaristas; o quadro de funcionários reduziu e o poder aquisitivo dos trabalhadores rurais diminuiu em detrimento das condições econômicas de décadas passadas.

Em entrevista, E01-12/10 expõe a condição do campeiro à procura de emprego:

Há vinte, trinta anos, meu pai contava que antes o peão chegava pronto (Figura 4.14), de cavalo arreado, com capa, com laço, com o doble⁷⁹, mochila e roupa, ele chegava prontinho. Hoje não, o peão chega e fala: “O senhor tem um dinheiro prá *comprá* um chapéu e uma botina?” Um cara que é peão, não tem chapéu, não tem botina, como que fica? Ele não tem o próprio equipamento de trabalho (Figura 4.15).

O entrevistado atribui ao trabalhador o dever de apresentar-se para pedir emprego com os equipamentos de trabalho no campo (arreio para o animal, roupas e calçados apropriadas, chapéus e laços, conforme Figura 4.16). Em oposição à fala do pecuarista, surge um questionamento: Como o desempregado pode adquirir tais mercadorias se lhe falta dinheiro, remuneração mensal ou uma chance de trabalho para atender as necessidades básicas como comida, moradia e saúde?

⁷⁸ Os benefícios previdenciários foram concedidos aos trabalhadores rurais por intermédio do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural - FUNRURAL, criado em 1963 e pelo Programa de Assistência ao Trabalhador Rural - PRORURAL, instituído em 1971, além da Lei Nº 5.889 de 1973 a qual estabelece normas reguladoras do trabalho rural.

⁷⁹ Doble: Espécie de bolsa que pendura nos ombros ou no cavalo, também conhecido como alforje.

Figura 4.14: Peões pantaneiros com vestimentas para o trabalho no campo⁸⁰ (s/d).



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de RODRIGUES, E. V. C.

Figura 4.15: Pões com vestimentas inadequadas para o trabalho no campo (bermuda e sem calçados) (s/d).



Autor: MATÉ, B.

⁸⁰ Segundo Nogueira (2002): A vestimenta mais usada compõe-se de chapéu de palha, com barbela, camisa, quase sempre de mangas compridas, para proteger dos espinheiros, dos mosquitos e do sol causticante, calças de lona ou de couro, bota ou botina, espora. (NOGUEIRA, 2002, p. 118).

Figura 4.16: Peão com vestimentas e equipamentos apropriados para o trabalho no campo (2008).



Autora: RIBEIRO, M. A.

Ao analisar as entrevistas, percebe-se, nas entrelinhas, o discurso da submissão. Essa prática assegurava a manutenção do emprego e possibilitava o gozo dos benefícios oferecidos pelos patrões, como por exemplo, o interesse do peão na relação de compadrio com o patrão, discutida no segundo capítulo da tese e exposta nas Figuras 4.17 e 4.18.

Figura 4.17: Pecuarista pantaneiro sentado com os filhos ao redor. As setas indicam os empregados junto ao patrão e a família (s/d).



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de FERNANDES, R. M. S.

Figura 4.18: Pecuarista pantaneiro reunido com as crianças da fazenda, filhos dos empregados e do patrão. Os meninos à esquerda fantasiados de índio e as meninas à direita vestidas de senhorinhas (s/d).



Autoria: Desconhecida.
Acervo particular de FERNANDES, R. M. S.

Para os patrões, esse tipo de relação com os empregados era cômoda, garantia-lhes a lealdade e, em alguns casos, proporcionava um precedente de exploração, com salários abaixo da média estabelecida pela legislação trabalhista e sem os benefícios previdenciários.

A despeito dessa prática dissimulada entre patrão e empregado, ambos mantinham uma relação pessoal e profissional duradoura, de décadas de convivência. O relato abaixo tem informações de um pecuarista, proprietário de seis fazendas no Pantanal:

O meu relacionamento com os empregados e o dos meus filhos é muito bom, nós aprendemos isso desde os nossos pais. (...) tenho um capataz que trabalha conosco faz alguns anos. Eu fui criado na fazenda, até a idade de oito anos nunca tinha saído da fazenda no fundo do Pantanal. Por isso que eu digo que essas amizades que a gente cria na fazenda não desfazem. É uma irmandade da família (E29-11/11).

Ao questionar a trabalhadora E10-02/11 os motivos pelos quais se mantém há dez anos a serviço de uma produtora rural, ela responde:

Por causa da minha patroa, eu gosto muito dela. Eu queria ir embora, tem vez que eu falava: “Eu vou embora”; arrumava tudo minhas *coisa*, aí chegava na hora, que eu olhava prá ela e dava uma dor no coração e eu ficava. Pelo serviço não, mas por ela. A patroa me ensinou tudo. Eu lavava, passava, limpava a casa dos *patrão*, cozinhava, fazia tudo o que precisava. Ganhava o **salário**, a patroa me **dava** muita **roupa** e **calçado** também (grifos desta autora).

Os conflitos e contrapontos das relações de “irmandade” citadas pelos entrevistados foram discutidos no primeiro capítulo da tese.

A análise da entrevista de E10-02/11, referenciada no modo de produção capitalista, expõe a exploração do trabalho, porque roupas e calçados não são itens considerados como “salário indireto⁸¹” ou complementação salarial mensal, trata-se, simplesmente, de peças usadas a serem oferecidas, para qualquer pessoa, em doação esporádica. Abaixo, trechos do Artigo 458 da Consolidação das Leis do Trabalho de 1943, que asseveram o direito ao salário para o prestador de serviço:

⁸¹ Salário indireto, salário *in natura* ou salário utilidade, esses são os nomes dado ao conhecido plano de benefícios oferecido pelas empresas.

Art. 458 - Além do **pagamento em dinheiro**, compreende-se no salário, para todos os efeitos legais, a alimentação, habitação, vestuário ou outras prestações "in natura" que a empresa, por força do contrato ou do costume, **fornecer habitualmente ao empregado**.

(...)

§ 2º Para os efeitos previstos neste artigo, **não serão consideradas como salário** as seguintes utilidades concedidas pelo empregador:

I- **vestuários**, equipamentos e outros acessórios fornecidos aos empregados e utilizados no local de trabalho, para a prestação do serviço;

II- **educação**, em estabelecimento de ensino próprio ou de terceiros, compreendendo os valores relativos a matrícula, mensalidade, anuidade, livros e material didático;

III- **transporte** destinado ao deslocamento para o trabalho e retorno, em percurso servido ou não por transporte público;

(...) (**DECRETO-LEI N.º 5.452, de 1º de Maio de 1943**, grifos desta autora).

O recebimento de um salário compatível oportunizará ao empregado a aquisição das mercadorias necessárias para manutenção pessoal, sem depender da "caridade" dos patrões, e proporcionará a superação da relação de compadrio no Pantanal.

Durante o trabalho de campo, ao final de cada entrevista, com o equipamento de gravação desligado, pelo menos quinze por cento dos trabalhadores entrevistados⁸² confienciavam estar à procura de um emprego com melhores condições de trabalho e de remuneração. Sobre esta forma de registro de diálogos, Bosi (2001) afirma:

Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois das entrevistas, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências (BOSI, 2001, p. 39).

Os funcionários, insatisfeitos, mantêm-se no emprego durante o período que lhes convém, ou até encontrarem outras oportunidades de trabalho no Pantanal ou em diferentes regiões.

⁸² Após o encerramento das entrevistas e com os equipamentos eletrônicos de gravação desligados, os trabalhadores procuravam a autora para conversar, com a condição da conversa não ser gravada.

No interior da estrutura capitalista, a demasiada rotatividade de trabalhadores gera cidadãos sem referências, sem o sentimento de pertença com o lugar. Como consequência, as novas relações de trabalho no Pantanal engendram conflitos com o vivido em décadas passadas, como os apontados por E01-12/10:

Uma coisa grave no campo é mão de obra, hoje o peão de fazenda é um fugitivo da cidade. Se fizer um levantamento policial ele já tem alguma passagem na polícia. Por exemplo, eu tô com um funcionário na fazenda que depois de seis meses descobri que ele era separado, tinha um filho e que não pagava pensão há dois anos. Ou seja, a polícia tá atrás dele. De repente você tá com um profissional de risco, coisa que há vinte, trinta, quarenta anos não havia.

Independentemente do ordenamento econômico e social no modo de produção capitalista, as memórias das gentes pantaneiras são permeadas de valorização e de crítica ou estranheza face aos costumes atuais do mundo do trabalho. As palavras de Bosi (2001) ressaltam a importância do exercício de uma atividade profissional para o ser humano: “A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (BOSI, 2001, p. 481).

A atividade turística no Pantanal pode ser considerada recente em comparação com a produção pecuária, com, aproximadamente, duzentos anos. As lembranças dos trabalhadores e empresários do turismo datam da década de 1970, período de predominância do turismo de pesca.

O relato extenso do entrevistado E26-07/11 relembra o início da atividade turística na delimitação espacial da tese:

A gente vinha vê o gado, achava caminhão na beira do rio, ônibus de turista pescador. Tudo na terra nossa, quando ia embora era lixaiada só. O turismo começou acho que assim. Não lembro direito, acho que 1968, mais ou menos, 1970 *começô*. Quando *começô* a vir esse povo pra *pescár*, veio já de bastante. Eles não pediam nem autorização pra *entrá* nas *terra* da gente, também eles não sabiam quem era o dono. Naquela época diziam que beira de rio não tem dono, aí falavam: “Beira de rio é do Estado, é da União”. Falavam que era de Marinha. Nessa época levavam muitos *peixe*, não tinha fiscalização. Depois, com todo esse movimento que vinha, chegava gente que nós não *conhecia* e aí começaram a *invadí*. Papai, uma época, teve que *tirá* gente com advogado, porque *tava* aparecendo gente que ficava mais tempo, um mês, dois *mês acampado*. Aí esses que já *tava acampado* começaram *cobrá* dos *outro*, tinha já um freezer lá pra *vendê* as coisinhas.

Aí, **meu pai, dono de tudo isso na época**, viu que *tavam* ganhando dinheiro nas *terra* dele. Papai teve que tirar gente com advogado, polícia. Foi assim que começou o turismo aqui: Papai fez um posto de gasolina, a gasolina era só no manual, aí nesse posto começou um barzinho, servia refeição. Já tá com mais de **trinta e cinco, quarenta ano** mais ou menos o *camping*. Vinha muita gente, às vezes eu ia *dormi* meia noite e acordava três da manhã pra *dá* conta. Não tinha piracema, pescava o ano inteiro (grifos desta autora).

Na análise da entrevista, observa-se o interesse do proprietário de terras no Pantanal pelo turismo, ao vislumbrar a possibilidade de aumentar os rendimentos com baixo custo de investimento, pelo menos nos primeiros anos.

A piscosidade dos rios da Bacia do Alto Paraguai atraía milhares de pescadores motivados pela falta de controle, de fiscalização e de regulamentação da atividade pesqueira⁸³ por parte dos órgãos competentes. Sendo assim, a pesca predatória tomou grandes proporções e causou impactos ambientais irreversíveis, conforme discussão em capítulos anteriores da tese. E14-02/11 lembra as histórias do pai pilotoiro:

Meu pai já morreu, mas quando ele pilotava, contava umas *história* pra gente assim: “Vinha turista de São Paulo, num caminhão com três, quatro *freezer* na carroceria, enchia, ia embora”. Disse que levava esse peixe, pagava a despesa da pescaria com esse peixe e ainda sobrava, isso há uns trinta *ano* atrás. E não era só pobre não, vinha gente rica, de longe *pescá* aqui.

Os Pantanaís do Abobral e do Aquidauana não dispunham de empreendimentos turísticos para atender os primeiros turistas que se aventuravam pelo Pantanal, para a prática do turismo denominada de turismo contemplativo ou ecoturismo. Os primeiros relatos do início dessa modalidade de turismo contam de meados da década de 1980, sobretudo quando o Pantanal “abriu as porteiras” e se apresentou ao mundo, obedecendo aos ditames da globalização em um período de reencontro com o ambiente natural.

O transporte era precário, as condições locais insalubres, os turistas pernoitavam em barracas montadas às margens da estrada, sem água potável

⁸³ A regulamentação sobre a atividade pesqueira data de 1967, como o Decreto-Lei n.º 221, de 28 de fevereiro de 1967 o qual dispõe sobre a proteção e estímulos à pesca e dá outras providências (Código de pesca), porém com fiscalização insipiente.

para o consumo ou para o preparo das refeições; para E07-02/11, um dos percursos do turismo contemplativo, os primórdios da atividade turística foi permeado de muitos desafios e dificuldades, a longa citação a seguir aponta questões centrais na estruturação do turismo no Pantanal:

Com o turismo foi o seguinte: eu tinha uma caminhoneta em Corumbá e tinha um amigo alemão, esse alemão morava em Corumbá. Eu levei esse alemão pro Pantanal. Aí ele falou: “Quando *vié* o *pessoal* da **Alemanha**, nós *vai levá* pra *conhecê* o Pantanal”, isso foi lá pra **1981**. Aí *chegô* um casal, mas **não tinha nada** onde *eles dormí*, eles também não *tinha*, aí comprei uma barraca de três *pessoa* pra eles e uma pra mim. Era pra três *dia*, mas aí eles falaram: “*Vamo ficá* mais”. Eles não *falava* bem, mas eu entendia um pouco, - “dá pra nos *ficá* mais três *dia*? Eu falei: “Dá”, mas nos *levemo* mantimento, água, refrigerante. Aí *fiqumo* os dias que eles *queria*. Aí *vortemo* pra Corumbá, eles pagaram tudo. Assim foi e eu comecei a *trabaiá*. A cada dez *dia* chegava umas seis *pessoa* e eu pensei: “*Tá* melhorando” e foi indo e comecei. Não era turismo de pesca. Fui *trabalhaiando* sozinho, os cara (turistas estrangeiros) nem sabia o que era Pantanal, uns *cara tudo novo* não sabia nada.

Fui viajando com eles. **Era sofrido, não tinha estrada, atolava carro, não tinha hotel. Modificou muito**, hoje você não vê um turista mal vestido, naquele tempo, turista ia de qualquer jeito, embarcava perto e você não aguentava aquele cheiro, nem banho tomava, não lavava roupa. Agora é **sofisticado**, tem hotel com água quente e tudo. Mas quando eles *via* aquela natureza, *ficava louco*.

O turismo não *tava* bem organizado, ninguém mexia com você, agora já vem **polícia** *envorvendo*, negócio de meio ambiente, já viram que você ganhava dinheiro, eu pensava que eles *queria* dinheiro. Falavam: “Ah! Não pode carregar em cima (na carroceria)!”. Mas eu ando aqui, nesse pedaço de chão aí todo mundo anda assim. Então eu pagava uma combi, aí foi aborrecendo, é muito *pobrema*, eu não tinha firma **legalizada**, naquele tempo ninguém precisava. A comida era assim: “Cedo, (pela manhã), *carreteiro*⁸⁴, quando tinha trigo fazia um bolinho, isso que tomava de manhã e no *armoço* macarrão ou *carreteiro* de novo (grifos desta autora).

A fala do motorista faz um contraponto entre o turismo do passado - com as mazelas do começo de uma atividade profissional desconhecida - e as facilidades, principalmente referentes às condições de infraestruturas para atender os turistas. Além disso, o público mais exigente do presente em muito se diferencia dos primeiros visitantes estrangeiros, precursores do turismo contemplativo no Pantanal, denominados por Krippendorf (2000), de turistas alternativos:

⁸⁴ Arroz feito com carne de sol.

O imperativo essencial dos turistas alternativos é o de se dissociar do turismo de massa. Agir diferentemente das outras pessoas, ficar longe dos caminhos percorridos pelo turismo. Se possível, ir a lugares inexplorados até então. Fazer algo muito fora do comum, onde se viva uma verdadeira aventura longe da civilização. (...) renunciar à maioria das infraestruturas turísticas normais (...). É assim que, sem querer, os turistas alternativos fazem o papel de batedores do turismo de massa (KRIPPENDORF, 2000, p. 60).

As palavras do sociólogo auxiliam no entendimento dos relatos, do monitor ambiental E11-02/11, sobre as primeiras viagens com turistas no Pantanal:

Meu colega falou: “*Vamo levá um pessoal pro Pantanal?*”. Eu falei: “*Tá bom!*” A gente não precisava de nada mais do que uns *banco* na carroceria da caminhonete. Naquele tempo o difícil era *cê té* um carro em condições de ir e vir sem *quebrá* nessa estrada. *Durmia tudu juntu* na rede, fazia uma fogueira no mato, a comida era de tudo, o que fazia eles *comia*, colocava dois *tijolinho* ali e um caldeirão de comida. Passava até quatro *dia* sem *tomá* banho. **Não tinha lei, eu nem sabia o que era o turismo. Hoje** eu sou um guia, credenciado pelo **Ministério do Turismo**, tenho carteira da **Embratur** (grifos desta autora).

O discurso dos entrevistados em relação à fiscalização e profissionalização do turismo caracteriza um avanço na legislação turística e ambiental em níveis nacional e estadual, ausente nos primeiros anos da atividade turística no Pantanal. Porém, se comparada a outras regiões do Brasil e do estado de Mato Grosso do Sul, como, por exemplo, a cidade de Bonito/MS, no Pantanal, ainda há muito a caminhar.

Para os trabalhadores do turismo dos anos de 1980, os recursos advindos da atividade eram considerados bons, porém, ao serem questionados sobre os valores ou a porcentagem recebida por cada viagem, as respostas foram evasivas; diziam-se satisfeitos com o recebido, em moeda corrente ou em dólar. Segundo Jost Krippendorf (2000) “Para os autóctones, os turistas deixam dinheiro. Os turistas constituem uma fonte de renda e é por isso que são apreciados” (KRIPPENDORF, 2000, p. 64).

A falta de agenciamento e de contrato de viagem deixava os guias vulneráveis ao julgamento dos turistas quanto ao valor do trabalho. Nas memórias de E11-02/11 o turista insatisfeito, sobretudo com a precariedade do transporte,

além de não remunerar pelos serviços prestados, ainda atribuía-lhes o ônus da viagem:

Começamos trazê o pessoal pra cá sem ter noção de *falá* inglês ou outra língua, só gesticulando. Só estrangeiro, eles **pagavam o que queriam pagá**, porque nós não *tinha* noção, não tinha como cobrar, *fazê* um preço. Aí foi nascendo esse turismo contemplativo.

A gente pegava o dinheiro depois voltava para a cidade bem feliz. Além de ganhar os dólares, sem conhecer direito o valor do dólar, a gente recebia também dinheiro. Eles pagavam cinquenta por cento na ida e cinquenta por cento na volta, quando não quebrava o carro. Mas muitos *turista* estrangeiro **negava** até de *pagá* porque o carro dava problema, furava um pneu, era difícil. Mas também foi ótimo porque deu pra *ganhá* muito dinheiro, comprei até um vídeo cassete de quatro *cabeça* (grifos desta autora).

Os desbravadores do turismo no Pantanal ainda contavam com a resistência dos pecuaristas em aceitar a presença de “estranhos” em suas terras, conforme relato de E11-02/11:

O pantaneiro dos *ano* oitenta *tava* completamente despreparado, sem *sabê* nada, os *dono* de fazenda eram *bronco* em relação ao turismo contemplativo. Eu fui expulso de muita fazenda na época, com os *turista* e tudo. Eu pedia: “Posso *pará* naquela árvore, pra l almoço?” “Não, não, não”. **Me punha de porteira a fora**. *Foi várias vezes*.

Essas pessoas, que fizeram isso me chamaram para levar turista pra fazenda dele depois que os anos passaram. Recebi muitos *convite* assim: “**Pode levá**, leva lá. Mostra as *coisa*. Nós *temo* um rio cheio de piranha. *Temo* campina cheia de cervo”. Eles viram que é orgulho do pantaneiro *mostrá* essa maravilha que a gente tem. Hoje tão intercalando agropecuária, turismo, preservação, que é o mais importante.

Constata-se um conflito entre a rejeição dos fazendeiros ao turismo (nos primeiros anos) e posterior interesse com a atividade, ao vislumbrar uma alternativa de complementação de renda, conforme analisado em capítulos anteriores da tese. Além disso, os proprietários de terras precisaram se render a um prestador de serviço impensável há trinta anos e absolutamente necessário na nova economia: o profissional do turismo.

4.3 Lembranças do passado: novos significados das águas no Pantanal

No Pantanal, o ciclo das águas é responsável pela condução da vida das gentes pantaneiras, da fauna, da flora e da forma de produção. As variações sazonais entre cheia e seca reorganizam a paisagem.

A coletividade pantaneira habitualmente respeita e reconhece a importância dos ciclos naturais para renovação da vida no Pantanal.

Você nunca descredita no Pantanal, ou é pequena ou é grande, mas existe a enchente de Novembro a Março. A própria enchente é guardiã do Pantanal. O Pantanal se não *vié* enchente, acaba. Não a enchente prejudicial a cada trinta *ano*. Mas a enchente normal. Ela traz o húmus, em todo lugar que a água entra ela traz matéria orgânica. Então a terra é adubada pela natureza, um ciclo. Entra enchente, você para de transitar no Pantanal, a estrada não segue, para. Isso pra fauna, pra natureza é lindo. Pantanal sem enchente não serve (E33-03/12).

No período das cheias - Novembro a Março - parte do Pantanal recebe grande volume de água. Para proteger a produção da invasão das águas e também se protegerem, os peões levam o rebanho para terras mais altas e constroem as casas em palafitas, além disso, os únicos meios de transporte são canoas e barcos, conforme Figuras 4.19, 4.20 e 4.21.

Figura 4.19: O trabalho dos peões durante a retirada do gado das áreas baixas do Pantanal no período das cheias (2011).



Autor: SILVA JR. C.

Figura 4.20: Gerente de fazenda acompanha, no barco, a retirada do gado para áreas altas do Pantanal durante as cheias (2011).



Autor: SILVA JR. C.

Figura 4.21: Casas pantaneiras construídas sobre palafitas (s/d).



Autor: LAPS, R.

Essa singularidade desperta o instinto de defesa e proteção das águas dos rios que cortam o Pantanal. Desde a mais tenra idade, as crianças aprendem a nadar, a remar e a pescar, como as lembranças nostálgicas da infância, às margens do Rio Miranda, do pantaneiro E36-05/12, representadas das nas Figuras 4.22 e 4.23:

A gente brincava direto no rio. Fazia uns *barquinho* e brincava no rio, tomava banho. A gente sabia nadar e remar desde os três ou quatro *ano*. Desde muito pequeno, se caísse na água sabia *nadá*. A primeira preocupação dos pais era ensinar os filhos a *nadá*. Era tudo cercado de água.

A preparação para a convivência com o rio eximia-o da representação de perigo, o saber nadar, o conhecer o ritmo das águas do rio, produziu um saber pela convivência porque fazia parte da formação dos “pantaneirinhos”.

Figura 4.22: As crianças brincavam às margens de um rio no Pantanal (1962).
Autoria: Desconhecida.



Acervo particular de FERNANDES, R. M. S.

Figura 4.23: Criança com aproximadamente três anos brincava no barco às margens de um rio no Pantanal (1962).

Autoria: Desconhecida.



Acervo particular de RONDON, G.

Atualmente, é rara a imagem de uma criança tomando banho no rio ou lançando barquinhos de papel. Segundo o pantaneiro E36-05/12:

Hoje em dia elas não brincam. A preocupação excessiva dos pais, de não *deixá chegá* perto d'água, acaba sendo perigoso porque não aprende a *nadá*. Acaba protegendo demais, hora que cai na água não sabe *nadá*.

Os cuidados e preocupações dos pais em relação às brincadeiras no rio podem ser atribuídos às questões da saúde e da poluição, consequentes da

urbanização. A entrevistada E35-05/12 afirma: “De primeiro, largava as crianças *prá tomá* banho, agora, dá alergia, dá tosse, dá tudo. De primeiro era mais fácil no Pantanal, tinha mais saúde”.

Normalmente, para o morador da cidade, o rio é sujo, inspira cuidados, representa ameaça constante à vida, como, por exemplo, os afogamentos ou os acidentes com embarcações, decorrentes de problemas ambientais, provocados pela interferência humana. As palavras de Rodrigues conduzem à compreensão da problemática ambiental na produção do espaço:

A questão ambiental deve ser compreendida como um produto da intervenção da sociedade sobre a natureza e não apenas como problemas relacionados com a natureza. (...) E, para compreendê-la, é necessário analisar a produção e o consumo *do e no* espaço (RODRIGUES, 1998, p. 85).

O reordenamento no processo de produção do Pantanal alterou o relacionamento da gente pantaneira com o rio. Por volta dos anos de 1960, nas lembranças de E36-05/12, os rios serviam de “caminho” por onde chegavam alguns alimentos não produzidos na região.

A inserção da atividade turística no Pantanal transformou os rios da bacia pantaneira em mercadoria oferecida aos turistas; com valor de troca na economia em ascensão, atribuiu-lhe normas, leis e órgãos de fiscalização.

Porém, mesmo ao exercer a função de um “produto”, o rio se mantém como um acesso para entrada de diferentes formas de vida, de cultura, de linguagem, de vestimenta, de tecnologia, de informação, de medicamento; enfim, de novas relações sociais, econômicas e ambientais entre os pantaneiros. As gentes pantaneiras passaram a ter outro “olhar” para o rio, o interesse pelas “novidades” trazidas às terras pantaneiras pelas águas dos rios invadiu o cotidiano e modificou as relações humanas no Pantanal. E36-05/12 recorda a importância do rio como fonte de alimento e manutenção da casa:

A gente vivia mais do peixe. A estrada era o rio, o transporte era de barco. O rio era o caminho, o comércio e fonte da alimentação. No período da cheia, não dava *prá plantá* os *fruto*, daí tinha o peixe. *Tinha* aqueles senhores, que *tinha* lancha, que *vinha vendê* as coisas, passavam de tempo em tempo. Os senhores *vinha* com alimentação. Aí não tinha dinheiro, trocava a troco de milho, de feijão, de melancia. Era

feita uma troca, a moeda era essa. Como era no rio Taquari, saiam de Corumbá trazendo as coisas, subiam o rio e *fazia* a troca com os moradores. Trazia o arroz, o feijão, a comida e trocava tudo por galinha, porco.

Os rios possibilitam a participação da comunidade no novo ordenamento econômico do Pantanal - o turismo. Gradativamente, a função do rio foi ressignificando a paisagem pantaneira e se transformando em produto turístico a ser comercializado. De acordo com Luchiari (1999):

A atratividade dos lugares turísticos (paisagens naturais ou construídas historicamente) precisa ser constantemente vendida, então, ela é constantemente recriada, ou melhor, padronizada em estilo, estética e atendimento. Os próprios serviços relacionados ao turismo produzem um novo fluxo de relações entre os sujeitos envolvidos (LUCHIARI, 1999, pp. 131-132).

Os homens, as mulheres e as crianças se relacionam com o rio como um elemento da natureza, responsável pela sobrevivência econômica da população autóctone. Ninguém pode contestar a importância do turismo no que se refere a empregos e rendimentos (KRIPPENDORF, 2000, p. 72). Sendo assim, qual o significado do rio para a gente pantaneira na atualidade? Por que os trabalhadores e empresários cobram fiscalização da Polícia Militar Ambiental?

Na atividade turística pantaneira, o rio significa natureza mercantilizada, produto para comercialização e consumo. O modo de produção capitalista tem diferentes formatos de apropriação da natureza, a indústria gera o rio poluído; para o turismo essa configuração de apropriação não interessa. A lógica do capital precisa do rio limpo para aumentar a quantidade de peixes e, conseqüentemente, gerar maior demanda de turistas e de renda para as famílias.

As lembranças de E36-05/12 ajudam a compreender a nova função econômica do rio em comparação com o passado:

Hoje, o rio deixou de ser a estrada e passou a ser uma fonte de exploração por parte dos empresários. A galinha dos ovos de ouro para os empresários. Mas eles acabam matando a galinha também, do jeito que *tá, tão* matando a galinha.

Para os pantaneiros, com longa vivência no Pantanal, cada elemento da paisagem - rio, ponte, árvore, sede de fazenda - possui um significado na identificação do Pantanal. Esses significados são denominados por *Bonnemaison*

(2002) de geossímbolos. O senhor E18-05/11, em entrevista, ressignifica a árvore como um geossímbolo no Pantanal:

Você tem que ter a bússola, um GPS na cabeça. Um *desses cara*, se *caí* de paraquedas no meio do Pantanal, vem *pará* aqui, não tem perigo. Eles conversavam assim: “Não tem aquela árvore? Depois dela, *vira*”. Parecia que eles estavam numa cidade dando o nome das ruas e das esquinas onde tinha que *virá*.

As novas relações em construção, das gentes pantaneiras com a natureza, atribuíram aos rios diferentes valores sociais, simbólicos e de pertencimento. Das brincadeiras de infância ao sustento da família, o entrevistado E36-05/12 traduz o significado do rio para os pantaneiros:

Eu nasci na beira do Abobral e me crie na beira do Miranda, ali eu e meus *irmão brincava, pescava, nadava*. Pra mim o rio Miranda é tudo. Porque tudo o que eu tenho veio dele, comprei minha casa, criei meu filho, ele tá estudando na Universidade em Aquidauana. Tudo o que eu tenho veio desse rio, mostrando os *jacaré* pros turistas ou quando eu era pilotoeiro pescando. Tudo veio desse rio, ele é praticamente minha vida.

Trabalhar no ou com o rio, garante ao pescador ou ao pilotoeiro salário mensal ou diária; e a aplicação desses recursos é de responsabilidade do empregado, em contraposição aos tipos de salários indiretos dos empregados das fazendas até as últimas décadas do século passado, conforme analisado em Capítulos anteriores da tese.

As memórias dos entrevistados cartografaram o processo de mudança da geografia em outras geografias das gentes pantaneiras. Ao recordar os fatos sociais, culturais, econômicos e naturais de décadas passadas, ofereceram subsídios para compreender a forma de inserção e de pertencimento ao mundo atual promovida pelos diferentes caminhos da produção pantaneira e pela globalização. Por fim, o mapeamento topológico⁸⁵ das memórias permitiu traçar a trajetória da construção das geografias do Pantanal até a atualidade.

⁸⁵ O caráter topológico se refere ao *logus*, ao significado das ideias e dos produtos. Comunicação pessoal - SANTOS, D., Julho de 2011.

V CAPÍTULO

TURISMO NO PANTANAL: ENTRE O EXISTENTE E A CONSTRUÇÃO PARA O MERCADO

*O rio que fazia uma volta
atrás de nossa casa
era a imagem de um vidro mole
que fazia um volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse:
Essa volta que o rio faz por trás
de sua casa se chama enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra
de vidro que fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.*
BARROS, M.

A imagem construída do Pantanal a partir da década de 1970 difere, em vários aspectos, da realidade vivida pela população local. As campanhas publicitárias produzidas para promover o turismo mostram um lugar maquiado por fotografias capazes de transmitir a ideia de um lugar onde a “paz” e a “harmonia” reinam soberanas, em um território próximo ao idealizado “paraíso”.

Para desenvolver este capítulo, foram elencados dez sites de pousadas⁸⁶ instaladas às margens da Estrada Parque Pantanal, na área

⁸⁶ Para preservar a identificação das pousadas, foram atribuídos códigos para nomeá-las com a letra “P” seguida de numeração sequencial, mês e ano do levantamento. Ex: "P01-07/13"

delimitada para a tese - Pantanaís do Aquidauana e do Abobral. Dentre os diversos elementos detectados para análise nos *websites*, os de maior destaque foram: a emissão de juízo de valor⁸⁷, a valorização do espaço como diferencial para atrair os turistas, o viver pantaneiro, o vínculo das pousadas com projetos de pesquisa, os valores dos passeios e os investimentos dos empresários.

Os sítios eletrônicos das pousadas pantaneiras apresentam uma cena nostálgica e bucólica do Pantanal; com isso, induzem os internautas a imaginarem-se participando da rotina pantaneira em uma roda de conversa com os peões, entre tuiuíús, capivaras e ipês. Esse cenário produzido pelos meios de comunicação para vender o produto, em parte distinto, do cotidiano pantaneiro, remete a alguns questionamentos, tais como: qual a reação do turista ao chegar ao Pantanal em período de seca, sem a exuberância apresentada nos sites? Quem responde pelas incompatibilidades entre a realidade local e a mercadológica? Como as gentes pantaneiras sentem os olhares dos turistas sobre elas?

O objetivo do último Capítulo da tese é refletir sobre a produção do Pantanal, a partir da consolidação do turismo, suas formas e contradições promovidas pela mercantilização de imagens do Pantanal para produzir uma ideia do lugar, e o conflito com a realidade vivida pelas gentes pantaneiras; por fim, identificar a quem interessa ser pantaneiro. Para tanto se respaldará em autores como Canclini (1998), Bignami (2004), Santos (2003), Raffestin (1993), Haesbaert (2009), Vargas & Heemenn (2003) e nas entrevistas realizadas durante o trabalho de campo.

corresponde à primeira pousada elencada. Os levantamentos nos *sites* das pousadas foram feitos no mês de Julho de 2013.

⁸⁷ Juízos de fato são aqueles que dizem o que as coisas são como são e por que são. (...). Diferentemente deles, os juízos de valor - avaliações sobre coisas, pessoas e situações - são proferidos na moral, nas artes, na política, na religião. Juízos de valor avaliam coisas, pessoas, ações, experiências, acontecimentos, sentimentos, estados de espírito, intenções e decisões como bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis (CHAUÍ, 2000, p. 431).

5.1 O produto turístico Pantanal: as imagens dos *websites* das pousadas pantaneiras nos Pantanaís do Abobral e do Aquidauana

Ao procurar um serviço de turismo pela internet, o cliente encontra várias opções de hospedagem, passeios e orientações sobre a região. Todos os sites analisados têm boa qualidade gráfica, imagens da fauna, da flora e da gente pantaneira, depoimentos dos hóspedes, localização das pousadas, dentre outras informações úteis, como por exemplo, recomendações quanto aos objetos de uso pessoal necessários no Pantanal (repelente para insetos, chapéu, protetor solar), além das indicações sobre localização, roteiro e temperatura.

A emissão de juízo de valor está presente em todos os escritos dos sites das pousadas relacionadas, como, por exemplo: “O Parque Nacional do Pantanal é considerado um dos lugares **mais belos** e singulares do mundo” ou “A Natureza no Pantanal é única e **exuberante**, onde a fauna e a flora abundantes **encantam** a todos que o visitam” (P01-07/13, grifos desta autora). Esse tipo de identificação do local pode comprometer a empresa, porque o Pantanal também é hostil, com muitos insetos, temperaturas elevadas e períodos de alternância entre seca e cheia. As palavras de Vargas & Heemenn (2003) mostram a valorização exacerbada à mercadoria Pantanal:

Na realidade, o que vigora na atividade turística é uma comercialização de representações, de sonhos, de devaneios, de fantasias, produzidos para alimentar a demanda crescente pela ocupação do tempo livre. Na disputa pelos clientes, as operadoras de turismo apresentam prospectos amplamente ilustrados por imagens de lugares “paradisiacos”, muito bem articulados com enunciados apelativos (VARGAS & HEEMENN, 2003, p. 134).

Para manterem-se competitivos no mercado turístico, determinados lugares no Brasil, como Olinda/PE, Paraty/RJ, Tiradentes/MG, criados para servirem a um período histórico e econômico, atualmente estão a serviço da dinâmica do capitalismo moderno por intermédio do turismo. Os casarios e as ruas com calçamento de pedras dessas cidades, por exemplo, são utilizadas pelos empresários como diferencial turístico para atrair visitantes ávidos por vivenciarem uma experiência “imaginária” no século XVIII; porém, com os

elementos da dinâmica capitalista (pousadas, supermercados, drogarias, avenidas, carros, bancos) ao redor, preparados para atender aos turistas.

No Pantanal, os empresários do turismo igualmente elaboraram diferenciais em seus empreendimentos para conquistar maior número de visitantes; a pousada P06-07/13 aposta na cultura pantaneira como um atrativo turístico:

Aqui você é recebido pelos proprietários da fazenda, pantaneiros que ocupam a região desde o final do século XIX. Nesta atmosfera e na convivência com os guias locais, você ouve **causos e histórias** que vão te aproximar do modo de vida e da cultura pantaneira (grifos desta autora).

Os “causos” e histórias em referência, realmente faziam parte da vida das gentes pantaneiras, como descontração depois do expediente no campo e manutenção do imaginário pantaneiro. Segundo Banducci Jr (2007):

As circunstâncias particulares que envolvem esses acontecimentos são ricas em significado cultural, revelando no simbolismo das ações e conceitos expressos no conteúdo das narrativas nas quais são relatadas a forma como os pantaneiros concebem o mundo e com ele se relacionam BANDUCCI JR, 2007, p. 187).

Gradativamente, as reuniões de peões nos galpões das fazendas (para cantoria, causos e conversas, conforme figura 5.1) perderam espaço para a televisão, conforme analisado em outros capítulos da tese. Quanto à decadência da “arte de contar histórias”, Bosi (2001) afirma:

Talvez tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta (...). Na época da informação, a busca da sabedoria perde força, foi substituída pela opinião (...). Perdeu-se também a faculdade de escutar, dispersou-se o grupo de escutadores (BOSI, 2001, p. 84, 85, 88).

Além da interferência da televisão, o turismo transformou os encontros nos galpões em espetáculo turístico, gerador de emprego e renda. Para os turistas, trata-se de um atrativo dentro do pacote turístico adquirido, conforme assevera Canclini (1998):

A fascinação nostálgica pelo rústico e pelo natural é uma das motivações mais invocadas pelo turismo. Ainda que o sistema capitalista proponha a homogeneidade urbana e o conforto tecnológico como modelo de vida, mesmo que o seu projeto básico seja apropriar-se da natureza e subordinar todas as formas de produção à economia mercantil, esta

indústria multinacional que é o turismo necessita preservar as comunidades arcaicas como museus vivos (CANCLINI, 1998, p. 66).

Em entrevista E45 - 05/13 confidenciou:

Eu agacho com um cigarro de palha e conto uns *causo* pros cara (turistas) assim: “Se o *senhô fechá* os *óio* e *prestá* atenção, vai *escutá* os tiro dos *canhão* da guerra (Guerra com o Paraguai) e tem até uns *sordado* que geme baleado toda noite’.

O relato é um típico “causo” pantaneiro espetacularizado a serviço do mercado turístico. Segundo Canclini (1998), “(...) o capitalismo precisa construir identidades imaginárias, fingir recordações, enfatizá-las para gerar significados que ocupem o vazio daqueles que foram perdidos (CANCLINI, 1998, p. 107)”.

Figura 5.1: Galpão de fazenda, utilizado para guardar os equipamentos dos pões, para descanso e roda de conversa com turista (s/d).



Autor: BRUM, E.

Ao navegar pelos sites das pousadas pantaneiras, os internautas deparam com inúmeras imagens de animais, principalmente a onça pintada, a qual adquiriu *status* de “objeto de desejo” entre os turistas (Figuras 5.2 e 5.3). Logo, a aquisição de um roteiro para o Pantanal pode estar vinculada à expectativa de ver a onça pintada flanando pela planície pantaneira, e cobram tal

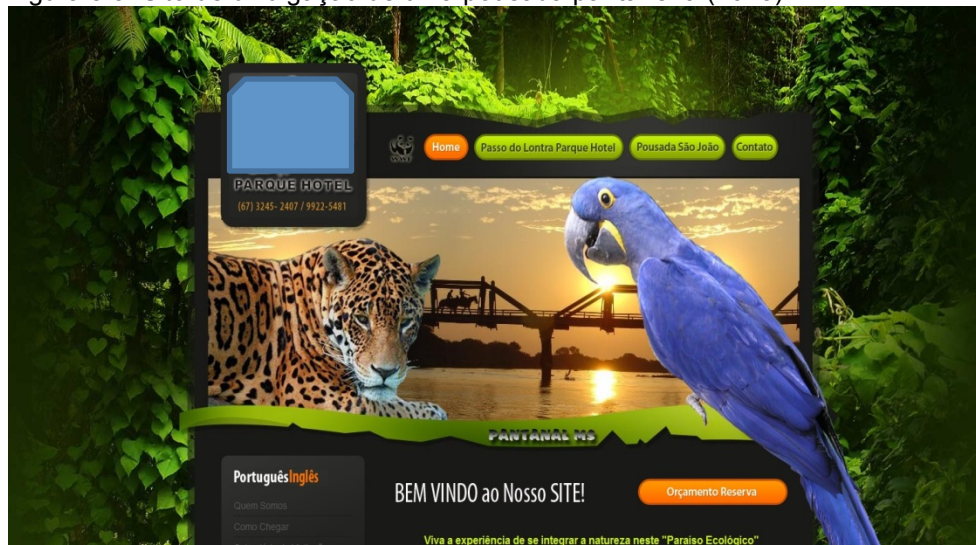
“encontro”, dos monitores ambientais. Deparar com um felino (onça pintada, jaguatirica, onça parda) em seu *habitat*, tal como é insinuado nos sites das pousadas, não é usual, pelo hábito furtivo, típico de um animal caçador, que raramente se deixa ver ou se aproxima dos humanos.

Figura 5.2: Imagem da onça pintada, coletada no *site* de uma pousada (2013).



Fonte: *Site* da pousada P06-07/13.

Figura 5.3: *Site* de divulgação de uma pousada pantaneira (2013).



Autor: GALICIA, C. R.

Pressionados pelos turistas para mostrar os melhores exemplares da fauna e da flora pantaneira, os monitores ambientais criam expectativas nos turistas dizendo: “Ontem a pintada passou”. “Essa noite ela esturrou⁸⁸, vocês não ouviram?”, “Hoje bem cedinho, antes de vocês acordarem, ela tava tomando água bem ali”. Ou ainda, constroem fatos para garantir satisfação ao cliente:

Esses *dia* cedo o peão *pegô* uma garrafa de coca cola pet e fez pegada de uma onça como fundo da pet. (Risos), parece a batida de uma onça, todo dia ele faz isso, e o povo fica tudo espantado. Ele mente sério, não dá uma risada (E41-04/12).

E assim, passam os três ou quatro dias do pacote turístico e a tão esperada “pintada” não aparece, mas o turista sai do Pantanal com uma certeza de que “quase viu a onça” ou “por pouco não viu a onça”.

Para adaptarem-se à nova atividade econômica imposta, as gentes pantaneiras se ajustam aos programas turísticos das pousadas e usam suas habilidades criativas para cativar os visitantes. Segundo Canclini (1998), “O pitoresco, o primitivo podem seduzir o turista devido ao contraste com a sua vida habitual” (CANCLINI, 1998, p. 68); assim, eles sobrevivem e mantêm seus empregos.

A composição dos roteiros turísticos nas pousadas é semelhante; dentre eles os mais usuais são: cavalgada, trilha, focagem noturna, manejo do gado, observação de aves, entre outros. Habitualmente, os sites descrevem o programa para os turistas terem noção da atividade. Abaixo segue a definição do passeio “manejo com gado” coletado no site da pousada P09-07/13:

Passeio a cavalo pelas invernadas ou piquetes com a possibilidade de interação com o gado da região, em afazeres diários do campo, chamamos isso de manejo. Esse passeio tem como característica fazer com que o **visitante vivencie o dia a dia do pantaneiro na pecuária extensiva** (grifos desta autora).

⁸⁸ Esturro: Palavra típica do vocabulário pantaneiro em referência ao rosnado das onças.

As saídas para os passeios, inclusive o “manejo do gado”, acontecem após o café da manhã, por volta das sete e trinta ou oito horas⁸⁹, e têm duração de, aproximadamente, três horas.

A venda de uma programação turística a qual oportuniza ao turista “vivenciar o dia a dia do pantaneiro na pecuária extensiva”, com previsão de início depois das sete horas, não condiz com a prática pantaneira, na Figura 5.4 mostra os turistas em atividade de campo. Nesse caso, trata-se apenas de uma encenação, um espetáculo produzido para o turista, porque no Pantanal, o trabalho no campo inicia por volta das quatro horas.

Figura 5.4: Turistas em atividade de manejo do gado (2013).



Fonte: Site da pousada P09-07/13

Considerando as especificidades climáticas do Pantanal, trabalhadas em capítulos anteriores da tese, observa-se uma contradição entre o produto Pantanal à venda e o depoimento do entrevistado E01-12/10 na página trinta desta tese. Logo, a Figura 5.3 não reproduz o viver pantaneiro, porém, tal como

⁸⁹ Interpelação pessoal via telefone na P09-07/13 em 05 de Julho de 2013.

está posta, influencia e motiva os futuros clientes no momento da decisão por um determinado destino turístico. Para Bignami (2004): “A imagem é um elemento que influencia a decisão de consumo, atuando como uma qualidade real/virtual, capaz de afetar o processo de decisão de compra por um produto” (Bignami, 2004, p. 182).

A gravura produzida para ser comercializada pelo turismo, a despeito de não corresponder exatamente com o cotidiano, assemelha-se ao ideal imaginário do turista. Nesse caso, os operadores do turismo vendem a realidade turística construída, ou seja, o idílico, uma fantasia próxima do fato.

A proposta da pousada P06-07/13 pode ser atraente para os clientes: “Aqui você pode aprender a laçar e curar bezerras recém-nascidos, participar da ordenha das vacas leiteiras e auxiliar a cozinheira a fazer queijo e doce de leite”. Esse chamado incita alguns questionamentos, tais como: é possível aprender a laçar em um dia de campo? A que horas o hóspede deve acordar para “auxiliar” a cozinheira a fazer queijo e doce de leite? As respostas vêm nas palavras de Canclini (1998):

O típico é o resultado da abolição das diferenças, da subordinação a um tipo comum dos traços específicos. Pode-se argumentar que o turista necessita desta simplificação do real porque ele não viaja como um investigador da realidade. Mas a simplificação mercantil das culturas tradicionais, que de modo semelhante ao que ocorre na imprensa e na televisão são chamadas de populares, quase sempre supõe que os seus espectadores estejam abaixo do coeficiente intelectual que eles realmente possuem e que o turismo ou o entretenimento são lugares onde ninguém quer pensar (CANCLINI, 1998, p. 87/88).

As campanhas publicitárias na incansável busca por compradores, algumas vezes podem cometer erros ou induzir os turistas a isso, como, por exemplo, as informações no site da P03-07/13, acompanhada da Figura 5.5: “A P03-07/13 oferece um contato mais íntimo com a **natureza selvagem**. (...) é uma **região selvagem** pela própria condição que a natureza impôs (grifos desta autora)”.

Figura 5.5: Imagem coletada no *site* da pousada pantaneira P03/07/13 (2013).



Fonte: *Site* da pousada pantaneira P03-07/13.

Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra selvagem refere-se a: “Das selvas, inculto, desabitado, deserto, ermo, bravo, bravio, feroz, que ainda não foi domado, amansado, domesticado, sem civilização, primitivo; bárbaro, grosseiro, rude, bruto, intratável, inconversável”. Assim posto, a referência à natureza selvagem no Pantanal é errônea, trata-se de uma falácia implícita na frase, publicada exclusivamente para dar ênfase ao “produto” Pantanal.

A percepção de uma imagem difere entre os observadores e suas habilidades para especificá-la e descrevê-la: “A informação está na imagem, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude devido as suas biografias individuais (...)” (BAUER & GASKELL, 2010, p. 141). Os olhares dos turistas buscam particularidades, interesses e desejos pessoais, ou seja, o idílico, o ideal, o sonho, contudo, para ser desfrutado em um *deck* corixo adentro (Figura 5.5).

Os empresários do turismo, descomprometidos com a qualidade do produto, prejudicam a ação dos vendedores e dos trabalhadores do turismo; um dos exemplos desse descomprometimento é a divulgação de imagens fictícias do Pantanal. O operador de turismo E50-07/13 garante:

Os clientes visualizam o Pantanal como aquilo que vê em imagens, inclusive muitas imagens são irreais. Por exemplo, tem algumas pousadas que colocam a imagem do Pantanal, mas não da região onde ela está. O cliente vê aquilo e acha que vai para aquele lugar. Quando chega lá, não é nada daquilo.

Problemas desse tipo desvirtuam a atração turística e afugentam futuros clientes, os quais replicam a insatisfação entre seus pares.

Para consolidarem-se no mercado, os proprietários de empresas turísticas no Pantanal também procuram vincular o nome das pousadas a propostas científicas, financiados por ONGs, instituições nacionais e internacionais, universidades ou órgãos de fomento do Governo Federal ou Estadual, conforme Figura 5.6. Essas parcerias certificam a “preocupação” dos empresários com os rumos ambientais do Pantanal. Dentre as pousadas selecionadas para análise na tese, oitenta por cento mantêm projetos de pesquisa, tais como: Projeto Queixada, Projeto Arara Azul, Projeto Papagaio Verdadeiro, Projeto Onçafari, Projeto Cavalo Pantaneiro, Projeto Tamanduá, Projeto Vitelo Orgânico do Pantanal. Segundo E01-12/10:

Nós temos um contrato de cooperação mútua com a UFMS, pra dá oportunidade aos professores da UFMS, seja alunos ou professores, que passam a *estudá* o campo da fazenda, porque ali tem um ecossistema completo do Pantanal. Nós só não temos as salinas, mas o resto tem tudo. A UFMS tem as porteiras todas abertas para que eles possam *fazê* estudos, pesquisas, não só na parte da pecuária, como biologia, enfim, com o ecossistema. A fauna e a flora são muito ricas na região.

Figura 5.6: Logo do Projeto Arara Azul, vinculado à pousada P05-07/13 (2013).



Fonte: Site da pousada pantaneira P05-07/13.

As campanhas publicitárias e os arranjos de produção no espaço pantaneiro, especialmente o turismo, possibilitam ações de projeção do Pantanal no cenário nacional e internacional; trata-se de uma estratégia para a comercialização do produto e, assim, manter-se dentro dos padrões de competitividade do mercado global.

5.2 O turismo no Pantanal: Quanto vale e quanto custa.

Os tarifários turísticos praticados no Pantanal são elementos de discussão entre empresários, operadores do turismo e turistas. Os empresários argumentam, particularmente, calcados nos custos de manutenção das pousadas:

O urbano não tem noção do custo que tem *engordá* um boi, *cuidá* das galinhas, dos porcos. Nem sabe o valor pra chegar os alimentos aqui. O valor da internet, da gasolina (E01-12/10).

A gente paga aqui na pousada R\$ 600,00 por ponto de Internet por mês. Essa rede de energia é privada, eu fui lá para eles darem uma autorização e paguei R\$ 30.000,00 de joia para se tirar a autorização, fora o mensal (E05-02/11).

O operador de turismo E50-07/13 justifica os valores dos produtos no Pantanal aos serviços agregados: “Muitas vezes os clientes falam que é um

produto caro. É um produto que você compra um agregado de serviço, café-da-manhã, almoço, jantar e todos os passeios”.

Os turistas brasileiros consideram os custos dos pacotes turísticos, no Pantanal, elevados, de acordo com o relato do empresário do turismo E03-02/11 “Os brasileiros reclamam muito dos preços. Se tem cinquenta hóspedes na pousada, quarenta são estrangeiros e dez brasileiros”. A turista sul-matogrossense E54-08/13 julga o turismo no Pantanal dispendioso por estar próximo de sua cidade “(...) tá tudo aqui tão pertinho e eles cobram tudo isso”.

Para auxiliar na compreensão dos conflitos econômicos entre turistas e empresários do turismo, foram relacionados oito atrativos turísticos nacionais e internacionais (sem considerar o deslocamento), sendo dois artificiais - construído/produzido para o turismo - e seis em ambientes naturais, para comparar os preços em relação aos valores cobrados pelo produto Pantanal: a Flutuação no Aquário Natural em Bonito/MS; o Encontro das Águas em Manaus/AM; o Grand Canyon em Las Vegas; a Barreira de Corais na Austrália; o Safári no Parque Kruger na África do Sul; a Torre Eiffel em Paris e o musical O Fantasma da Ópera em Nova York.

Figura 5.7: Tabela adaptada pela autora com informações de diversos sites: pousada pantaneira P03-07/13, <http://www.ceetiz.com.br/paris/>; <http://www.broadway.com/>; <http://www.flashesdeviagem.com/safarinokrugerpark/>; <http://www.vegascannyontours.com/>; <http://www.bonitoway.com.br/>; <http://www.nosnomundo.com.br/manaus/>; <http://www.quicksilver-cruises.com/>

Data das consultas: 16 de Setembro de 2013.

O valor do real foi cotado a R\$ 2,40 em relação ao dólar na data da consulta.

* Valor **médio** individual de cada atrativo turístico.

Grifos desta autora.

Atrativo Turístico	Local	Valor em reais*	Serviços
Pousada pantaneira	Pantanal/MS /Brasil	R\$ 392,00	Apartamentos com A/C, banheiro privativo e frigobar. Piscina, quadra poliesportiva, internet, bar, pensão completa , caminhadas e trilhas na mata, pescaria, cavalgada, passeios de barco, safari fotográfico e guias bilíngues . Duração: 24h
Flutuação no Aquário Natural Baía Bonita	Bonito/MS/ Brasil	R\$ 180,00	Caminhada seguida de 900m de flutuação com barco de apoio pelo Rio Baía Bonita. Inclui: máscara, <i>snorkel</i> , roupa de neoprene, papete e tirolesa aquática. Com transporte. Duração: 3h
Encontro das Águas	Manaus/A M/Brasil	R\$ 150,00	Nesse passeio privativo você se encanta ao ver as águas de tonalidades distintas do Rio Negro e Solimões, seguidas pelos igapós e igarapés, vitórias-régias e ouvir o som da floresta. Duração: 3h ou 4h
Grand Canyon	Las Vegas/EUA	R\$ 393,60	Transporte em van, nove milhas de <i>rafting</i> no Rio Colorado, ao longo da borda oriental do <i>Grand Canyon</i> , passa pela reserva Navajo, com guia e refeição em caixa de piquenique. Duração: cerca de 6h
Barreira de Corais	Porto Douglas Austrália	R\$ 475,47	Flutuação em ambiente colorido e brilhante, em catamarã, com guia, equipamentos, uma refeição, passeio em embarcação com fundo de vidro. Duração: 7h
Safári no Kruger Park	Provincia de Limpopo/ África do Sul	R\$ 350,00	Vai de ônibus até o parque e retorna no final do dia. Inclui uns 2 lanches, taxa do parque, almoço à parte e passeio pelo parque em carro aberto com guia por quase o dia todo. Duração: 8h
Torre Eiffel	Paris/França	R\$148,60	Bilhete corta-fila terceiro andar da com guia (somente em inglês). Duração: 2h
Musical “O Fantasma da Ópera”	Nova York/EUA	R\$ 435,67	Valor referente a assento nas primeiras filas do teatro. Duração: 2h30

Ao aferir os tarifários da Figura 5.6, guardadas as especificidades de cada local e interesses pessoais, com os valores médios de uma diária em pousada pantaneira, com serviços incluídos, a alegação de custos elevados não se sustenta. Em relação aos preços praticados no Pantanal, Girard & Vargas (2008) afirmam:

O turismo no Pantanal foi construído a partir da visão de “paraíso”, de “santuário”. É o paraíso-mercadoria “disponível” a todos no Pantanal Google, mas que, na realidade, trata-se de uma mercadoria acessível a poucos, a ser consumida somente por indivíduos ou grupos privilegiados, devido ao alto custo dos pacotes turísticos cujo destino é o Pantanal (GIRARD & VARGAS, 2008, p. 71).

Os fatores econômicos impedem a prática do turismo entre parcela significativa dos trabalhadores brasileiros; os valores aplicados no Pantanal correspondem ao mercado mundial, contrapondo à afirmação dos autores em relação aos custos maiores dos pacotes turísticos no Pantanal.

De fato, o turismo no mundo todo é segmentado entre as classes sociais, assim como os destinos turísticos, e o Pantanal, pelo menos no âmbito do turismo contemplativo, é uma rota turística direcionada para uma camada social com capacidade de gastos considerados altos dentro do contexto dos preços praticados em atrativos localizados em diferentes partes do mundo e mesmo no Brasil.

Transformar o potencial turístico do Pantanal em produto para comercialização requer, além de investimentos financeiros, conhecimento da rotina ambiental pantaneira. Independentemente do poder aquisitivo dos empresários, a falta de experiência com as especificidades locais poderá levar os investidores ao fracasso. Para E33-03/12: “Quem tem excesso de dinheiro e falta de experiência, sai traumatizado porque ele gasta dinheiro e não tem lucro, se fizer as coisas na hora errada, sem obedecer a natureza”.

O fazer humano relacionado ao trabalho, aos investimentos públicos e privados em transporte e infraestrutura, deve ser planejado considerando, por exemplo, o volume médio de água recebido anualmente no Pantanal, sob pena de

prejuízo na produção. Logo, iniciar um empreendimento no período das chuvas, ou da seca, pode onerar a aplicação dos recursos. Segundo Araújo:

No Pantanal tudo depende das águas. São elas que condicionam os diversos tipos de vida, modificam os solos, nutrem as pastagens, obrigam os bichos a migrarem. A atividade das águas, marcada por períodos de seca e de enchente, processo conhecido como pulso das inundações, comanda a riqueza, a abundância e a diversidade da vida na região (ARAÚJO, 2006, p. 21).

O pantaneiro E33-03/12, experiente pecuarista e empresário do turismo, atribui os altos custos e perdas em capital à aplicação dos recursos financeiros em períodos inadequados:

Cada época no Pantanal é um período de fazer certas coisas. Eu vejo os *cara falá*: “O Pantanal não vai *enchê*”. E começa a construir uma casa em Novembro, ele tá errado. Como se vai *levá* o material de caminhão, de trator? Vai *atolá*, vai *estragá* na estrada, vai *custá* triplamente mais caro, tudo vai sair errado. Como eu vou ter um veterinário que vai *falá*: “Vou ter que *fazê* um toque na vacada no mês de Dezembro, não vai mais *enchê*”. Ai eu começo a *mexê* com a vacada, chove 100 mm hoje, amanhã chove mais 80 mm, aí o Pantanal enche. Tudo aquilo que eu fiz o custo é maior.

Os empresários de outras regiões do Brasil ou de outros países chegam ao Pantanal com expectativas de baixo investimento⁹⁰ de capital e retorno financeiro rápido, pois consideram o potencial turístico pantaneiro auto mantenedor; contudo, essa expectativa é uma falácia. A manutenção das pousadas exige constante aplicação de recursos na conservação dos veículos (caminhões, caminhonetes, tratores, barcos), na rede de energia, no trato dos animais e pessoal de apoio. Essas ações no Pantanal são dispendiosas, porque do material de construção às peças de reposição para motores, é preciso ser transportado por, pelo menos, duzentos quilômetros, distância entre as cidades mais próximas e a área delimitada para a pesquisa. Segundo E50-07/13:

O empresário do turismo, quando vem de fora, ele tem uma ideia e quando chega lá vê que é completamente diferente. O transporte é difícil, a mão-de-obra, a vida lá. Se o empresário não for da região, não *morá* ali, não *vivenciá* aquilo ali, não sobrevive. Ele vê que *tá* colocando dinheiro e não tem retorno, ele não pode *colocá* o preço lá em cima porque fica destoado de outros produtos, não só do próprio Pantanal,

⁹⁰ Cem por cento das pousadas selecionadas para análise foram construídas com recursos próprios.

como de outros produtos competitivos, como Foz do Iguaçu, Amazonas, semelhantes, não iguais. Para trabalhar com o turismo, tem que ter paixão, porque você não tem muito retorno financeiro. Quem vem de fora, vem cheio de ilusão: “Vou *montá* uma pousada pra ganhar dinheiro, não mexe com gado”. Tem que *investí* e quando a pessoa não quer *investí* a tendência é *acabá*.

Motivados pela repercussão do Pantanal nos veículos de comunicação, empreendedores do turismo brasileiros e estrangeiros vislumbraram o turismo contemplativo como uma fonte de investimento na região. A produção e exibição da novela Pantanal, em 1990, pela extinta Rede Manchete de Televisão, escrita por Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Jaime Monjardim, despontou como um dos principais elementos fomentadores de capital externo à época.

A narrativa foi reapresentada quatro vezes no Brasil e no exterior, de acordo com informações disponíveis no site: <http://www.redemanchete.net> e projetou o Pantanal no país e no mundo. Naquele período a “mídia espontânea” foi considerada uma das responsáveis pela construção de oitenta por cento das pousadas elencadas para análise.

O aumento da infraestrutura para atendimento ao turismo desencadeou novas frentes de trabalho para monitores ambientais, camareiras, cozinheiras, gerentes, atendentes, como afirma em entrevista E11-02/11:

Eu trabalhava um pouco com turismo. Logo em seguida, veio a novela Pantanal e eu fui chamado para ser guia da novela, pra ensiná vida e costume para os atores como vivê aqui dentro do Pantanal... eu levava e trazia comida, nas *folga* passeava com eles, mostrava as coisas. Fiquei quatro meses com essa turma, a novela repercutiu muito, aí veio muita gente pra cá. Teve uma agencia que me convidou para fazê o receptivo. Fiquei tão conhecido que era um grupo atrás do outro.

Passados mais de vinte anos da apresentação da novela, o público e os interesses dos turistas são outros. As campanhas publicitárias, mesmo com uma roupagem mais moderna, não atingem tantos clientes quanto a mídia promovida por uma telenovela.

Segundo informações extraoficiais, nos últimos cinco anos, pelo menos quinze pousadas encerraram suas atividades no Pantanal. Os casos de insucesso podem estar relacionados com as transformações de áreas tipicamente pecuárias em atrativos turísticos, com empresários e equipes inexperientes em relação às

particularidades do Pantanal. O investidor E02-02/11, ao afirmar ter adquirido um pousada no Pantanal apenas para o filho administrar, mostra inabilidade comercial:

Comprei por causa dele (aponta para o filho), eu fui lá *dá* um passeio, não conhecia muito aquela região. Tenho um parente que tem uma fazenda próxima e gostei demais da região. Eu conhecia como turista, eu e meu irmão fomos várias vezes lá, ia pescar, mas não tinha noção do que era.

Na tentativa de impulsionar o turismo na região, o Governo do Estado, por intermédio da Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul, divulga o “produto” Pantanal em feiras nacionais e internacionais, onde participam empresários e promotores do turismo. Ademais, recebe investimentos por intermédio de programas do Governo Federal, como o “Programa Nacional de Regionalização do Turismo”. Apesar de ser um importante veículo de divulgação do Pantanal, as feiras abrangem um público muito específico, os agentes de viagem, os quais divulgam o produto, sobretudo, entre seus clientes.

Uma parcela de potenciais clientes, brasileiros e estrangeiros, buscam os roteiros turísticos via *internet*. Nesse sentido, as redes sociais destacam-se como um excelente meio de promoção do turismo, especialmente, entre o público jovem. A Figura 5.8 divulga o estado de Mato Grosso do Sul via rede social *Instagram*⁹¹.

⁹¹ *Instagram* é uma rede social de fotos. Trata-se de um aplicativo gratuito que pode ser baixado no celular e é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos. Há ainda a possibilidade de postar essas imagens em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. No *Instagram*, os usuários podem curtir e comentar nas suas fotos e há ainda o uso de *hashtags* para que seja possível encontrar imagens relacionadas a um mesmo tema. Disponível em <http://www.canalatech.com.br/>

Figura 5.8: “MS quer você” - campanha de divulgação do turismo no estado de Mato Grosso do Sul em rede social *Instagram* (2013).



Fonte: www.facebook.com/msquervo

Assim, entre contradições econômicas, campanhas publicitárias, incentivos e investimentos públicos e privados, a produção turística em ambiente natural pantaneiro caminha oscilando, conforme a economia mundial.

5.3 O momento atual: está na moda ser pantaneiro?

O ser humano é capaz de se adaptar física e socialmente às diferentes situações de vida; normalmente, o momento histórico e econômico, sob a égide do modo de produção, define os rumos da humanidade.

Desde a década de 1970 as gentes pantaneiras estão em processo de transformação nos diversos segmentos de vida, discutidos ao longo da tese, dentre eles, a chegada de novos e diferentes sujeitos ao Pantanal. Nesse período, a projeção no mundo globalizado, sobretudo por intermédio do turismo, incitou vários indivíduos (trabalhadores do turismo e da pecuária modernizada) a se consolidar e construir uma relação de pertencimento com o território pantaneiro, adotando hábitos e costumes locais. As palavras do empresário do turismo E01-12/10 referenciam a transformação da esposa em pantaneira: “Passei muita informação do Pantanal pra minha mulher, ela era urbana e agora é pantaneira”.

Ao analisar essas mudanças, algumas inquietudes afloraram: Está na moda ser pantaneiro? Quem quer ser pantaneiro? A quem interessa ser pantaneiro? O sul-mato-grossense se sente pantaneiro?

A “pantanabilidade⁹²”, produzida para constituição e consolidação do sentimento de pertença ao território pantaneiro, se apoia em Raffestin (1993) ao afirmar:

(...) a territorialidade adquire um valor bem particular (...). Quer se tratem de relações existenciais ou produtivas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também (RAFFESTIN, 1993, p. 158/159).

No Pantanal, as construções identitárias estão relacionadas às novas formas de produção; pode-se citar, como exemplo, a informação recebida pessoalmente de um motorista indígena: “Meu nome é Guató⁹³, mas eu não sou índio, sou daqui, sou pantaneiro mesmo”. Nesse caso, observa-se um conflito e

⁹² Pantanabilidade: “dade” é um sufixo nominativo com sentido de qualidade (CUNHA, 2010, p. 198). Na tese a palavra “pantanabilidade” se refere à qualidade de ser pantaneiro, no estilo, nos costumes, nos hábitos, no comportamento e na cultura.

⁹³ Guató: grupo indígena sul-americano do Alto Paraguai. Viviam praticamente em toda a região sudoeste do Estado de Mato Grosso, no Estado de Mato Grosso do Sul e na Bolívia. Tornaram-se respeitados pelo manejo certeiro do arco. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guato>

uma redundância em relação à identidade do índio, como se no modelo econômico atual ser pantaneiro garantisse-lhe mais *status*, pois, ao mesmo tempo em que ele nega a origem guató, os indígenas fizeram parte da construção do território pantaneiro ao longo do tempo. Logo, trata-se de uma adaptação pessoal ao novo modelo de economia. Segundo Santos (1994), o mercado tem o poder de controlar e modificar coisas e pessoas:

Quando se fala em Mundo, está se falando, sobretudo, em Mercado que hoje, ao contrário de ontem, atravessa tudo, inclusive a consciência das pessoas. Mercado das coisas, inclusive da natureza; mercado das ideias, inclusive a ciência e a informação; mercado político (SANTOS, 1994, p.18).

A funcionalidade e as dimensões simbólicas e afetivas no território para atender a uma demanda mundial podem incorrer na falta de autenticidade, conforme informação do entrevistado E52-07/13: “Tive que *virá* pantaneiro para *sobrevivê* aqui” (grifo desta autora). Para Haesbaert (2009): “A dominação tende a originar territórios puramente utilitários e funcionais, sem que um verdadeiro sentido socialmente compartilhado e/ou uma relação de identidade com o espaço possa ter lugar” (HAESBAERT, 2009, p. 121).

Os turistas costumam identificar uma região visitada, relacionando os habitantes locais aos atrativos turísticos; indiferentes à opinião dos autóctones, eles invadem a privacidade e desrespeitam a intimidade pessoal - prerrogativa natural do ser humano.

Dessa forma, a genuinidade das ações da localidade pode ser comprometida a partir da resistência por parte dos trabalhadores, em adaptar-se ao turismo. As palavras do peão E45-05/13 manifestam a insatisfação com o assédio das turistas:

Um dia as *gringa*⁹⁴ me viram chegando com a boiada e ficaram *enlouquecida*, gritando muito e querendo *encostá* em mim. Tiraram fotografia e filmaram. Eu fiquei com vergonha porque eu *tava* suado e sujo do trabalho e não queria *tirá* foto daquele jeito.

⁹⁴ Gringa: denominação usada no Pantanal em referência às turistas estrangeiras.

No modo de produção capitalista, o acúmulo de capital é central, domina as decisões econômicas; para tanto, as empresas buscam constantemente aumentar a carteira de clientes. O Pantanal acompanha essa tendência mundial, inovando e ampliando as ofertas turísticas.

A localização do Pantanal no Estado de Mato Grosso do Sul funciona como um facilitador para a prática turística dos sul-mato-grossenses, porém as opções para as viagens de turismo, dentre os entrevistados, são para outros destinos, preferencialmente o litoral, de acordo com os trechos de relatos dos entrevistados:

Eu nunca fui pro Pantanal. Pra quem nasceu aqui não tem muita graça ir pra lá, eu prefiro ir pra praia. Pantanal pra gente é até um pouco banalizado. (E55-08/13).

Vivo aqui, mas só fui ao Pantanal uma vez, na terceira série, com uma excursão da escola, mas já faz uns quinze anos. (...) Hoje em dia o pessoal de fora não faz muita relação da gente com o Pantanal, só quem gosta de *pescá* que pergunta do Pantanal (E56-08/13).

Eu não gosto de ir porque tem mosquito. (...) Meu pai já foi com a turma da empresa, vem gente de São Paulo, Argentina. Acho que seria legal ir pra essas pousadas, mas nunca vi ninguém da nossa idade que vai pra lá só pra passear, uns meninos vão *pescá*. (E54-08/13).

Verifica-se um conflito entre as afirmativas acima e a frase do agente de turismo E50-07/13 “Os jovens têm orgulho de falar que tem o Pantanal”. Em contraponto, a pesquisadora Catonio (2002) reafirma a importância do Pantanal na “formação cultural da região” e promoção do Estado; contudo, não assegura o acesso, como fator relevante economicamente, da população sul-mato-grossense ao Pantanal:

O Pantanal, considerado como fator relevante na **formação cultural da região**, tornou-se uma constante na informação cotidiana incrustada nos jornais diários que circulam no Estado. O interesse geral despertado favorece à compreensão dos fenômenos socioeconômicos que surgiram com a própria venda da imagem pantaneira, no Brasil e no mundo. (...) Eis porque a grande divulgação noticiosa do Pantanal tornou-se crucial também para a própria **promoção do Estado de Mato Grosso do Sul nos cenários nacional e mundial**. A veiculação de informações despertou a curiosidade e serviu como pano de fundo para despertar a consciência cívica dos seus habitantes, (CATONIO, 2002, p.71, grifos desta autora).

Nesse sentido, urge repensar uma estratégia de *marketing* junto ao público interno como potenciais clientes, com ações compartilhadas entre Governo e empresários.

O agente de viagem E50-07/13 considera bom o modelo de *marketing* produzido por empresários e pelo Governo do Estado da Bahia: “Um bom exemplo é como a Bahia fez, divulga para o público baiano diretamente em *out door*, *busdoor*, televisão, jornal, comércio e até escola”.

Como se pode depreender essa categoria de gente pantaneira está atenta ao andamento do *trade* turístico, confirmando uma vez mais que a dinâmica no Pantanal circulava em sentido à pecuária e passou a fazê-la em torno da pecuária e do turismo, isso ressignificou o arranjo do território por intervenção do turismo, com conceitos sociais e econômicos diferentes, nos quais as gentes pantaneiras constroem uma nova mercadoria - o produto Pantanal - e se edificam como mercadoria, ao fazer sua performance, ao falar outras línguas ou transformando-se em “pantaneiras ou pantaneiros”, nas especificidades da tese, para atender ao mercado global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Certeza não terás, mas esperança
(que substitui, em qualquer caso
tudo). Uma espera-esperança de
horas e horas.*
ANDRADE, C. D.

A Geografia como reveladora do movimento da sociedade está se transformando no Pantanal para atender a ordem mundial, alicerçada na economia, na sociedade e na cultura. As mudanças inseriram outros elementos ao cotidiano pantaneiro, alteraram os construídos desde a chegada do não-índio⁹⁵ e promoveram um processo de ressignificação espacial.

O domínio da racionalidade econômica na produção do Pantanal abriu diferentes atividades econômicas e frentes de trabalho, as quais utilizam os recursos presentes no território pantaneiro para a produção de mercadorias valorizadas no mundo moderno. Essa dinâmica, ditada mundialmente, fomentou a criação de novas práticas sociais.

⁹⁵ Não-índio: Denominação referente aos portugueses, espanhóis, paraguaios, bolivianos e paulistas que participaram da colonização do Pantanal.

Em relação ao trabalho⁹⁶ da população, até meados do século passado, era quase exclusivamente voltado à lida com o gado, com vínculos sociais e profissionais engendradas na família. Sinteticamente, no espaço rural o homem trabalhava na lida do gado, a mulher no suporte doméstico e os filhos ajudavam aos pais, em um contexto de poucas relações exteriores.

Gradativamente, as pessoas foram incorporadas ao atual ordenamento profissional. A experiência das gentes pantaneiras na rotina do Pantanal, as credenciou como potenciais profissionais do turismo, desde que treinados para o exercício da nova profissão.

As transformações no cotidiano da população não ficaram restritas aos vínculos profissionais. A chegada de turistas, de empresários e profissionais do turismo e da pecuária modernizada, introduziu outros elementos à cultura local.

A implementação do turismo e a modernização da pecuária alterou o os viveres e os fazeres no Pantanal. Seus habitantes caracterizados por hábitos simples e de pouco contato com o “mundo externo”, começaram a conviver com pessoas de profissões, nacionalidades, culturas, línguas e objetivos completamente distintos.

As gentes do Pantanal, identificadas no primeiro capítulo na tese como os proprietários de terras, trabalhadores da pecuária, empresários do turismo e trabalhadores do turismo, imprimem em seus fazeres, outros modelos econômicos e sociais no reordenamento territorial, e, se reconstroem para manterem-se no mercado global. O trabalho individual assume um papel relevante no grupo e garante manutenção da vida, da atividade turística e pecuária, tornando-se impossível a concepção de uma fazenda ou pousada sem o trabalho e a experiência da comunidade pantaneira.

A inserção da atividade turística como uma nova modalidade econômica no Pantanal, nas últimas décadas do século passado, engendrou nos

⁹⁶ O trabalho da população pantaneira em referência é posterior à ocupação do Pantanal pelas sociedades indígenas.

residentes compreensões da natureza diferenciadas das construídas historicamente no processo de apropriação social da natureza, conforme discutido no segundo capítulo.

Os diferentes grupos sociais ao adentrarem a região introduzem novos elementos à cultura pantaneira, os quais, aliados à urbanização no campo, à espetacularização da natureza, ao retorno dos jovens ao Pantanal, a ciência e a tecnologia, originam novas relações entre os indivíduos pantaneiros e a natureza, para assim referendar, integralmente, a participação no ciclo produtivo.

A moderna apropriação da natureza se sustenta na mercantilização ambiental, em oposição aos olhares de quarenta ou cinquenta anos atrás.

Em um processo contínuo padrões e empregados aderem às novas estruturas, as complementações técnicas e as inovações tecnológicas (pontes, estradas, energia elétrica, pousadas, pesqueiros, rede mundial de computadores, antenas parabólicas, celulares, entre outras) para atender ao turismo e a pecuária modernizada.

O tamanho médio das áreas das propriedades rurais está sofrendo gradativa redução, intensificando o movimento de reestruturação fundiária. A reestruturação das propriedades no Pantanal⁹⁷ e a expansão comercial da carne bovina no país levaram os pecuaristas a agregarem novas técnicas para manterem-se competitivos comercialmente.

A melhoria dos meios de transporte e de comunicação conectou a comunidade pantaneira com o mundo, facilitou a entrada de turistas e “não-turistas” e de outras culturas no Pantanal, ampliando o intercambio cultural e as relações sociais, até então engendradas na família.

A globalização enquanto um movimento ágil e ininterrupto demanda avanços tecnológicos, sobretudo de comunicação no desenvolvimento de qualquer atividade econômica. O Pantanal acompanha esse ritmo, tanto que as

⁹⁷ No final do século passado as áreas das fazendas do Pantanal foram reduzidas, isso interferiu na perda de produção em grande escala.

técnicas de manejo utilizadas no trato com o rebanho bovino, no final do século passado atualmente não correspondem às exigências universais por produtos de qualidade, competitivos e dentro dos padrões de sustentabilidade.

O acesso à informação é condição básica, dentro da dinâmica mundial, para a permanência dos produtos pantaneiros no mercado, garantindo emprego e renda para essa população.

A modernidade tecnológica invadiu as terras pantaneiras, contudo deixou um vácuo a ser preenchido pelo desenvolvimento. Os conflitos aparecem quando as pessoas percebem que ter acesso à televisão, ao celular ou ao computador, não lhes garante qualidade de vida, conquistada por intermédio de melhorias salariais. O aumento dos recursos financeiros possibilitará o estabelecimento de outras metas, como alimentação, saúde, educação, infraestrutura, ou seja, desenvolver-se.

Um fator muito importante na construção da tese foi o resgate histórico da constituição da sociedade pantaneira ao longo do tempo, trabalhado no capítulo quatro. As memórias dos entrevistados mapearam as transformações espaciais ao recordar fatos sociais, culturais, econômicos e naturais de décadas passadas e relacioná-los com o presente, oferecendo subsídios para compreender os elos de pertença travados com o lugar.

As novas modalidades econômicas, especialmente o turismo, se sustentam pela exposição do Pantanal em níveis mundiais. As campanhas publicitárias, patrocinadas pelos empresários investem na imagem do lugar, para atrair o maior número de clientes e assim manter-se no interior da sociedade capitalista.

O ideal imaginário pantaneiro projetado para e pelos turistas não corresponde, exatamente, à realidade encontrada nos roteiros turísticos locais, conforme debatido no quinto capítulo. Ao promover as pousadas, os *websites* apresentarem imagens, preparadas artificialmente, para transmitir a ideia do paraíso em contraponto à hostilidade, por exemplo, dos insetos. “Aqui neste lugar, mosquito derruba gente da rede”, garante o poeta Manoel de Barros.

A mercantilização do viver pantaneiro é uma das fontes de riqueza para os empresários e de renda para parcelas de trabalhadores e trabalhadoras, que vislumbraram na atividade turística uma, ou a única opção e de emprego. Para se consolidar como profissionais do turismo as gentes pantaneiras montam suas performances, contanto causos, comunicando-se em outras línguas ou imitando animais porque “está na moda ser pantaneiro”.

Concomitantemente à necessidade de “comercialização” da natureza, há uma preocupação dos sujeitos locais, com a conservação ambiental, objeto de geração de emprego e renda, é uma espécie de proteção comercial.

Em meio às transformações mundiais, a atividade turística desponta como uma possibilidade para expansão da capacidade produtiva. Assim, o turismo é um dos responsáveis pelas alterações na economia e no cotidiano local.

As gentes pantaneiras estão reconstruindo sua história em um movimento cíclico e dialético para se moldarem à ordem econômica e social vigente, sob pena de ficarem à parte dos atuais rumos da economia pantaneira.

Porém, a sobrevivência dos cidadãos pantaneiros e do Pantanal depende da pecuária, o turismo é um complemento, um dos elementos engendradores das mudanças.

A compreensão do processo de transformação da Geografia do Pantanal e as novas relações das gentes pantaneiras com a natureza, a partir das mudanças na forma e na função das propriedades rurais pantaneiras, considerando os aspectos socioambientais - visíveis e invisíveis - na produção do espaço pantaneiro, proposta como objetivo da tese revelou o oculto e o invisível na interdependência entre pessoas, produtos pantaneiros, ambiente e o mundo. Na dinâmica local, mudam-se os arranjos produtivos, as formas, as funções, as relações sócio espaciais e com a natureza, e a “Geografia do Pantanal” se ressignifica.

Os últimos escritos da tese coincidem com o início da piracema na região do Pantanal, quando as chuvas se aproximam para renovar a vida dos

animais, das plantas e das gentes pantaneiras, em um lugar sem fronteiras, sem limites, onde tudo é igual e diferente todos os anos, onde o tempo é lento e rápido conforme o adentrar das águas. O Pantanal em sua plenitude é complexo e é simples, simples assim... tudo igual e tudo diferente todos os anos, como os ciclos de cheia e vazante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa: um ensaio inédito de Perseu Abramo*. São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ABREU, U.G.P; MCMANUS, C; SANTOS, S.A. *Cattle ranching, conservation and transhumance in the Brazilian Pantanal. Pastoralism - Research, Policy and Practice*. v.1, p. 99-114, 2010.

AB'SABER, A. N. *O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios e redutos*. In: Revista Brasileira de Geografia. IBGE, Número Especial, Ano 50, T. 2. Rio de Janeiro, 1988, p. 9-57.

AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA. Disponível em: <http://www.ancine.gov.br/>

AGÊNCIA ESTADUAL DE GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS. Disponível em: <http://www.agesul.gov.br>

ALBINO, C. *Desenvolvimento local: aproximações e conceitos*. In: ESDIME C. R. L. *Desenvolver desenvolvendo: práticas e pistas para o desenvolvimento local no Alentejo*. Messejana: 1997.

ALMEIDA, M. G. DE.; VARGAS, M. A. M.; MENDES, G, F. *Territórios paisagens e representações: um diálogo em construção*. Revista Mercator, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 23-354, mai./ago.2011.

ALMEIDA, M. G. *Fronteiras, territórios e territorialidades*. Revista da ANPEGE, ano 1, n. 1, Curitiba-PR, 2003.

ALMEIRA, W. B. A. [et al.]. *Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

ALTVATER, E. *O preço da riqueza: pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial*. Trad. Wolfgang L. Maar. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

AMBIENTE BRASIL. Disponível em: <http://ambientes.ambientebrasil.com.br>

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1995,

APPADURAI, A. *Disjuncture and difference in the global cultural economy*. In: BEYNON, J. & DUNKELEY, D. (EDS). *Globalization: the reader*. London: The Athlone Press, 2000.

ARAÚJO, A. P. C. *Do espaço vivido ao sonho construído: identidade territorial e turismo na estrada parque Pantanal (MS)*. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas-MS, nº 9, Ano 6, Maio 2009.

_____. *Pantanal um espaço em transformação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências, 2006 (Tese de doutorado).

ARAÚJO, A. P. C. & BICALHO, A. M. S. M. *O rural em movimento: a pecuária nas transformações espaciais do Pantanal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

ARAÚJO, R. M. P. *Estrada parque Pantanal: uma ferramenta de conservação da biodiversidade pantaneira*. Dissertação de mestrado. Centro de Desenvolvimento

Sustentável – CDS, Universidade de Brasília – UNB, 2001.

ASSINE, M. L. *Pantanal Mato-grossense: uma paisagem de exceção*. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C.; BARTORELLI, A.; MANTESSO-NETO, V. CARNEIRO, C. D. R.; LISBOA, M. B. A. L. (eds.). *A Obra de Aziz Nacib Ab'Saber*. São Paulo: Beca-BALL edições, 2010, p. 464-489.

AZEVEDO, F. C. C. *Projeto Onça-Pantaneira*. Disponível em <http://www.procarnivoros.org.br>

BANDUCCI JR, Á. *A natureza do pantaneiro. Relações sociais e representação de mundo no "Pantanal da Nhecolândia"*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

_____. *Catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

BANDUCCI JR, Á.; MORETTI, E. C. *Qual paraíso?: turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal*. São Paulo: Chronos: Campo Grande: UFMS, 2001.

BARROS, A. L. *Gente pantaneira. Crônicas da sua História*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: Ed. Leya, 2010.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad., Pedrinho A. Guareschi. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Trad., Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERQUE, A. *Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem tempo e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 84-91.

BIGNAMI, R. *Comunicação como fator estratégico do produto turístico*. In: RUSCHAMNN, D. V. M. & SOLHA, K. T (orgs.). *Turismo: uma visão empresarial*. Barueri: Manole, 2004.

BONNEMAISON, J. *Viagem em torno do território*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século (3)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de Outubro de 1988*. Atualizada com as emendas Constitucionais Promulgadas. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Decreto-Lei N° 221, de 28 de Fevereiro de 1967. *Dispõe sobre a Proteção e Estímulos à Pesca (Código de Pesca)*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL. Decreto-Lei Nº 236, de 28 de Fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei Federal Nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. *Institui o Código Nacional de Telecomunicações*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL, Decreto-Lei N.º 5.452, de 1º de Maio de 1943. *Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL, Lei Complementar Nº11, de 25 de Maio de 1971. *Institui o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL, Lei Federal Nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. *Institui o Código Nacional de Telecomunicações*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL, Lei Nº 5.889, de 8 de Junho de 1973. *Estatui Normas Reguladoras do Trabalho Rural*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL, Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

BRASIL, Lei Nº 4.214, de 2 de Março de 1963. *Cria o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL)*. Disponível em: <http://www.mpas.gov.br/>

BRUM, E. ; ZARDO, I. *Tocando Boiada*. In: Revista Contexto. N. 1. Campo Grande/MS: UNIDERP, janeiro-Junho/2004.

CAGLES CARTOONS. Disponível em: <http://www.caglescarts.com/>

CALLAI, H. C. *Estudar o lugar para compreender o mundo*. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CANALTECH. Disponível em <http://www.canaltech.com.br/>

CANCIO, M. *Telejornalismo Descoberto - a origem da notícia no jornalismo televisivo regional*. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

_____. *Televisão fronteiriça: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2011.

CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana R. Lessa e Heloisa P. Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANDIDO, A. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação os seus meios de vida*. 4. ed., São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CAPPARELLI, S. & LIMA, V. A. *Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização*. São Paulo: Hacker, 2004.

CARDOSO, E.L. & CRISPIM, S. M. A. *Queimada: uma prática controlada no Pantanal*. Revista Eco 21, Ano XII, No 71, Outubro de 2002.

CARLOS, A. F. A. *A (re)produção do espaço urbano*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHAL, J. P. *Maurice Halbwachs e a questão da memória*. Revista Espaço Acadêmico. Nº 56. Janeiro/2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/>

CASADEI, E. B. *Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva*. Espaço Acadêmico. Nº 108. Maio/2010. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/>

CASTELS, M. *O nosso mundo, a nossa vida; paraísos comunais, identidade territoriais: comunidades locais*. In: CASTELS, M. *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 2003.

CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto II – domínios do homem*. 2. Ed. Trad., José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CATÔNIO, Ângela. *Nas trilhas do pantanal*. In: BRUM, E. & FRIAS, R. *A Mídia do Pantanal*. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2001.

CENSO AGROPECUÁRIO. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CIDADE, L. C. F. *Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos*. Revista Terra Livre, n. 17, p. 99-118, São Paulo: 2º semestre/2001..

CLAVAL, P. *A paisagem dos geógrafos*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p.13-74.

_____. *“A volta do cultural” na geografia*. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 1, número 01, 2002a.

_____. *Campo e perspectivas da geografia cultural*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século (3)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p.133-186.

_____. *De la terre aux hommes: lá géographie comme vision du monde*. Paris: Armand Colin, 2012.

_____. *O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 35-86.

_____. *Terra dos homens: a geografia*. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CORRÊA, R. L. *Territorialidade e corporação: um exemplo*. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. & SILVEIRA, M. L. (Org.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC-AMPUR, 1996. 3. ed. (p. 251-256).

COSGROVE, D. *Mundos de significados: geografia cultural e imaginação*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século (2)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.p. 33-60.

_____. *A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismos nas paisagens humanas*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem tempo e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 92-122.

CRUZ, R. C. A. DA. *Introdução à geografia do turismo*. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

_____. *Geografia do turismo: de lugares a pseudo lugares*. São Paulo: Roca, 2007.

CUNHA, A. G. DA. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DEBONA, D. L.; FONTELLA, O. M. *Telejornalismo global x regional*. In: VENEZA, M. R. (org.). *Sociedade, Mídia & Cultura*. Santa Maria: Capes, 1996.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html> 1/12/2003.

DICIONÁRIO AURÉLIO: Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/>

EMBRAPA PANTANAL. Disponível em: <http://www.embrapa.gov.br/>

ESSELIN, P. M. *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal Sul-mato-grossense (1830-1910)*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

REDE SOCIAL FACEBOOK. Disponível em <http://www.facebook.org>

FEDERAÇÃO DE LAÇO DE MATO GROSSO DO SUL. Disponível em <http://www.federacaodelaco.com.br/>

FRANK, A. G. *The development of underdevelopment*. In: ROBERTES T. J. & HITE, A. (eds.) *From modernization to globalization*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

FREIRE, I. M. *Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local*. Revista Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, Maio/Agos, 2006.

FRÉMONT, A. *A região, espaço vivido*. Trad. António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GARAGORRY, F. L.; ABREU, U.G.P; CHAIB FILHO, H.; BARIONI, G. *Concentração e Movimentação da Pecuária de Corte no Bioma Pantanal, de 1990 a 2006*. 5º Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal. Corumbá/MS, Novembro, 2010.

GASPAR, R. C. *As fronteiras do possível: trabalho, lazer e civilização*. São Paulo: Ed. Germinal, 2003.

GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. 2. ed., Oeiras/PT: Celta Editora, 1990.

_____. *As Consequências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. *As revoluções sociais do nosso tempo*. In: Para além da esquerda e da direita. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *Para uma terceira via: a renovação da social-democracia*. Trad. Saul Barata. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

GIRARD, P. & VARGAS, I. A. *Turismo, desenvolvimento e saberes no Pantanal: diálogos e parcerias possíveis*. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 18, p. 61-76, Editora: UFPR, 2008.

GODOY, P. R. T. de. *A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva lefebvriana*. Revista Geosp – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 23, p.125 – 132, 2008.

GOMES, P. C. da C. *Geografia e Modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HAESBAERT, R. *Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)*. In: ARAUJO, F.G.B. DE & HAESBAERT, R. (orgs.) *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007.

_____. *Territórios alternativos*. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

HAESBAERT, R. & LIMONAD, E. *O território em tempos de globalização*. Etc..., espaço, tempo e crítica – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas. Nº 2(4). Vol. 1, Agosto 2007.

HAESBAERT, R. & PORTO-GONÇALVES, C. W. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. Trad. Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

HENRIQUE, W. *O direito à natureza na cidade*. Salvador: EDUFBA, 2009.

HOLANDA, L. & HOLANDA, A. B. *A Produção de Artigos Científicos Brasileiros Sobre Memória e Esquecimento Sob a Ótica da Memória Coletiva e do Uso Social da Informação*. Conference on technology, culture and memory- CTCM. Strategies for preservation and information access. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br>

HOLZER, W. *A geografia fenomenológica de Eric Dardel*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 103-122.

HUNTINGTON, S. P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Trad. M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IANNI, O. *A ocidentalização do mundo*. In: *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

ILLICH, I. *Necessidades*. In: SACHS, W. (orgs.) *Dicionário do desenvolvimento – guia para conhecimento como poder*. Petrópolis: Vozes, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS RENOVÁVEIS. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA - IBOPE. Disponível em www.ibope.com.br

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Disponível em: <http://inpe.gov.br>

REDE SOCIAL INSTAGRAN. Disponível em <http://instagran.com>

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre, Atmed, 2002.

JAMBEIRO, O. *Regulando a TV: uma visão comparativa no Mercosul*. Salvador: EDUFBA, 2000.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

LATOURETTE, B. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

LEFEBVRE, H. *A reprodução das relações de produção*. Porto (Portugal): Publicações Escorpião – Cadernos O Homem e a Sociedade, 1973. p. 115.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, E. F. *Marchas na história: comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: Ed. UFMS, 2003.

_____. *Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais*. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 167-188, 2005.

LIMA, S. *Territoires, territorialité, territorialisation: et après?* Colloque interdisciplinaire et international. Grenoble, 2007.

LUCHIARI, M. T. D. P. *O lugar no mundo contemporâneo: turismo e organização em Ubatuba-SP*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1999. (Tese de doutorado).

_____. *A (re)significação da paisagem no período contemporâneo*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p.09-28.

MACEDO, H. A., SILVA, A., NEVES, S. M. A.S. & NEVES, R. J. *Avaliação das queimadas no Pantanal do Paraguai na região de Corumbá e Ladário, MS no período de maio de 2009*. In: Anais 2º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal, Corumbá, 7-11 Novembro 2009, Embrapa Informática Agropecuária/INPE, p.452-459.

MAMEDE, S.B. *Interpretando a natureza: subsídios para a educação ambiental*. Campo Grande. UNIDERP. 2002.

MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Vol I. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 4. ed. Portugal: Editorial Presença, 1980, v. I e II.

MAZZA, M. C. M.; MAZZA, C. A.; SERENO, J. R. B.; SANTOS, S. A. L. & MARIATE, A. S. *Conservation of pantaneiro cattle in Brazil. Historical origin*. Archivos de zootecnia, vol. 41, núm. 154 (extra), p. 443-453, 1992.

MÉO, G. DI. *De l'espace aux territires: éléments pour une archéologie des concepts fondamentaux de la géographie*. In: L'information géographique. Volume 62, Juillet, 1998.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <http://turismo.gov.br/>

MOREIRA, R. *Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica*. 1.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Sociedade e espaço geográfico no Brasil: constituição e problemas da relação*. São Paulo: Contexto, 2011.

MORETTI, E. *Algumas considerações sobre o conceito de desenvolvimento e de desenvolvimento sustentável*. 1999a. (Texto modificado da Dissertação de Mestrado "Problemática ambiental no urbano. Análise da ocupação do espaço e sua relação com a natureza no Pantanal"), Faculdade de Ciência e Tecnologia da UNESP, Presidente Prudente, 1996.

_____. *Atividade turística no Pantanal e as transformações no trabalho*. Revista de Geografia, Campo Grande: UFMS, ano V, n. 9, Janeiro-Junho de 1999.

_____. *Paraíso visível e real oculto*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.

_____. *Turismo, consumo e produção do espaço: o mundo do trabalho no período técnico científico informacional*. IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre, 2007.

MORETTI, E. C. & RODRIGUES, A. M. *Atividade turística e transformação territorial: discurso e ação do Estado no Pantanal-MS*. In: GERARDI, L. H. DE. O. & MENDES, A. M. (orgs.). *Teoria, técnica, espaços e atividades: temas de geografia contemporânea*. Rio Claro: UNESP, 2001. p. 269-281.

NOGUEIRA, A. X. *Pantanal, homem e cultura*. Campo Grande: Editora UFMS, 2002. 154p

OLIVEIRA, A. P. *Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2000.

OLIVEIRA NETO, A. F. de. *Nas ruas da cidade: um estudo geográfico sobre as ruas e as calçadas de Campo Grande, MS*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.

ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL PRÓ-CARNÍVOROS. Disponível em: <http://www.procarnivoros.org.br>

ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL PRO-MENINO. Disponível em <http://www.promenino.org.br>

PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas, SP: Alínea Editora, 2000.

PAIXÃO, R. O. *Turismo na fronteira: identidade e planejamento de uma região*. Campo Grande: UFMS. 2006.

PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. *Reflexões sobre um novo turismo: política ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

PAVÃO, R. *Memória e Aprendizagem*. Revista da Biologia. IB/USP. v. 1, 2008.

PELLEGRINI FILHO, A. *Ecologia, cultura e turismo*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

PLANO DE CONSERVAÇÃO DA BACIA DO ALTO PARAGUAI [PCBAP/Projeto Pantanal, Programa Nacional do Meio Ambiente]. Brasília: PNMA, 1997. 3 v. 7 t.

PILLONETTO, E. *Febre aftosa e relatos de Mato Grosso do Sul*. Monografia de Especialização *Lato Sensu* em Vigilância em Saúde e Defesa Sanitária Animal – UCDB. Campo Grande, 2008.

POPPER, K & CONDRY, J. *Televisão: um perigo para a democracia*. Lisboa: Gradiva, 1995.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha*. En publicacion: *Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado*. CACEÑA, A. E. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

_____. *De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana*. Revista GEOgrafia, Ano VIII, N. 16, P. 41-55, 2006.

_____. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 1990.

PREVIDÊNCIA SOCIAL. Disponível em <http://www.previdencia.gov.br>

PROENÇA, C. A. *Pantanal: gente, tradição e história*. 3. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 1997.

RAFFESTIN, C. *O que é território?* Série Temas. Geografia e Política v. 29. Trad. Maria Cecilia França. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Por uma geografia do poder*. Trad. Maria C. França. São Paulo: Ática, 1993.

REDE AGUAPÉ DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PANTANAL. Disponível em <http://www.redepantanal.org>

REDE MANCHETE DE TELEVISÃO. Disponível em <http://redemanchete.net/>

REDE SOCIAL SKYPE. Disponível em <http://www.skype.com>

RIBEIRO, M. A.; ARAÚJO, A. P. C.; VARGAS, I. A. *O trem na/da memória: patrimônio e turismo em Aquidauana*. In: MARTINS JR, C. & OLIVEIRA NETO, A. F. (orgs.). *Revelando Aquidauana*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

RIBEIRO, M. A. *Pantanal-MS: Turismo e pousadas*. In: PANOSSO NETTO, A. & MARQUES, H. R. *Reflexões em turismo - Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS/Rondonópolis-MT: UCDB/CESUR, 2004.

_____. *Turismo com estrangeiros: experiências de viagens*. In: BRUM, E; FRIAS, R. (orgs.). *A mídia do Pantanal*. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2001.

_____. *Os caminhos para o turismo sustentável na estrada-parque do Pantanal-MS*. Monografia de Especialização. UNIDERP: 2003.

ROBERTS, J. T.; HITE, A. *From modernization to globalization: perspectives on development and social change*. Edited by J. Timmons Roberts and Amy Hite. Blackwell Publishing, 1999.

ROCA, Z. & ROCA, M. N. O. Affirmation of territorial identity: a development policy issue. 2006. Disponível em www.elsevier.com

ROCA, Z. & OLIVEIRA, J. A. *A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento*. Comunicação: X Colóquio Ibérico de Geografia. Évora, Setembro 2005.

ROCA, Z.; CLAVAL, P.; AGNEW, John. *Landscapes, identities and development*. Edited by:. Ashgate. 2011. p.cm.

ROCA, Z.; LEITÃO, N. & OLIVEIRA, J. O. *Identity and developente: from topophilia to terraphilia*. 2009. Disponível em www.elsevier.com/locate/landusepol

RODRIGUES, A. B. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

RODRIGUES, A. M. *Manejo integrado, risco e vulnerabilidade social: evitar tragédias, corrigir problemas?* Mesa Redonda com o mesmo título – X EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina- USP/SP- 20/25 de Março de 2005.

_____. *Meio ambiente e desenvolvimento*. Curso de gestão urbana e de cidades. EG/FJP/WBI/LILP/ESAF/IPEA/CD ROOM. Belo horizonte – Brasil – 14 a 25 de Maio de 2001.

_____. *Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

RUSCHMANN, D. & SOLHA, K. T. *Turismo: Uma visão empresarial*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SACHS, I. *Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SAMPAIO, Iracema. *Cheiros e sabores de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande/MS: Editora SABER, 2001.

SANTOS, B. DE S. *A globalização e as ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2011.

_____. *Desigualdad, exclusión y globalización: hacia la construcción multicultural de la igualdad y la diferencia*. *Revsita de Interculturalidad*, n. 1, octubre 2004 - enero 2005. Universidad de Chile, Santiago, Chile.

_____. *Globalizations*. *Theory, Culture & Society*. Disponível em: <http://tcs.sagepub.com>.

_____. *Globalização hegemônica e contra-hegenônima*. In: SANTOS, B. DE S. (orgs.) *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrotamento, 2001.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, D. *A Reinvenção do espaço*. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo, Hucitec, 1988. 2. ed., 1991.

_____. *O retorno do território*. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo, Hucitec, 1994.

_____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico-informacional*. 5. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

_____. *Da totalidade ao lugar*. 1. ed., 1. reimpr., São Paulo: EDUSP, 2008b.

_____. *Espaço e método*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008c.

_____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Trad. Myrna T. Rego Viana. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008d.

_____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6.ed., 1. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2008e.

_____. *Natureza do espaço*. 4. ed. 5. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2009a.

_____. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. 2. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2009b.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003 e 2010.

SANTOS, J. V. T. DOS. *Colonos do vinho: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAUER, C. O. *Geografia cultural*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000. p. 99-110.

SAUER, C. O. *Desenvolvimentos recentes em geografia cultural*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século (1)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000. p. 15-98.

SKLAIR, L. *Social movements and global capitalism*. In: ROBERTES T. J. & HITE, A. (eds.) *From modernization to globalization*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

SEN, A. *O desenvolvimento como liberdade*. Trad. Rosa, J. C. Lisboa/PT, Gradiva, 2003.

SILVA, E. A.; ALMEIDA, R. A. (orgs.). *Território e territorialidades em Mato Grosso do Sul*. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SILVA, J.S.V.; ABDON, M. M. *Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões*. Pesquisa Agropecuária Brasileira, 33 (número especial). Out. 1998, p. 1703-1712.

SINDICATO RURAL DE CAMPO GRANDE. Disponível em: <http://www.srcg.com.br>

SMITH, Neil. *Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

SOCIALAMBIENTAL. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guato>

SOLHA, K. T. *O papel das publicações especializadas na divulgação da imagem turística*. In: RUSCHAMNN, D. V. M. & SOLHA, K. T (orgs.). *Turismo: uma visão empresarial*. Barueri: Manole, 2004.

SORIANO, A.J.S. *Estrada-parque: proposta para uma definição*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2006.

SOUZA, C. B. M. DE. *A bovinocultura de corte do estado de Mato Grosso do Sul: evolução e competitividade*. Dissertação de mestrado. Instituto de Economia da UNICAMP, 2010.

SOUZA, J. A. DE. *Alcoolismo-atualização*. In: Anais do seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às DST/AIDS entre os povos indígenas da macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Série Seminários e Congressos. N.º 4. Brasília, 2001.

SOUZA, M. A. *Governo urbano*. São Paulo, Nobel, 1988.

SOUZA, M. A.; SANTOS, M.; SCARLATO, F. C.; ARROYO, M. (orgs.). *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1994.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/>

VARGAS, I. A. *Porteiras assombradas do paraíso*. Campo Grande/MS. Ed. UFMS, 2010.

VARGAS, I. A & HEEMANN, A. *Sentir o “Paraíso” no Pantanal: reflexões sobre percepção e valoração ambientais*. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 07, p. 131-143, Editora: UFPR, 2003.

VECCHIA, M. J. S. G. *A importância do conceito de memória coletiva ou social na visão das ciências sociais*. Revista Távola Online, 2011. Disponível em: <http://nucleotavola.com.br/revista/>.

WALTERS, M. *Admiráveis mundos novos: teorias recentes*. In: Globalização. Oeiras: Celta, 1999.

WIDMER, G. M. & PIRES, M. J. *A convenção do patrimônio mundial, cultural e natural, como possível elemento indutor de atividade turística*. Revista Hospitalidade. Ano V, número 2 – Dezembro 2008.

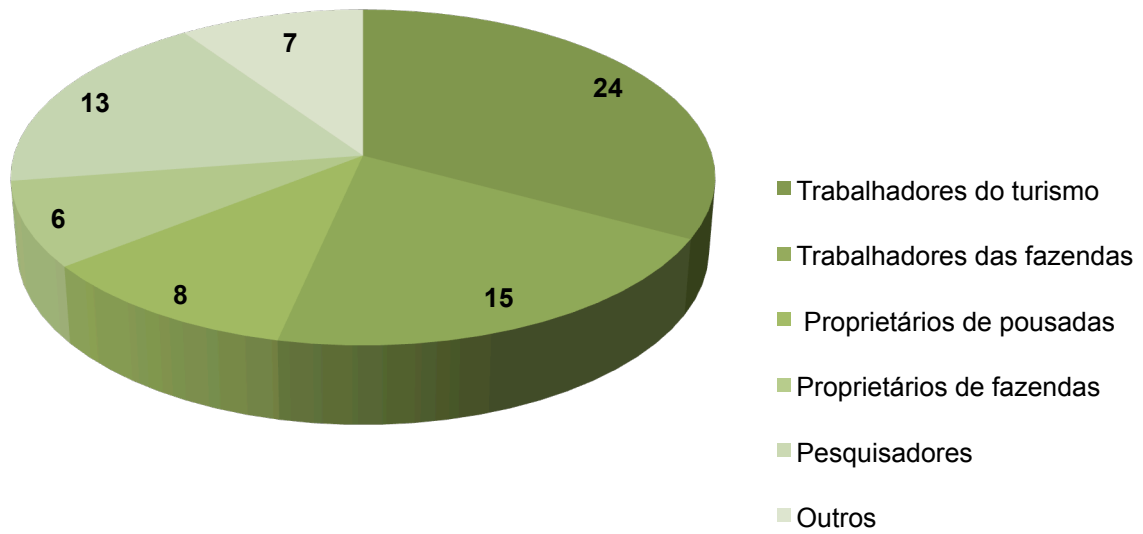
YADAV, J.P.; ARYA, V.; YADAV, S.; PANGHAL, M.; KUMAR, S.; DHANKHAR, S. *Cassia occidentalis L.: A review on its ethnobotany, phytochemical and pharmacological profile*. Fitoterapia ; V. 81, N. 4, 2010, p. 223–230.

YÁZIGI. E. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Saudades do futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo*. São Paulo: Plêiade, 2009.

ANEXOS

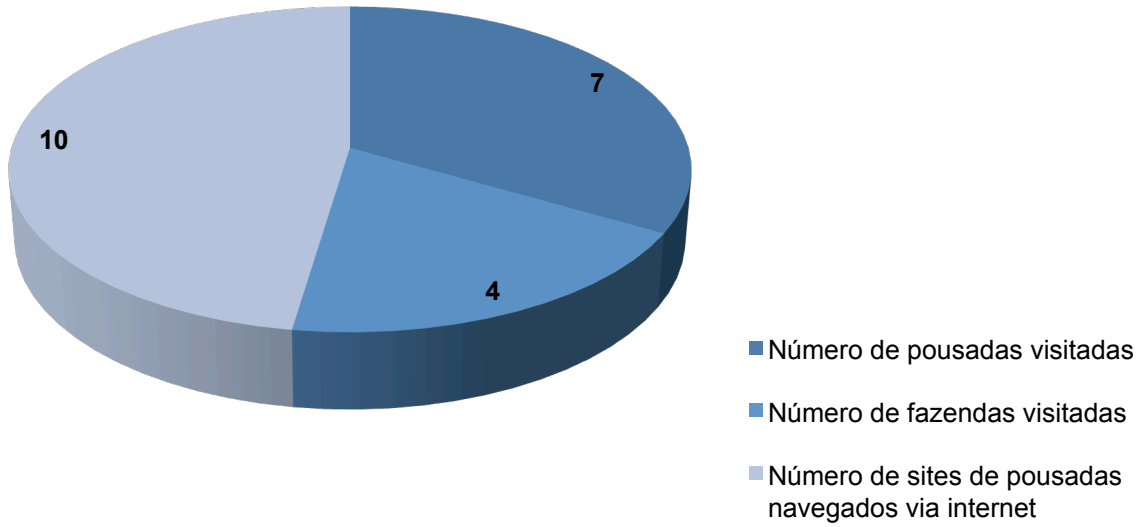
Número de entrevistas



98

⁹⁸ Locais de realização das entrevistas: Fazendas e pousadas que margeiam a Estrada-parque Pantanal nos Pantaneis do Abobral e do Aquiduaana.

Outras informações



1- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EMPREGADOS DO TURISMO

1. Local de trabalho:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil:
7. Número de filhos:
8. Local de residência dos filhos:
9. Escolaridade dos filhos:
10. Profissão:
11. Há quanto tempo vive no Pantanal?
12. Há quanto tempo trabalha no Pantanal?
13. Há quanto tempo trabalha com turismo no Pantanal?
14. Por que começou a trabalhar com turismo?
15. Qual atividade profissional exercia antes de trabalhar com o turismo?
16. Durante esse período precisou trabalhar na cidade e retornou?
17. Se sim, local de trabalho e atividade.
18. Prefere trabalhar com turismo ou outra atividade?
19. Se sim, qual e por que?
20. Outros membros da sua família trabalham ou trabalharam com o turismo?
21. Local de residência antes de morar no Pantanal?
22. Função que exerce na pousada?
23. Gosta de trabalhar nessa função?
24. Gostaria de trabalhar em outras funções na atividade turística?
25. Se pudesse escolher trabalharia com turismo ou prefere outras atividades na fazenda?
26. Fez algum treinamento ou curso na área do turismo?
27. Se sim, qual?
28. Fala outras línguas?
29. Se sim, quais?

30. Como é o pagamento do salário na pousada, semanal, quinzenal ou mensal?
31. Qual o valor da remuneração?
32. Possui registro em carteira?
33. Efetua o pagamento do INSS?
34. Recebe gratificação extra da pousada?
35. Se sim, qual o tipo?
36. Recebe gorjeta dos turistas?
37. Se sim, qual a média dos valores?
38. Em comparação com o emprego anterior, qual remunera melhor?
39. Como você administra seu salário?
40. Como é a organização do descanso semanal?
41. Quantas horas diárias de trabalho durante a alta temporada?
42. Quantas horas diárias de trabalho durante a baixa temporada?
43. Normalmente, qual o período anual das férias?
44. A pousada oferece moradia?
45. Qual o valor descontado do salário para a moradia?
46. A pousada oferece refeição?
47. Qual o valor descontado do salário para a refeição?
48. Como é feito o transporte do funcionário que optar por passar o período de descanso semanal ou mensal na cidade?
49. A pousa oferece o transporte ou algum tipo de auxílio para isso?
50. Quais são os pontos positivos do trabalho com o turismo?
51. Quais são os pontos negativos do trabalho com o turismo?
52. Como foi a adaptação ao turismo como profissão?
53. Sente-se satisfação no trabalho com o turismo?
54. Já trabalhou em outras pousadas no Pantanal?
55. Já trabalhou exercendo outra função na atividade de turismo?
56. Dê sua opinião sobre o turismo no Pantanal?
57. Dê sua opinião sobre o trabalho com o turismo no Pantanal?
58. Seus colegas compactuam da mesma opinião?

59. Como é a relação com os patrões?
60. Como é a relação com os colegas de trabalho?
61. Como é a relação com o turista?
62. Eles conversam muito com você?
63. Se sim, algum assunto específico ou mais comum?
64. Qual a curiosidade dos turistas?
65. O que lhe agrada na relação com os turistas?
66. O que não lhe agrada na relação como o turista?
67. Por que você acha que os turistas visitam o Pantanal?
68. Se você fosse fazer turismo, qual lugar gostaria de conhecer?
69. Quais lugares você conhece além do Pantanal?
70. Foi a passeio ou a trabalho?
71. Como foi o início do trabalho com turismo?
72. Por que a decisão de trabalhar com turismo?
73. Como é lazer na fazenda?
74. Quais as mudanças mais representativas na vida sua pessoal desde o início do trabalho com a atividade turística? (alimentação, renda, vestimenta, relacionamento, etc).
75. Relate o início do trabalho com o turismo, as dificuldades, as alegrias, os apoios de patrões e colegas, a superação.
76. O que é natureza?
77. O que é ambiente?
78. Como é o seu relacionamento com a natureza?
79. Quais as pretensões para o futuro?

2- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM GERENTES DAS POUSADAS PANTANEIRAS

1. Local de trabalho:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil:
7. Número de filhos:
8. Local de residência dos filhos:
9. Escolaridade dos filhos:
10. Profissão:
11. Há quanto tempo vive no Pantanal?
12. Há quanto tempo trabalha no Pantanal?
13. Há quanto tempo trabalha com turismo no Pantanal?
14. Por que começou a trabalhar com turismo?
15. Qual atividade profissional exercia antes de trabalhar com o turismo?
16. Durante esse período precisou trabalhar na cidade e retornou?
17. Se sim, local de trabalho e atividade.
18. Prefere trabalhar com turismo ou outra atividade?
19. Se sim, qual e por que?
20. Outros membros da sua família trabalham ou trabalharam com o turismo?
21. Local de residência antes de morar no Pantanal?
22. Função que exerce na pousada?
23. Gosta de trabalhar nessa função?
24. Gostaria de trabalhar em outras funções na atividade turística?
25. Se pudesse escolher trabalharia com turismo ou prefere outras atividades profissionais?
26. Fez algum treinamento ou curso na área do turismo?
27. Se sim, qual?
28. Fala outras línguas?

29. Se sim, quais?
30. Como é o pagamento do salário na pousada, semanal, quinzenal ou mensal?
31. Qual o valor da remuneração?
32. Possui registro em carteira?
33. Efetua o pagamento do INSS?
34. Recebe gratificação extra da pousada?
35. Se sim, qual o tipo?
36. Recebe gorjeta dos turistas?
37. Se sim, qual a média dos valores?
38. Em comparação com o emprego anterior, qual remunera melhor?
39. Como você administra seu salário?
40. Como é a organização do descanso semanal?
41. Quantas horas diárias de trabalho durante a alta temporada?
42. Quantas horas diárias de trabalho durante a baixa temporada?
43. Normalmente, qual o período anual das férias?
44. A pousada oferece moradia?
45. Qual o valor descontado do salário para a moradia?
46. A pousada oferece refeição?
47. Qual o valor descontado do salário para a refeição?
48. Como é feito o transporte do funcionário que optar por passar o período de descanso semanal ou mensal na cidade?
49. A pousa oferece o transporte ou algum tipo de auxílio para isso?
50. Quais são os pontos positivos do trabalho com o turismo?
51. Quais são os pontos negativos do trabalho com o turismo?
52. Como foi a adaptação ao turismo como profissão?
53. Sente-se satisfação no trabalho com o turismo?
54. Já trabalhou em outras pousadas no Pantanal?
55. Já trabalhou exercendo outra função na atividade de turismo?
56. Dê sua opinião sobre o turismo no Pantanal?
57. Dê sua opinião sobre o trabalho com o turismo no Pantanal?

58. Seus colegas compactuam da mesma opinião?
59. Como é a relação com os patrões?
60. Como é a relação com os funcionários da pousada?
61. Como é a relação com o turista?
62. Eles conversam muito com você?
63. Se sim, algum assunto específico ou mais comum?
64. Qual a curiosidade dos turistas?
65. O que lhe agrada na relação com os turistas?
66. O que não lhe agrada na relação como o turista?
67. Por que você acha que os turistas visitam o Pantanal?
68. Se você fosse fazer turismo, qual lugar gostaria de conhecer?
69. Quais lugares você conhece além do Pantanal?
70. Foi a passeio ou a trabalho?
71. Como foi o início do trabalho com turismo?
72. Por que a decisão de trabalhar com turismo?
73. Como é lazer para os empregados da pousada?
74. Quais as mudanças mais representativas na vida sua pessoal desde o início do trabalho com a atividade turística? (alimentação, renda, vestimenta, relacionamento, etc).
75. Relate o início do trabalho com o turismo, as dificuldades, as alegrias, os apoios de patrões e colegas, a superação.
76. Quais as pretensões para o futuro?
77. O que é natureza?
78. O que é ambiente?
79. Como é o seu relacionamento com a natureza?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS:

80. Os patrões moram na pousada?
81. Em caso negativo, eles mantêm uma agenda periódica de visitas à pousada?
82. Como é a relação entre os funcionários?

83. Há quanto tempo a pousada está em atividade?
84. Qual o número de funcionários?
85. Como é a distribuição e qual o número de funcionários por atividade?
- a) monitores ambientais:
 - b) cozinheiras:
 - c) arrumadeiras:
 - d) serviços gerais:
 - e) motoristas:
86. Qual de número de funcionários permanentes?
87. Qual de número de funcionários temporários?
88. Qual o grau de dificuldade para conseguir mão de obra para a pousada?
89. Qual o origem dos seus funcionários?
90. A pousada exige algum tipo de qualificação profissional específica da área de turismo na contratação dos trabalhadores?
91. Onde os funcionários da pousada são qualificados/treinados?
92. Os funcionários são exclusivos da pousada?
93. Tem muita rotatividade de funcionários?
94. Como é o relacionamento entre os trabalhadores da fazenda, no exercício da atividade pecuária, e os trabalhadores da pousada?
95. Qual o número de funcionários que dividem o trabalho entre a fazenda e a pousada?
96. A pousadas permanece em atividade o ano todo ou em períodos de alta temporada?
97. Qual o período de alta temporada na pousada?
98. Qual a média mensal de turistas?
99. Quais atividades turísticas podem ser praticadas na pousada?
100. Quais as expectativas da pousada?
101. Tem planos de expansão?
102. Como é o abastecimento de alimento da pousada?
103. Qual o destino do lixo?
104. Como é o relacionamento entre os funcionários?

105. Tem muita rotatividade de funcionários?

106. Quais as dificuldades de gerenciamento em uma pousada no Pantanal?

107. Quais as atividades econômicas exercidas na fazenda onde a pousada está instalada?

3- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS DAS POUSADAS PANTANEIRAS

1. Local de trabalho:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil:
7. Número de filhos:
8. Local de residência dos filhos:
9. Escolaridade dos filhos:
10. Profissão:
11. Há quanto tempo trabalha com turismo no Pantanal?
12. Por que começou a trabalhar com turismo?
13. Outros membros da sua família trabalham ou trabalharam com o turismo?
14. Local de residência antes de morar no Pantanal?
15. Se pudesse escolher trabalharia com turismo ou prefere outras atividades profissionais?
16. Fez algum treinamento ou curso na área do turismo?
17. Se sim, qual?
18. Fala outras línguas?
19. Se sim, quais?
20. Como é feito o transporte para a cidade?
21. Quais são os pontos positivos do trabalho com o turismo?
22. Quais são os pontos negativos do trabalho com o turismo?
23. Como foi a adaptação ao turismo como profissão?
24. Sente-se satisfação no trabalho com o turismo?
25. Dê sua opinião sobre o turismo no Pantanal?
26. Dê sua opinião sobre o trabalho com o turismo no Pantanal?
27. Seus colegas compactuam da mesma opinião?
28. Como é a relação com os funcionários da pousada?

29. Como é a relação com o turista?
30. Eles conversam muito com você?
31. Se sim, algum assunto específico ou mais comum?
32. Qual a curiosidade dos turistas?
33. O que lhe agrada na relação com os turistas?
34. O que não lhe agrada na relação como o turista?
35. Por que você acha que os turistas visitam o Pantanal?
36. Como foi o início do trabalho com turismo?
37. Por que a decisão de trabalhar com turismo?
38. Quais as mudanças mais representativas na vida sua pessoal desde o início do trabalho com a atividade turística?
39. Relate o início do trabalho com o turismo, as dificuldades, as alegrias, a superação, etc.
40. O que é natureza?
41. O que é ambiente?
42. Como é o seu relacionamento com a natureza?
43. Quais as pretensões para o futuro?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS:

44. Reside no Pantanal?
45. Em caso negativo, mantém uma agenda periódica de visitas à pousada?
46. Há quanto tempo a pousada está em atividade?
47. Qual o grau de dificuldade para conseguir mão de obra para a pousada?
48. A pousada exige algum tipo de qualificação profissional específica da área de turismo na contratação dos trabalhadores?
49. Onde os funcionários da pousada são qualificados/treinados?
50. Os funcionários são exclusivos da pousada?
51. Como é o relacionamento entre os funcionários?
52. Tem muita rotatividade de funcionários?
53. Quais as expectativas da pousada?
54. Tem planos de expansão?

55. Como é o abastecimento de alimento da pousada?
56. Qual o destino do lixo?
57. Tem muita rotatividade de funcionários?
58. Quais as dificuldades dos proprietários de uma pousada no Pantanal?
59. Qual a participação dos políticos e do estado no turismo do Pantanal?
60. Relate sobre o dia a dia na pousada, as dificuldades, as alegrias, os apoios institucionais, formas de investimento, os prejuízos, a superação, a experiência pessoal, valores dos passeios, novos moradores do Pantanal, manutenção, infraestrutura, etc.

4- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS DAS POUSADAS PANTANEIRAS INSTALADA EM FAZENDAS

1. Local de trabalho:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil:
7. Número de filhos:
8. Local de residência dos filhos:
9. Escolaridade dos filhos:
10. Profissão:
11. Há quanto tempo trabalha com turismo no Pantanal?
12. Por que começou a trabalhar com turismo?
13. Outros membros da sua família trabalham ou trabalharam?
14. Local de residência antes de morar no Pantanal?
15. Se pudesse escolher trabalharia com turismo ou prefere outras atividades profissionais?
16. Fez algum treinamento ou curso na área do turismo?
17. Se sim, qual?
18. Fala outras línguas?
19. Se sim, quais?
20. Como é feito o transporte para a cidade?
21. Quais são os pontos positivos do trabalho com o turismo?
22. Quais são os pontos negativos do trabalho com o turismo?
23. Como foi a adaptação ao turismo como profissão?
24. Sente-se satisfação no trabalho com o turismo?
25. Dê sua opinião sobre o turismo no Pantanal?
26. Dê sua opinião sobre o trabalho com o turismo no Pantanal?
27. Seus colegas compactuam da mesma opinião?
28. Como é a relação com os funcionários da pousada?

29. Como é a relação com o turista?
30. Eles conversam muito com você?
31. Se sim, algum assunto específico ou mais comum?
32. Qual a curiosidade dos turistas?
33. O que lhe agrada na relação com os turistas?
34. O que não lhe agrada na relação como o turista?
35. Por que você acha que os turistas visitam o Pantanal?
36. Como foi o início do trabalho com turismo?
37. Por que a decisão de trabalhar com turismo?
38. Quais as mudanças mais representativas na vida sua pessoal desde o início do trabalho com a atividade turística?
39. Relate o início do trabalho com o turismo, as dificuldades, as alegrias, a superação, etc.
40. O que é natureza?
41. O que é ambiente?
42. Como é o seu relacionamento com a natureza?
43. Quais as pretensões para o futuro?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS:

44. Reside no Pantanal?
45. Em caso negativo, mantém uma agenda periódica de visitas à pousada e à fazenda?
46. Há quanto tempo a fazenda está em atividade?
47. Há quanto tempo a pousada está em atividade?
48. Prefere trabalhar com o turismo ou com a pecuária?
49. Por quê?
50. Por que optou em trabalhar com o turismo, também, na fazenda?
51. O que representa o turismo para a fazenda?
52. Qual o grau de dificuldade para conseguir mão de obra para a pousada?
53. A pousada exige algum tipo de qualificação profissional específica da área de turismo na contratação dos trabalhadores?

54. Onde os funcionários da pousada são qualificados/treinados?
55. Os empregados dividem função entre a fazenda e a pousada?
56. Se sim, como foi a adaptação?
57. Como é o relacionamento entre os funcionários da fazenda e da pousada?
58. Tem muita rotatividade de funcionários?
59. Quais as expectativas da pousada?
60. Tem planos de expansão?
61. Como é o abastecimento de alimento da pousada?
62. Qual o destino do lixo?
63. Quais as dificuldades dos proprietários de uma pousada no Pantanal?
64. Qual a sua maior fonte de renda? Pecuária ou turismo?
65. Qual a participação dos políticos e do estado no turismo do Pantanal?
66. Relate sobre o dia a dia na pousada, as dificuldades, as alegrias, os apoios institucionais, formas de investimento, os prejuízos, a superação, a experiência pessoal, valores dos passeios, novos moradores do Pantanal, manutenção, infraestrutura, etc.

5- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EMPREGADOS DAS FAZENDAS E POUSADAS

1. Local de trabalho:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil:
7. Número de filhos:
8. Local de residência dos filhos:
9. Escolaridade dos filhos:
10. Profissão:
11. Há quanto tempo vive no Pantanal?
12. Há quanto tempo trabalha no Pantanal?
13. Há quanto tempo trabalha com pecuária no Pantanal?
14. Por que começou a dividir o trabalho entre a pecuária e o turismo pecuária?
15. Foi opcional ou um pedido do patrão?
16. Outros membros da sua família trabalham ou trabalharam com pecuária ou turismo?
17. Local de residência antes de morar no Pantanal?
18. Função que exerce na fazenda?
19. Gosta de trabalhar nessa função?
20. Função que exerce na pousada?
21. Gosta de trabalhar nessa função?
22. Gostaria de trabalhar em outras funções na pecuária ou o turismo?
23. Se pudesse escolher trabalharia com pecuária ou turismo no Pantanal?
24. Por que?
25. Como é dividido seu dia de trabalho entre o turismo e a pecuária?

26. Você recebe um salário para trabalhar na pecuária e outro para trabalhar no turismo?
27. Como é o pagamento do salário, semanal, quinzenal ou mensal?
28. Qual o valor da remuneração?
29. Possui registro em carteira?
30. Efetua o pagamento do INSS?
31. Recebe em espécie ou é feito um depósito bancário?
32. Como você administra seu salário?
33. Quem faz as compras de suprimento alimentício para os empregados?
34. Se for o fazendeiro, como o empregado paga, desconta do salário ou eles pagam à parte?
35. Em comparação com o emprego anterior, qual remunera melhor?
36. Como é a organização do descanso semanal?
37. Quantas horas diárias de trabalho?
38. Normalmente, qual o período anual das férias?
39. A fazenda oferece moradia?
40. Qual o valor descontado do salário para a moradia?
41. A fazenda oferece refeição?
42. Qual o valor descontado do salário para a refeição?
43. Como é feito o transporte do funcionário que optar por passar o período de descanso semanal ou mensal na cidade?
44. A fazenda oferece o transporte ou algum tipo de auxílio para isso?
45. Quais são os pontos positivos do trabalho com a pecuária?
46. Quais são os pontos negativos do trabalho com a pecuária?
47. Sente-se satisfação no trabalho com a pecuária?
48. Já trabalhou em outras atividades no Pantanal
49. Quais são os pontos positivos do trabalho com o turismo?
50. Quais são os pontos negativos do trabalho com o turismo?
51. Sente-se satisfação no trabalho com o turismo?
52. Dê sua opinião sobre a pecuária no Pantanal?
53. Dê sua opinião sobre o trabalho com a pecuária no Pantanal?

54. Dê sua opinião sobre o turismo no Pantanal?
55. Dê sua opinião sobre o trabalho com o turismo no Pantanal?
56. Seus colegas compactuam da mesma opinião?
57. Como é lazer na fazenda?
58. Como é a relação com os patrões?
59. Como é a relação com os colegas de trabalho?
60. Se você fosse fazer turismo, qual lugar gostaria de conhecer?
61. Quais lugares você conhece além do Pantanal?
62. Foi a passeio ou a trabalho?
63. Como é o lazer na fazenda?
64. Quais as mudanças mais representativas na vida pessoal nos últimos vinte ou trinta anos? (alimentação, renda, vestimenta, relacionamento, etc).
65. Relate sobre seu dia a dia na fazenda, as dificuldades, as alegrias, os apoios de patrões e colegas, a superação.
66. O que é natureza?
67. O que é ambiente?
68. Como é o seu relacionamento com a natureza?
69. Quais as pretensões para o futuro?

6- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EMPREGADOS DAS FAZENDAS

1. Local de trabalho:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil:
7. Número de filhos:
8. Local de residência dos filhos:
9. Escolaridade dos filhos:
10. Profissão:
11. Há quanto tempo vive no Pantanal?
12. Há quanto tempo trabalha no Pantanal?
13. Há quanto tempo trabalha com gado no Pantanal?
14. Por que começou a trabalhar com pecuária?
15. Qual atividade profissional exercia antes de trabalhar com a pecuária?
16. Durante esse período precisou trabalhar na cidade e retornou?
17. Se sim, local de trabalho e atividade.
18. Prefere trabalhar com pecuária ou outra atividade?
19. Se sim, qual e por que?
20. Outros membros da sua família trabalham ou trabalharam com pecuária?
21. Local de residência antes de morar no Pantanal?
22. Função que exerce na fazenda?
23. Gosta de trabalhar nessa função?
24. Gostaria de trabalhar em outras funções na pecuária?
25. Se pudesse escolher trabalharia com pecuária ou turismo no Pantanal?
26. Por que?
27. Como é o pagamento do salário na fazenda, semanal, quinzenal ou mensal?
28. Qual o valor da remuneração?

29. Possui registro em carteira?
30. Efetua o pagamento do INSS?
31. Recebe em espécie ou é feito um depósito bancário?
32. Como você administra seu salário?
33. Em comparação com o emprego anterior, qual remunera melhor?
34. Como é a organização do descanso semanal?
35. Quantas horas diárias de trabalho?
36. Normalmente, qual o período anual das férias?
37. A fazenda oferece moradia?
38. Qual o valor descontado do salario para a moradia?
39. A fazenda oferece refeição?
40. Qual o valor descontado do salario para a refeição?
41. Como é feito o transporte do funcionário que optar por passar o período de descanso semanal ou mensal na cidade?
42. A fazenda oferece o transporte ou algum tipo de auxílio para isso?
43. Quais são os pontos positivos do trabalho com a pecuária?
44. Quais são os pontos negativos do trabalho com a pecuária?
45. Sente-se satisfação no trabalho com a pecuária?
46. Já trabalhou em outras atividades no Pantanal
47. Já trabalhou exercendo outra função na atividade de turismo?
48. Dê sua opinião sobre a pecuária no Pantanal?
49. Dê sua opinião sobre o trabalho com a pecuária no Pantanal?
50. Seus colegas compactuam da mesma opinião?
51. Como é a relação com os patrões?
52. Como é a relação com os colegas de trabalho?
53. Se você fosse fazer turismo, qual lugar gostaria de conhecer?
54. Quais lugares você conhece além do Pantanal?
55. Foi a passeio ou a trabalho?
56. Como é lazer na fazenda?
57. Quais as mudanças mais representativas na vida sua pessoal nos últimos vinte ou trinta anos? (alimentação, renda, vestimenta, relacionamento, etc).

58. Relate sobre seu dia a dia na fazenda, as dificuldades, as alegrias, os apoios de patrões e colegas, a superação.
59. O que é natureza?
60. O que é ambiente?
61. Como é o seu relacionamento com a natureza?
62. Quais as pretensões para o futuro?

7- ROTEIRO PARA ENTREVISTA OS FAZENDEIROS

1. Local de residência:
2. Local de trabalho:
3. Idade:
4. Sexo:
5. Naturalidade:
6. Escolaridade:
7. Estado Civil:
8. Número de filhos:
9. Local de residência dos filhos:
10. Escolaridade dos filhos:
11. Profissão:
12. Há quanto tempo vive no Pantanal?
13. Há quanto tempo trabalha no Pantanal?
14. Quantos funcionários têm na fazenda?
15. Como é a distribuição dos empregados?
16. Qual o salário dos empregados por atividade?
17. Tem dificuldades para conseguir mão de obra?
18. Quais as características de um bom peão?
19. Qual a origem dos seus empregados?
20. A preferência para contratação é de empregado solteiro ou casado?
21. Tem acomodação para os empregados casados viverem com a família?
22. Onde as crianças que vivem na fazenda estudam?
23. Qual a periodicidade de ida dos empregados para a cidade?
24. Quem faz as compras de suprimento alimentício para os empregados?
25. Se for o fazendeiro, como o empregado paga, desconta do salário ou eles pagam à parte?
26. O recebimento do salário é em espécie ou outro tipo de moeda ou depósito bancário?
27. Os empregados são registrados como empregados rurais?

28. Como é feito o transporte, caso um empregado necessite de atendimento médico?
29. Quem paga pelo atendimento e transporte do empregado enfermo?
30. Há problemas com bebida na fazenda?
31. Como o fazendeiro administra o consumo de bebidas na propriedade?
32. Quando o casal é contratado, como se administra os problemas de relacionamento amoroso?
33. Como é a relação entre os empregados?
34. Como é a relação entre o patrão e os empregados?
35. Quando a fazenda foi adquirida?
36. Sempre foi o proprietário ou a recebeu como herança?
37. Quem era o antigo proprietário?
38. Como é o lazer na fazenda?
39. Tem fotos da fazenda?
40. Qual a participação dos políticos e do estado na pecuária do Pantanal?
41. Quais as mudanças mais representativas na vida pessoal nos últimos vinte ou trinta anos? (alimentação, renda, vestimenta, relacionamento, etc).
42. Relate sobre o dia a dia na pousada, as dificuldades, as alegrias, os apoios institucionais, formas de investimento, os prejuízos, a superação, a experiência pessoal, valores dos passeios, novos moradores do Pantanal, manutenção, infraestrutura, etc.
43. O que é natureza?
44. O que é ambiente?
45. Como é o seu relacionamento com a natureza?
46. Quais as pretensões para o futuro?

ROTEIRO PARA SEGUNDA RODADA DE ENTREVISTAS COM AS GENTES PANTANEIRAS, SEM DISTINÇÃO PROFISSIONAL

1. Relate seu tempo de infância no Pantanal.
2. Do que você mais sente saudade no Pantanal?
3. Quais eram as brincadeiras de criança no Pantanal?
4. Você brincava no rio?
5. Atualmente as crianças brincam no rio?
6. Os peões ainda se reúnem no galpão para contar “causos”?
7. Como é a infância das crianças no Pantanal atualmente?
8. Como era a relação com os animais?
9. Como era a relação com as pessoas?
10. Você estudava no Pantanal?
11. Quem ensinou a ler?
12. Como é o ensino agora?
13. Melhorou ou piorou?
14. Quem cuidava crianças?
15. Quem cuida das crianças agora?
16. O que é família?
17. Como é constituída sua família?
18. Qual a roupa do pantaneiro?
19. Você usa roupa de peão pantaneiro no seu trabalho?
20. Como é sua vestimenta?
21. Você é pantaneiro?
22. Por que?
23. Tem gente querendo ser pantaneiro, mas não é?
24. É chique ser pantaneiro?
25. Tá na moda ser pantaneiro?
26. Que tipo de música se ouve atualmente no Pantanal?
27. Que tipo de música se ouve nos dias atuais no Pantanal?
28. Que tipo de música você prefere?
29. Como era a rotina de trabalho antes?

30. Como é a rotina de trabalho agora?
31. Qual era melhor? Por que?
32. Fale sobre a “moeda boi”
33. E o trem?
34. Quais eram as providências quando uma pessoa ficava doente?
35. Já utilizou a carreta como meio de transporte?
36. Como você se movimenta para a cidade?
37. Onde o peão solteiro mora?
38. Quem faz a comida?
39. Quem lava a roupa?
40. Como eram as festas antigamente?
41. Como era o lazer há vinte ou trinta anos?
42. Como era a vida sem energia elétrica na fazenda?
43. Como se vive sem energia elétrica na fazenda atualmente?
44. O que se mostra do Pantanal para o turista?
45. O que se vende no Pantanal?
46. Qual a roupa ideal para trabalhar? Por que?
47. Você tem roupa de pantaneiro/a?
48. Os turistas perguntam sobre sua roupa?
49. Para trabalhar no campo é melhor cavalo, moto ou triciclo?
50. Você prefere usar botina ou chinelo?
51. Os peões se reúnem no galpão para contar “causos” para os turistas?
52. O que realmente existe no Pantanal, hoje, para o turista ver?
53. É possível um turista ver realmente o que acontece numa comitiva?
54. É possível um turista ver realmente o que acontece em um dia de campo?
55. Os turistas gostam de tirar fotos com você?
56. Tem muita gente nova/diferente no Pantanal hoje?
57. Você tem computador?
58. Você usa internet?
59. Você tem Facebook, Skype, e-mail?
60. Quais equipamentos eletrônicos têm na sua casa?

61. Quais seus programas favoritos na televisão?

62. Quais canais de TV são possíveis assistir no Pantanal?